

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Silvio Avila Domingues

**PERSPECTIVAS DE VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO GEO-MINEIRO DA LOCALIDADE DE MINAS DO
CAMAQUÃ (CAÇAPAVA DO SUL, RS)**

Santa Maria, RS
2016

Silvio Avila Domingues

**PERSPECTIVAS DE VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
GEO-MINEIRO DA LOCALIDADE DE MINAS DO CAMAQUÃ
(CAÇAPAVA DO SUL, RS)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof. Dr. André Weissheimer de Borba

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Domingues, Silvio Avila
Perspectivas de valorização e conservação do patrimônio geo-mineiro da localidade de Minas do Camaquã (Caçapava do Sul, RS) / Silvio Avila Domingues.- 2016.
133 p.; 30 cm

Orientador: André Weissheimer de Borba
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2016

1. Minas do Camaquã 2. Geoconservação 3. Geoturismo I. Borba, André Weissheimer de II. Título.

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Silvio Avila Domingues. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
E-mail: silviosad@gmail.com

Silvio Avila Domingues

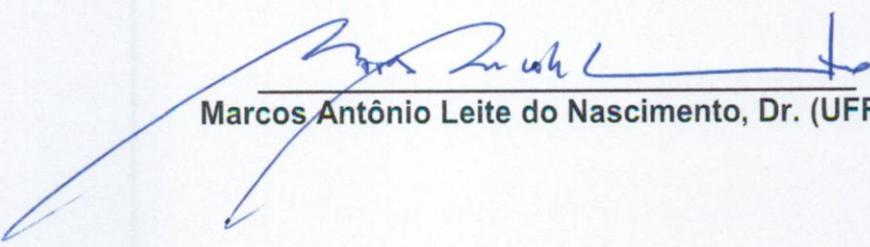
**PERSPECTIVAS DE VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
GEO-MINEIRO DA LOCALIDADE DE MINAS DO CAMAQUÃ
(CAÇAPAVA DO SUL, RS)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós
Graduação em Geografia, da Universidade
Federa de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Geografia

Aprovado em 1º de junho de 2016:

**André Weissheimer de Borba, Dr.
(Presidente/Orientador)**

Adriano Severo Figueiró, Dr.(UFSM)



Marcos Antônio Leite do Nascimento, Dr. (UFRN)

**Santa Maria, RS
2016**

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho percorrido até aqui, gostaria de agradecer a todas as pessoas que se fizeram presente e de alguma forma conseguiram me auxiliar para a concretização desta dissertação. De maneira especial agradeço:

Ao meu orientador André Borba que teve paciência gigantesca, acreditou em mim e também incentivou-me durante todo o período de escrita;

À minha família, que mesmo longe sempre esteve presente nos diversos momentos, mesmo aqueles momentos em que eu não podia dar a merecida atenção e souberam me compreender;

Às minhas famílias conquistadas durante esse período que sempre estiveram presente principalmente nas horas mais carentes;

Aos meus amigos que deram apoio, que emprestaram momentos de seu tempo para me ouvir e souberam entender minha ausência;

Aos grupos de pesquisa LAGED e PANGEA;

À Universidade pública e gratuita de qualidade em especial ao programa de Pós Graduação em Geografia pela oportunidade;

Aos órgãos de pesquisa e incentivo do governo federal que ainda fomentam a pesquisa da pós graduação e dos quais necessitamos que continuem investindo em alunos de pós graduação para que tenhamos pesquisas científicas de qualidade dado o momento de crise em que vivemos;

A toda sociedade que contribui com os impostos para que o país possa investir cada vez mais na educação de seus cidadãos.

RESUMO

PERSPECTIVAS DE VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO GEO-MINEIRO DA LOCALIDADE DE MINAS DO CAMAQUÃ (CAÇAPAVA DO SUL, RS)

AUTOR: Silvio Avila Domingues

ORIENTADOR: PROF. DR. André Weissheimer de Borba

A mineração quando em fase de operação possibilita muita abundância. Minas do Camaquã é um distrito no interior do município de Caçapava do Sul que viveu um momento de grande fluxo, época em que a extração mineral foi efetuada na localidade. É um lugar que chama atenção por sua relevância paisagística e isto proporciona a atração de visitantes, muitos destes, praticantes de esportes de aventura. Diante deste panorama esta dissertação tem como objetivo um plano de gestão para a localidade onde possam estar integradas as práticas de valorização e conservação do patrimônio geomineiro exposto na localidade, seu aproveitamento geoturístico, no qual apresentam-se estruturas mineiras abandonadas e também sua relação com os esportes de aventura. Foi possível definir para este plano locais representativos na Vila Minas do Camaquã em termos de evolução do local, com exemplos baseados em modelos de gestão nacionais e internacionais que se adequam em áreas que tenham passivo ambiental de mineração e que podem ser reaproveitadas. A contribuição da comunidade local quanto a perspectiva de futuro, levando em conta sua opinião para estruturação de conteúdo e locais para a implantação de painéis interpretativos didáticos que contenham informações sobre a formação geológica e história da localidade durante o período da mineração. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa qualitativa basearam-se em trabalho de campo onde foram entrevistados atores sociais da comunidade para que fossem pensadas as estratégias do plano de gestão bem como a definição dos pontos geológicos, geomorfológicos e históricos de relevante interesse na comunidade, a construção de conteúdo interpretativo deste patrimônio geomineiro existente na localidade e a confecção de um mapa geoturístico para que possam ser visitados os pontos mais relevantes da localidade. Para os resultados ficam as recomendações para um plano de gestão onde a localidade possa ser considerada um atrativo turístico, e que possa ser tratada como uma unidade territorial diferenciada semelhante a um “parque mineiro” ou um “museu de território”, fica a esperança do morador local em um retorno breve da mineração além de seu saudosismo referente a época em que a mineração funcionava. Existe a perspectiva para que futuramente a situação da comunidade seja melhor, que tenham assistência por parte do poder público quanto a parte de infraestrutura e equipamentos urbanos, além da assistência à saúde.

Palavras-chave: Minas do Camaquã. Geoconservação. Geoturismo.

ABSTRACT

PERSPECTIVES OF VALORIZATION AND CONSERVATION OF HERITAGE GEO-MINING OF LOCALITY MINAS DO CAMAQUÃ (CAÇAPAVA DO SUL, RS)

AUTHOR: SILVIO AVILA DOMINGUES
ADVISOR: PROF. DR. ANDRÉ WEISSHEIMER DE BORBA

Mining in operation phase allows very much. Minas do Camaquã is a district within the municipality of Caçapava do Sul who lived a moment of great flow, time when mining was carried out in the locality. It is a place that draws attention for its landscape importance and this provides the attraction of visitors, many of these, practitioners of adventure sports. Given this panorama this dissertation aims a management plan to the location where they can be integrated valuation practices and conservation of exposed geomineiro heritage in the locality, its geotouristic use, which present themselves abandoned mining structures and also their relationship with adventure sports. It was possible to set for this representative local plan in Vila Minas do Camaquã in terms of evolution of the site, with examples based on national and international management models that fit in areas that have environmental liabilities of mining and can be reused. The local community contribution as the future perspective, taking into account their opinion for structuring content and sites for the implementation of educational interpretive panels containing information on the geological formation and history of the town during the mining period. The methodological procedures of this qualitative research were based on fieldwork which were community stakeholders interviewed that were thought the management plan strategies and the definition of geological points, geomorphological and historical relevant interest in community building interpretive content of this existing geomining heritage in the locality and the construction of a geotouristic map so that the most relevant points of the locality can be visited. For the results are recommendations for a management plan where the town can be considered a tourist attraction, and it can be treated as a distinct territorial unit similar to a "mining park" or a "territory museum", is the hope of local resident in a brief return of mining beyond its nostalgia regarding the time when mining work. There is the prospect for future community situation is better, they have assistance from the government as part of infrastructure and urban facilities, in addition to health care.

Key Words: Minas do Camaquã. Geoconservation. Geoturism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema representativo das relações existentes entre os conceitos de geodiversidade, geossítios, patrimônio geológico, geoconservação e geoturismo.....	33
Figura 2 – Mapa de localização de Minas do Camaquã.....	39
Figura 3 – Imagem de localização da área de estudo.....	40
Figura 4 – Vista Parcial da Vila Minas do Camaquã.....	43
Figura 5 – O lago da mina a céu aberto, onde se pratica o “ <i>stand-up paddle</i> ”.....	44
Figura 6 – Pedra do Engenho, utilizada para escalada em rocha.....	45
Figura 7 – Pedra da Cruz, patrimônio geológico da área de estudo.....	46
Figura 8 – Resultados da autoavaliação do nível de conhecimento sobre a geodiversidade local, história local, bem como as opiniões sobre o melhor meio para divulgação das informações segundo os entrevistados.....	47
Figura 9 – Fluxograma do roteiro metodológico.....	50
Figura 10 – Casa de Pedra, atual sede do CTG Ronda Crioula, patrimônio Cultural das Minas.....	51
Figura 11 – Cine Rodeio, patrimônio cultural da Vila Minas do Camaquã.....	52
Figura 12 – Mosaico de imagens da depreciação do Cine Rodeio com o passar dos anos. Figuras A e B – Datam de jul. 2012; Figura C – Data de nov. 2013; Figuras D e E – Datam de maio 2015.....	53
Figura 13 – Clube dos trabalhadores das minas fundado em 1840, atual escritório empresa de exploração mineral.....	54
Figura 14 – Pedra do Engenho, patrimônio natural e cultural da Vila.....	55
Figura 15 – Morro da Estrela, patrimônio cultural e natural da Vila.....	56
Figura 16 – Galerias subterrâneas. A - galeria dos alemães; B - galeria dos belgas e poço do elevador; C - Poço do elevador; D - galeria dos belgas.....	57
Figura 17 – Pedra da Cruz sem seu símbolo (Cruz).....	58
Figura 18 – Imagem parcial da Vila Minas do Camaquã, observam-se extensos talhões de silvicultura próximos a Vila e em uma área mais afastada é possível verificar a vegetação nativa.....	60
Figura 19 – Imagem da Pedra da Cruz e sequencia de morros adjacentes.....	61
Figura 20 – Conjunto de geoformas da Pedra da Cruz e cerros adjacentes que se enquadram como monumento natural.....	62
Figura 21 – Registro do abandono do Cine Rodeio.....	65
Figura 22 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis.....	75
Figura 23 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis.....	76
Figura 24 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis.....	77
Figura 25 – Painel informativo interativo grande.....	78
Figura 26 – Mosaico com imagens de modelos dos painéis interpretativos pequenos.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVO	19
2.1	OBJETIVO GERAL.....	19
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
3	REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1	GEODIVERSIDADE, MINERAÇÃO E PATRIMÔNIO GEO-MINEIRO.....	21
3.2	GEOTURISMO E TURISMO MINEIRO	27
3.3	GEOCONSERVAÇÃO E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UC'S).....	31
3.4	INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL.....	34
3.5	PAISAGEM, PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL.....	36
4	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	39
4.1	A VILA MINAS DO CAMAQUÃ.....	42
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
5.1	FLUXOGRAMA DO ROTEIRO METODOLÓGICO	50
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
6.1	DIRETRIZES PARA UM PLANO DE GESTÃO	58
6.2	ENTREVISTAS COM ATORES LOCAIS.....	62
6.3	PASSADO E PRESENTE.....	63
6.4	A CHEGADA DA EMPRESA DE ESPORTES DE AVENTURA	67
6.5	A ESPERANÇA NO RETORNO DA MINERAÇÃO	68
6.6	DESEJOS PARA UM FUTURO PRÓXIMO.....	71
6.7	PALAVRAS E/OU FRASES QUE CARACTERIZEM AS MINAS DO CAMAQUÃ.....	72
6.8	PRODUTOS VISUAIS – MAPA GEOTURÍSTICO E PAINÉIS INFORMATIVOS	73
6.8.1	Mapa geoturístico	73
6.8.2	Configuração dos Painéis.....	73
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICES	89
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO: PESQUISA SOBRE AS EXPECTATIVAS DOS MORADORES LOCAIS	91
	APÊNDICE B – MAPA GEOTURÍSTICO DA LOCALIDADE DE MINAS DO CAMAQUÃ	93

1 INTRODUÇÃO

A atividade de extração mineral destina-se a atender a demanda por fontes de energia e matérias-primas essenciais à indústria. A mineração impacta o meio ambiente em todas as suas fases, desde as modificações provocadas na paisagem até o consumo e a contaminação dos recursos hídricos, que são largamente utilizados para o beneficiamento de determinados minerais. A mineração baseia-se em uma avaliação da viabilidade de extração do bem mineral (custo de extração x preço do bem extraído), o que envolve preços estabelecidos no exterior, e isto faz com que por vezes os empreendimentos de mineração sejam paralisados devido à flutuação do mercado deste setor (CETEM, 2007).

Estas áreas de exploração mineira, ao se tornarem inviáveis economicamente, acabam encerrando suas atividades e, muitas vezes, passam a constituir problemas socioambientais, não apenas pelo passivo de contaminação hídrica, contaminação do solo e impacto paisagístico, mas também pela estagnação da economia local e suas consequências no emprego e renda da população (GARCIA, 2014). Existem algumas possibilidades para que os danos causados pela exploração destes recursos sejam mitigados, como tentativa de recuperação das áreas socioambientalmente deterioradas. Esse reaproveitamento de áreas mineradas pode se dar através da instalação de equipamentos de uso público ou privado, seja com intuito cultural, educativo, turístico ou esportivo. No Brasil temos algumas destas áreas degradadas, hoje totalmente modificadas e com finalidades diferentes do propósito de exploração de outrora.

Hoje, algumas dessas áreas servem como palcos para shows e eventos, como a pedreira Paulo Leminski em Curitiba/PR (MINEROPAR, 2008), uma área destinada a espetáculos ao ar livre, que fica ao lado da Ópera de Arame, famoso teatro brasileiro. Outras constituem áreas de lazer, como a Pedreira do Chapadão em Paulínia/SP, um lugar que estava abandonado e foi reformulado há pouco tempo, hoje servindo como uma área de lazer para os moradores locais (PREFEITURA DE CAMPINAS, 2013). Outro exemplo interessante é o “parque geológico do Varvito”, uma antiga pedreira no município de Itu/SP e que hoje abriga um monumento geológico aberto à visitação (ROCHA-CAMPOS, 2002). Além dessas pedreiras, tem-se também antigas minas subterrâneas, como a Mina da Passagem, em Mariana/MG, local onde era extraído ouro, e que atualmente é

conhecido como a maior mina de ouro aberta à visitação pública do mundo (GARCIA, 2014). No Rio Grande do Norte, há o caso da Mina Brejuí que, mesmo em operação na extração de minerais de Volfrâmio (scheelita), reserva vários metros de galerias para visitação, além de dois museus e das dunas de rejeito (MINA BREJUÍ, 2016). Existem também diversos exemplos internacionais que também tratam sobre áreas mineiras abandonadas e que atualmente servem como áreas turísticas como é o caso das Minas de Mazarrón no sudeste de Espanha, áreas estas que tiveram um novo destino, hoje servem como atrativos turísticos.

Essas áreas que sofreram processos de mineração e que passaram por uma reabilitação, seja ela um remanejamento ou alterações feitas com objetivo de atrair o público para estes locais, possuem uma considerável dimensão patrimonial, como registro de uma atividade industrial/econômica passada e suas transformações territoriais e paisagísticas. Isso, aliado a um patrimônio geológico relevante, pode ser trabalhado conjuntamente como “patrimônio geo-mineiro” (CARVALHO et al., 2011).

A vila Minas do Camaquã, situada na divisa entre os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, no centro-sul do Rio Grande do Sul, região rica em minérios metálicos sulfetados, chegou a ser a maior produtora de cobre do país na década de 1970. Após o encerramento das atividades, em 1996, a vila onde moravam os funcionários da empresa mineradora ficou abandonada durante mais de uma década, levando a um processo de redução drástica de sua população. Recentemente, começou a se processar na região um movimento de resgate socioeconômico, inclusive com a implantação de um empreendimento especializado em esportes de aventura.

A vila e as instalações mineiras abandonadas estão inseridas em um entorno de alto valor geomorfológico, com cerros ruiformes desenvolvidos sobre conglomerados e arenitos avermelhados dispostos em camadas inclinadas. Essas camadas são parte integrante da “Bacia do Camaquã”, importante conjunto de unidades geológicas do Neoproterozóico e Paleozóico inferior (BORBA, 2006). Por possuir este valor geológico-geomorfológico pode-se dizer que Minas do Camaquã possui um belíssimo e quase inexplorado patrimônio geo-mineiro.

A localidade é um território empobrecido que teve seu auge durante a exploração do cobre e hoje está em relativo abandono, vive entre a possibilidade de um retorno da mineração e a possibilidade de um outro modelo de futuro mais sustentável e centrado no turismo.

A proteção e a valorização do patrimônio geo-mineiro da vila Minas do Camaquã, no entanto, continuam como questões em aberto. Que oportunidades esse patrimônio oferece às comunidades locais e aos municípios onde está situado? Quais são suas reais perspectivas, diante do atual panorama econômico e de exploração da área?

No campo da conservação do patrimônio geo-mineiro, é impossível não abordar os temas da gestão dessas áreas e também das unidades de conservação da natureza (UC). Neste trabalho, pretende-se investigar as diretrizes de um possível plano de gestão para as Minas do Camaquã, bem como a adequabilidade de implantação de uma UC naquela área, e qual sua tipologia mais adequada. Para isso, será considerada a necessidade de integração e convívio das seguintes dimensões: (1) proteção das formas de relevo e dos ecossistemas; (2) esportes de aventura (uma realidade já implantada, em consolidação); (3) aproveitamento geoturístico das feições geológico-geomorfológicas e das estruturas mineiras abandonadas (cava a céu aberto, edifícios históricos, galerias subterrâneas), em um tipo de equipamento turístico semelhante a um “parque mineiro”; (4) reinserção dos antigos trabalhadores das minas no mercado de trabalho, possivelmente como guias de geoturismo; e (5) educação ambiental e geopatrimonial de crianças, jovens e da comunidade em geral.

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Elaborar, para a localidade de Minas do Camaquã (Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, RS), um plano de gestão que contemple a conservação e a valorização do seu patrimônio geo-mineiro, integrando (a) unidades de conservação no âmbito do SNUC, (b) aproveitamento geoturístico da localidade e de seus habitantes, e (c) o atual panorama de exploração por empresa privada de esportes de aventura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Revisar a evolução geológica, geomorfológica, histórica, territorial e paisagística da localidade de Minas do Camaquã, definindo quais locais são mais representativos dos diferentes eventos ali registrados;
- Definir, à luz de exemplos nacionais e internacionais bem-sucedidos, quais os modelos de gestão que melhor se encaixam com o reaproveitamento e a conservação de áreas que tenham passivo ambiental de exploração mineira;
- Idealizar o conteúdo e os melhores locais para a implantação de painéis interpretativos didáticos, com informações sobre a formação geológica e o desenvolvimento histórico da mineração de metais da área em estudo;
- Analisar a cognição de alguns atores sociais e líderes comunitários quanto ao passado, presente e futuro da localidade;
- Definir conteúdo técnico-científico, na área de geociências, em linguagem adaptada e acessível, para subsidiar a montagem de palestras e/ou oficinas de 'guia de geoturismo' para os moradores da localidade de Minas do Camaquã.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 GEODIVERSIDADE, MINERAÇÃO E PATRIMÔNIO GEO-MINEIRO

A natureza compõe-se de elementos bióticos, representados pelos seres vivos; e abióticos, a estrutura física que sustenta a vida. Nesse contexto, o conceito de biodiversidade, relacionado à natureza viva, foi idealizado por Edward Wilson, do National Research Council / National Academy of Sciences (NRC/NAS), em 1985, enquanto planejava a realização do 1º fórum sobre diversidade biológica (WILSON; PETER, 1988). Por outro lado, para a natureza “não viva”, foi cunhado o termo geodiversidade. Gray (2004), em seu livro “*Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*”, explica que o termo geodiversidade é relativamente recente, pois começou a ser utilizado pelos cientistas a partir da década de 1990, e que, além de divulgar os elementos não vivos da natureza, este termo serviria também para auxiliar na conservação destes elementos.

A geodiversidade é definida, segundo Stanley (2000, p. 7), como a “variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra”. Com foco nos produtos, Gray (2004, p. 8) conceitua geodiversidade como “a variedade natural de feições ou elementos geológicos (rochas, minerais, fósseis), geomorfológicos (formas de relevo ou processos ativos) e de solo, incluindo suas associações, relações, propriedades, interpretações e sistemas”.

Nascimento et al. (2008a) referem que, para alguns autores, o conceito de geodiversidade é mais restrito, relacionado apenas a minerais, rochas e fósseis, enquanto para outros pode ser mais amplo, integrando também os processos que atuam na gênese desses materiais. O Serviço Geológico do Brasil – CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Naturais), em livro organizado por Silva (2008) define geodiversidade como:

[...] natureza abiótica (meio físico) constituída por uma variedade de ambientes, fenômenos e processos geológicos que dão origem às paisagens, rochas, minerais, solos, águas, fósseis e outros depósitos superficiais que propiciam o desenvolvimento da vida na Terra, tendo como valores intrínsecos a cultura, o estético, o econômico, o científico, o educativo e o turístico (SILVA, 2008, p. 12).

Deste modo, geodiversidade é o todo; é tudo o que existe de natureza abiótica. É a variedade natural de produtos e processos geológicos que hoje existem ou que deram origem ao que hoje se observa no planeta Terra. São todas as classes minerais, todos os tipos de rochas, todas as feições que mostram como foi a formação, deformação ou alteração daquelas rochas, todos os fósseis e todas as formas de relevo que ocorrem no planeta.

De acordo com Brilha (2005), a geodiversidade condiciona a biodiversidade, pois são os materiais extraídos dos solos e rochas absorvidos pelos vegetais que os tornam seres vivos. Desta forma, as parcelas biótica e abiótica da natureza apenas existem em conjunto porque uma é condição de existência da outra. Mantesso (2010) alude um exemplo marcante de influência da geodiversidade sobre a biodiversidade onde exemplifica: “(...) a nidificação de certas aves, como águias, e muitas aves de regiões litorâneas, que ocorre só (ou pelo menos de preferência) em penhascos. Um elemento geomorfológico influenciando a vida” (MANTESSO, 2010, p. 2).

A evolução da civilização também foi determinada pela geodiversidade. Os assentamentos humanos sempre foram condicionados pela disponibilidade de alimento, condições climáticas favoráveis, locais abrigados e materiais disponíveis para que fossem construídos abrigos (BRILHA, 2005). Estruturas de defesa também se adaptaram às características da geodiversidade, como é o caso de castelos e fortificações, que se instalaram quase sempre em locais com cotas elevadas, para permitir uma visualização sobre grandes extensões de terra.

Brilha (2005) justifica a proteção e a conservação de algo porque se atribui algum valor para o mesmo, seja este de cunho sentimental, cultural, econômico ou outro. Para que a geodiversidade continue sendo conservada, diversos autores fundamentam teorias a fim de evidenciar seus valores e interesses. As propostas de Gray (2004) discriminam os valores, intrínseco, cultural, estético, econômico, funcional, científico e educativo da geodiversidade. O valor intrínseco (o valor que algo possui simplesmente por existir) é certamente o valor mais subjetivo, pois depende das perspectivas filosóficas e religiosas de cada sociedade e cultura. “A geodiversidade terá um valor intrínseco independente da sua maior ou menor valia para o homem” (BRILHA, 2005, p. 34).

O valor estético atribuído à geodiversidade é também subjetivo e de difícil quantificação, pois decidir se uma paisagem é mais bonita que outra é algo

inevitavelmente discutível, mas não se pode negar que todas as paisagens naturais possuem algum tipo de valor estético. A quantificação deste valor varia de acordo com o ponto de vista da pessoa que observa determinada paisagem influenciada por sua bagagem pessoal e cultural. Além de estar presente na apreciação da paisagem pelo turista, que faz isto de forma instintiva e agradável, o valor estético da geodiversidade também possui grande relevância na produção artística; muitas obras que hoje são patrimônio cultural da humanidade foram inspiradas na geodiversidade (BRILHA, 2005).

O valor cultural está associado à interdependência entre o desenvolvimento social, cultural e/ou religioso da sociedade e o meio físico que a rodeia. Relaciona-se com a geomitologia, termo sugerido por Gray (2004) para designar quando um determinado aspecto geológico é explicado pela população com base em justificativas transcendentais. Podem-se considerar alguns aspectos folclóricos associados à geomitologia, onde há a associação de aspectos particulares da paisagem com imagens conhecidas. O valor cultural traz aspectos sociais e culturais dos diferentes grupos humanos, como história, toponímia, arqueologia, artefatos, construções, produtos e processos produtivos, entre outros.

O valor funcional, conforme introduzido por Gray (2004), pode ser encarado sob duas perspectivas: “o valor da geodiversidade *in situ* de caráter utilitário para o homem” (BRILHA, 2005, p. 38), como em um sistema aquífero utilizado para fornecimento de água a uma população; e “o valor da geodiversidade enquanto substrato para a sustentação dos sistemas físicos e ecológicos para a superfície terrestre” (BRILHA, 2005, p. 39), que remete às funções ecossistêmicas das rochas e de suas estruturas e feições.

São inegáveis os valores educativo e científico apresentados pela geodiversidade. Por meio destes valores podem-se fazer investigações e pesquisas, o valor científico mostra o domínio das ciências da Terra e traz embasamento no estudo de amostras da geodiversidade. O valor educativo permite o contato direto com a geodiversidade, e isto faz com que sejam possíveis pesquisas na área de educação em ciências da terra (BRILHA, 2005).

Por fim, o valor econômico da geodiversidade pode ser um dos valores mais compreensíveis. Este é um valor que pode ser mensurável por isso objetivo e de fácil compreensão; traz uma visão da geodiversidade como fonte de recursos minerais. “Estamos habituados a atribuir um valor econômico a praticamente todos

os bens e serviços, pelo que compreendemos facilmente que as rochas, os minerais, os fósseis tenham também o seu valor econômico” (BRILHA, 2005, p. 37).

Para além destes aspectos, a geodiversidade adquire também um valor econômico uma vez que necessitamos de minerais não metálicos e metálicos para produzir toda uma panóplia de produtos e bens dos quais nos tornamos dependentes. É difícil conseguir lembrarmo-nos de um bem ou produto que não tenha necessitado, em alguma fase da sua produção, de materiais geológicos (BRILHA, 2005, p. 38).

A valorização econômica da geodiversidade vai além das gemas (safiras, rubis, diamantes, etc.) que possuem grande valor de mercado. O valor econômico da geodiversidade começa pela dependência dos seres humanos na produção e consumo de energia (a partir de combustíveis fósseis, como carvão e petróleo) e vai além, desde o recurso essencial à vida humana, que é a água, até materiais geológicos essenciais na construção civil (BRILHA, 2005). A exploração mineral surge com a ideia de progresso e crescimento econômico, na busca por matérias-primas essenciais à indústria e por combustíveis fósseis com a finalidade de geração energética. Junto com a exploração vêm também os problemas ambientais que são inerentes ao progresso.

A mineração é uma atividade industrial importante e necessária, embora possa produzir impactos ambientais nas fases de extração, beneficiamento, refino e fechamento de mina. Ela tem sido considerada uma atividade que tem causado problemas de poluição sonora, da água e do ar, erosão e subsidência do terreno. Também têm sido associadas à mineração questões sociais, como: conflitos pelo uso do solo, depreciação de imóveis circunvizinhos, geração de áreas degradadas e transtornos ao tráfego urbano (MEDINA, 2015, p. 37).

A atividade de mineração constitui-se em muitos locais como a base econômica, gerando riquezas para as populações que dela dependem, além de ter sido um elemento muito importante para a industrialização dos países (RUIZ, 2011). A mineração é uma atividade que também transforma a paisagem e a cultura da localidade onde se desenvolve, com consequências muitas vezes irreversíveis. Desta atividade extrativa tão intensa resultam as paisagens compostas de um patrimônio cultural, industrial e mineiro, que podem ser conservadas, recuperadas e, se devidamente valorizadas, podem transformar-se numa ferramenta de revitalização do território, principalmente através do turismo. Por possuir algumas características específicas, uma paisagem pode tornar-se um patrimônio, em grande parte devido a excepcionalidades existentes em determinado local. A paisagem

torna-se um patrimônio até mesmo quando esta exerce uma função social. Diante disto, paisagem e patrimônio conversam muito bem, pois o patrimônio natural é considerado a “chave” para a interpretação e funcionamento de uma paisagem.

As áreas de mineração desativadas, vistas como um problema por muitos, são também relatos da história, parte da identidade cultural de determinados grupos. O patrimônio mineiro compreende os elementos materiais, como construções, maquinários, oficinas, galerias; mas também a cultura mineira que a comunidade desenvolveu ao longo dos períodos de exploração. E essa cultura mineira é também capaz de garantir conhecimento para as gerações futuras e para outras minas a serem implantadas em outros lugares, assim (re)valorizando o local após o fim da extração mineral (VALENTE; FIGUEIREDO, 2008). A busca de meios de proteção e preservação destas áreas é algo que está em constante estudo, por se tratar de áreas degradadas que necessitam de uma nova função. A contaminação decorrente da exploração mineral também é fator relevante e que afeta estas áreas exploradas. Neste caso, para que haja uma preservação destas áreas, é necessário um plano de manejo que faça a descontaminação da mesma, afim de que seja possível a visitação sem que exista qualquer prejuízo a saúde dos visitantes que por ela passar (CORREIA; SÁ; FAVAS, 2012).

Este tipo de patrimônio ainda é pouco valorizado no Brasil. Na Europa, a partir da década de 90, a Espanha começou a perceber a potencialidade do patrimônio mineiro e avançou seus instrumentos de planificação, revisando no ano de 2011 o *Plan de Patrimonio Industrial*, que aborda a necessidade de

[...] protección, conservación, y proyección social de este patrimonio que es considerado como testimonio fundamental para comprender y documentar un período clave de nuestra historia y articular las bases de su conservación, debido a su rápida transformación y deterioro (RUIZ, 2011, p. 137).

O patrimônio mineiro está diretamente ligado ao patrimônio geológico, ou geopatrimônio, que, conforme Borba (2011), consiste no conjunto de geossítios ou geomonumentos (elementos geológicos e geomorfológicos) de um determinado território, ou seja, aqueles pontos que melhor representam a geodiversidade de uma determinada região e que melhor contam sua história evolutiva. Os geossítios, segundo Brilha (2005), são locais delimitados geograficamente, onde podem ocorrer um ou mais elementos da geodiversidade com singular valor do ponto de vista

científico, pedagógico, cultural, turístico ou outro. Complementando, Nascimento et al. (2008) apontam que todo patrimônio geológico faz parte da geodiversidade, mas nem toda geodiversidade é considerada um patrimônio geológico.

Ruchkys e Machado (2013) apontam que regiões com patrimônio geológico de destaque podem ter, também, um grande potencial mineral, ou mesmo um histórico prévio de empreendimentos de extração mineral. Nos empreendimentos onde a extração mineral já não está ativa, as galerias desativadas, as instalações e os equipamentos podem constituir um “patrimônio mineiro”, que é tratado em muitos casos como um tipo especial de patrimônio industrial ou até mesmo patrimônio cultural, o qual possui também certa atratividade turística, sendo assim um potencial educativo substancial. A associação desses dois tipos de patrimônio, tomados em conjunto, por sua íntima relação, tem sido focalizada no âmbito da geoconservação como “patrimônio geológico e mineiro”, ou simplesmente “patrimônio geo-mineiro” (CARVALHO et al., 2011), termo que será empregado ao longo deste trabalho.

Transformar o local da extração, atividade privada e de trabalho, fonte de renda de muitas pessoas em um espaço de uso coletivo, que de certa forma não terá mais como principal objetivo a exploração, envolve diretamente questões financeiras. A exploração mineral proporciona um lucro bem maior se comparada com outras atividades. Este processo traz o homem como peça fundamental, uma vez que não se devem excluir outros elementos que também são importantes na questão da revitalização. Os impactos não recaem somente sobre o homem, mas também se refletem no meio ambiente, no cenário de inserção da mina, enquanto o homem foca apenas no emprego, no subsídio financeiro. O processo de revitalização de uma mina é bastante complexo, pois tendenciosamente há uma relativização do espaço durante e pós-mina que não envolve apenas o meio ambiente, mas também a população local, em sua maioria os próprios trabalhadores, e os órgãos públicos competentes (VALENTE; FIGUEIREDO, 2008).

O texto de Barbosa (2012), sobre os “espaços industriais esquecidos no tempo”, mostra o espaço industrial como cenário onde existe uma relação entre ruína e paisagem, abordando a conservação do geopatrimônio. As pessoas devem saber por que aquele local deve ser conservado, encarando a ruína como parte de um novo ciclo que pode ser explorado. O autor divide a área das Minas da Panasqueira (em Covilhã, no centro de Portugal) em três partes além de fazer um levantamento de detalhe sobre as construções mineiras abandonadas e a vila onde

moravam os mineradores. Devido à ocorrência de diversas alterações naquela localidade, a paisagem foi mudando com o passar do tempo; as pessoas foram acostumando e se adaptando ao conjunto industrial, bem como às modificações que tomaram outras formas, como as lavras a céu aberto, por exemplo. Algumas das instalações das Minas da Borralha (em Montalegre, no extremo norte de Portugal), possuem rochas como xisto e granito utilizados na construção de galpões que beneficiavam minério. Em seus estudos sobre essas tradicionais minas de Volfrâmio em Portugal, Barbosa (2012) afirma a necessidade de estratégias de conservação para que seja aproveitado o que já existe como patrimônio natural, cultural e construído para continuar em uma nova fase que atraia visitantes para o local, sensibilizando os mesmos para o reconhecimento dos testemunhos industriais. Se esta sensibilização não existir, corre-se o risco de que este patrimônio seja perdido, devido ao esquecimento. Para isto seria interessante que existissem algumas propostas como uma musealização das ruínas existentes nesses locais, fazendo com que essa arquitetura seja comunicativa por meio de programas lúdicos e culturais, e buscando apoios que façam com que a população permaneça no local, e de certa forma que exista um pouco de quebra da monotonia cotidiana (BARBOSA, 2012).

As ruínas, sejam industriais, habitacionais, monumentos e artefatos, são elementos históricos, artísticos e culturais que colocam o passado no presente, dando-lhes vida. Com elas temporalizamos o espaço e especializamos o tempo (Barbosa, 2012, p. 67).

3.2 GEOTURISMO E TURISMO MINEIRO

Hose (2010), autor da primeira citação científica sobre geoturismo, o conceitua como o provisionamento de serviços e facilidades interpretativas no sentido de permitir aos turistas a compreensão e cognição de conhecimentos de um sítio geológico e geomorfológico ao invés da simples apreciação estética. Em outra citação de Hose (2000), o geoturismo é a disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovem o valor e os benefícios sociais de lugares com atrativos geológicos e geomorfológicos, assegurando sua conservação, para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesses recreativos e de ócio.

Moreira (2008) afirma que o geoturismo vem crescendo a cada ano, apresentando-se como uma nova tendência em termos de turismo em áreas naturais. Com uma ênfase particular na conservação e educação ambiental e patrimonial, o geoturismo utiliza e explora atrativos turísticos geológicos e geomorfológicos, baseando-se no fato de que interpretar o ambiente em relação aos processos que o modelaram pode ser uma ferramenta de educação ambiental, proporcionando um melhor aproveitamento dos recursos que a natureza oferece.

O geoturismo, portanto, é um turismo de conhecimento, de informação, no qual o turista deixa a região mais informado, com mais conhecimento sobre a natureza, a geologia, a geomorfologia, e sobre como essas variáveis influenciam ou influenciaram a formação da cultura daquele local. Fazer com que o turista saia informado não é dar aulas de geologia/geomorfologia/geografia ao turista. O sentido é dar alguma informação e despertar a curiosidade, muito mais do que fornecer informações puramente científicas. O geoturismo pode até ter o prefixo “geo”, mas continua sendo turismo; e turismo é diversão, turismo é experimentar sensações, turismo é para ser agradável.

Brilha (2005) afirma que o geoturismo precisa ser implantado depois de estar montada uma coerente e sólida estratégia de geoconservação, de modo a assegurar a manutenção do interesse do patrimônio geológico que justifica o próprio geoturismo. Pois, apesar dos diferentes graus de abrangência do termo geoturismo, se trata de uma atividade que está intrinsecamente ligada à geodiversidade e à geoconservação. Neste contexto, ao integrar o natural e o cultural, o geoturismo apresenta grande interação com o ecoturismo e com o turismo cultural, confirmando o princípio de que a identidade cultural de um determinado território se forja em estreita relação com a base física que lhe dá suporte.

Um espaço mineiro, de acordo com Alves; Valente & Leal Gomes (2010), constitui:

[...] uma porção elementar de território em cujo substrato ou superfície, com maior ou menor exuberância natural e industrial, ocorreu aproveitamento de recursos minerais, persistindo vestígios documentais, sociais e sociológicos, topográficos, arquitectónicos, geoestruturais e paragenéticos relacionáveis com a lavra mineira (GOMES et al., 2010, p. 1).

Como exemplo de turismo em espaços mineiros têm-se, no sudeste da Espanha, as Minas de Mazarrón e Cartagena (LÓPEZ-GARCÍA et al., 2011), antigas

áreas de mineração hoje sem viabilidade exploratória e que funcionam como atrativos geoturísticos, onde é possível admirar de onde e de que forma eram extraídos o chumbo (Pb), a prata (Ag) e o zinco (Zn). Por ilustrarem de forma perfeita a relação entre vulcanismo e formação de depósitos metálicos, Mazarrón e Cartagena são locais privilegiados para pesquisa e educação, atraindo a visita de professores e estudantes de ciências geológicas da Espanha e outros países europeus. López-Garcia et al. (2011) trazem algumas considerações ambientais sobre essas minas, chegando a propor uma proteção desses lugares e questionando: se a mineração é tão importante para a sociedade, por que então estes locais geralmente são excluídos do patrimônio geológico? Em termos de lazer e turismo, destaca-se a atuação do Consórcio Turístico da Serra Mineira, que realiza importantes ações para melhorar as condições ambientais, preservando e promovendo o patrimônio geo-mineiro através, inclusive, de visitas a minas subterrâneas.

Outro exemplo está localizado no Geoparque Arouca (centro-norte de Portugal), onde se encontram as Minas Regoufe e Rio de Frades que, além de possuírem atrativos geoturísticos, têm a finalidade de expor as memórias do passado. Por meio de pesquisas feitas com a população local, houve o resgate histórico de documentos anteriormente utilizados nas minas, que trazem consigo a reconstrução do passado destas localidades. Estes documentos são preservados e também estão sendo estudados para que possa existir uma exposição dos mesmos

Correia; Sá e Favas (2015) abordam algumas avaliações e iniciativas que devem ser implementadas para que estas áreas anteriormente degradadas hoje sejam preservadas e conservadas. Um inventário dos locais e equipamentos de interesse, acompanhado de um diagnóstico do estado atual das instalações, são os primeiros passos, seguidos de acordos com os proprietários atuais. Uma restauração das instalações e dos acessos é importante, para que o visitante tenha uma ideia de como funcionava a mineração enquanto ativa e, ao mesmo tempo, não corra riscos em sua visita. Também relacionadas à segurança estão as atividades de limpeza e sinalização de todos os setores da antiga mina.

Além dos itens anteriormente abordados, é necessário também que exista um conjunto de estruturas de apoio. Entre estas estruturas está um centro de interpretação, que carrega vários tipos de informações sejam elas de cunho

educacional, cultural ou técnico, sem esquecer que essas informações devem ser traduzidas e interpretadas para um público geral (CORREIA; SÁ; FAVAS, 2015).

Para que antigas minas estejam acessíveis ao público, são necessários investimentos que podem variar de local para local. Um grande exemplo disto são as minas existentes na Itália, como o Centro Mineiro Vale Imperina, onde foram investidos cerca de € 6.500 (seis mil e quinhentos Euros), enquanto que para o Museu Mineiro da Província de Ridanna-Monteneve foram investidos cerca de € 16.000.000 (dezesesseis milhões de Euros). Diante deste alto investimento que se faz necessário para estas áreas o retorno do mesmo pode demorar bem mais se comparado a outros investimentos no setor de turismo (GAROFANO; GOVONI, 2012). Entre os anos de 1995 a 2006, de acordo com dados econômicos disponíveis, foram investidos cerca de 54 milhões de euros em recuperação de locais mineiros abandonados na Itália, e logo após o investimento ser feito, a visitação a estes locais começou a ser maior. Foram identificadas na Itália cerca de 20 entidades jurídicas que gerenciam áreas de mineração em recuperação, estas entidades são geridas por parcerias público-privadas. Estas parcerias contribuem mutuamente com a administração destes locais, onde metade é gerida pelo setor público e outra metade por empresas privadas. As empresas privadas são submetidas a diferente estatuto jurídico, a partir de voluntários associados, isto faz com que a responsabilidade por parte das empresas seja limitada (GAROFANO; GOVONI, 2012). Uma análise feita em 35 minas turísticas na Itália, e com base nos resultados de 21 destas, demonstrou um resultado econômico de significativo valor, onde esses locais recebem anualmente a visitação de cerca de 215.000 turistas, sendo cobrado um pequeno preço de entrada que varia de 4 até 15 Euros (GAROFANO; GOVONI, 2012).

No Brasil, além da Mina da Passagem, em Mariana/MG, existe o exemplo da Mina Brejuí, na região do Seridó, interior do Rio Grande do Norte (NASCIMENTO et al., 2008). Aquele local, que já foi um dos maiores produtores de scheelita (minério de Tungstênio ou Volfrâmio, W) da América do Sul, hoje é um importante parque temático, incluindo visitação a galerias subterrâneas, tendo somado mais de 26 mil visitantes entre 2000 e 2008 (NASCIMENTO et al., 2008).

Em Portugal, o Estado está investindo na criação do Programa Nacional de Sítios Mineiros Abandonados. Um dos objetivos deste programa é a preservação

dessas áreas naturais/culturais após seu uso intensivo onde também possam ser aproveitados os materiais outrora utilizados, sobretudo para visitação turística.

Para aproximar os visitantes, após o inventário, a delimitação precisa da área e as iniciativas de segurança e acessibilidade, a abordagem deve ser multidisciplinar, fazendo com que o ponto de vista determinante desde o início seja geológico. Estas áreas devolutas são tratadas em Couto Mineiro de Lagares do Estanho em Vila Nova de Paiva como “unidade territorial diferenciada”, um local que pode ser valorizado como lugar de interesse geomineiro (ALVES; VALENTE; LEAL GOMES, 2010).

Nesses espaços, o Estado pode intervir, mas a população deve ser consciente e ter a percepção do quanto é importante pensar que os recursos naturais renováveis carecem de um tempo, um grande intervalo de tempo, para que se transformem novamente em um recurso renovável explorável. É importante para uma população que tem como fonte de renda a exploração pensar e ou planejar uma outra alternativa que não apenas a exploração, para que a mesma não se sinta perdida quando a mineração já não estiver mais operando, não gerar lucro (ALVES; VALENTE; LEAL GOMES, 2010).

3.3 GEOCONSERVAÇÃO E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UC'S)

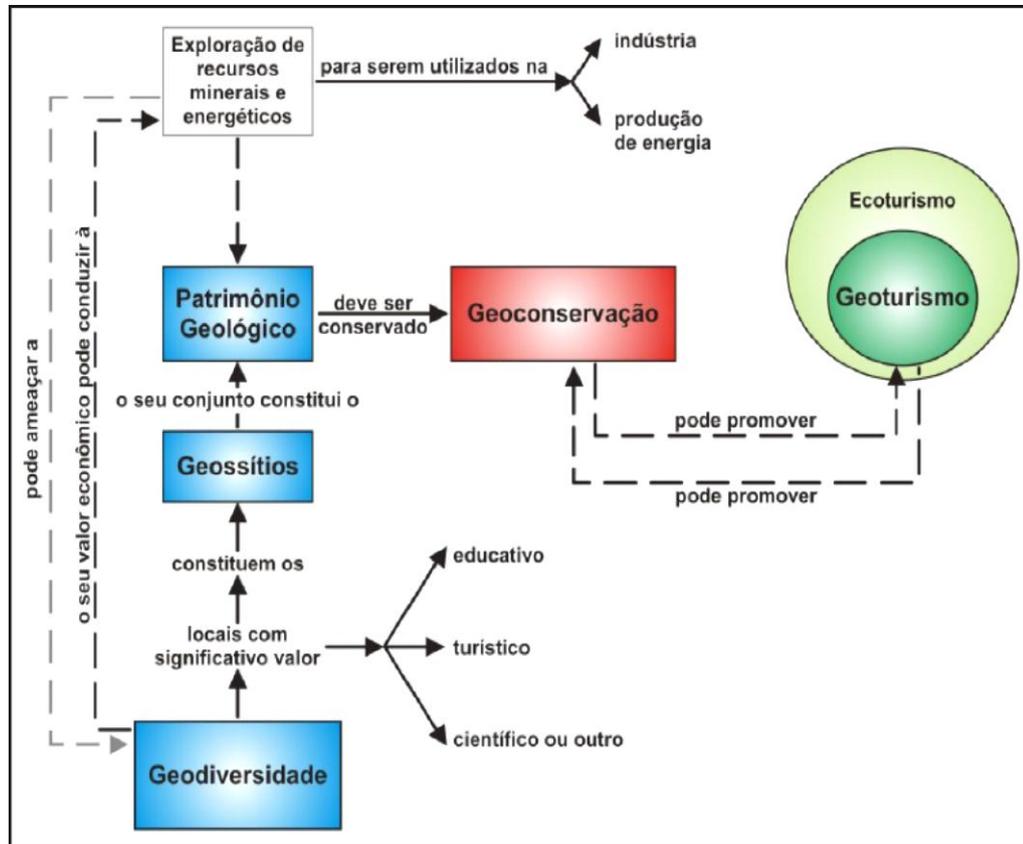
A geoconservação é ainda desconhecida de grande parte da sociedade. É um termo que ainda não possui uma definição consensual entre os especialistas, podendo ser interpretada como todo o ramo das geociências que estuda o patrimônio geológico (HENRIQUES et al., 2011) ou apenas como as estratégias destinadas à sua proteção, valorização e divulgação por exemplo (BORBA, 2011). De modo geral, pode-se dizer que a necessidade de conservar determinado geossítio (local de interesse geológico) é igual à soma de seu valor mais as ameaças que o mesmo enfrenta. A geoconservação tem como objetivo a proteção da diversidade natural (ou geodiversidade) de significativos aspectos e processos geológicos, geomorfológicos e de solo, mantendo a evolução natural desses aspectos e processos.

O termo geoconservação vem sendo utilizado com mais frequência somente nos últimos 30 anos e tornou-se mais popular principalmente após a criação da Rede Mundial de Geoparques em 2004. Seus desafios englobam:

(a) o envolvimento da comunidade; (b) o esclarecimento da relação geoconservação/exploração de recursos geológicos; (c) a definição de uma estratégia nacional de geoconservação integrando todas as vertentes (científica, divulgação e geoturismo); (d) a integração nas políticas nacionais de conservação da natureza, ordenamento do território e educação; e (e) o envolvimento de empresas, políticos locais, associações de defesa do ambiente, de educação ambiental e de ecoturismo (BRILHA, 2005).

A geoconservação pode mostrar-se de duas maneiras. Uma mais vasta que busca o uso e a gestão sustentável de toda geodiversidade, juntando todos os tipos de recursos geológicos, e uma maneira com sentido mais restrito que entende apenas a conservação de certos elementos da geodiversidade que evidenciem qualquer tipo de valor superlativo. Amplas discussões podem passar a existir de acordo com a necessidade e implementação de estratégias de geoconservação. Os fundamentalistas defendem que tudo que apresente algum tipo de valor deve ser conservado, para os outros apenas devem ser conservados os mais elevados expoentes da geodiversidade (BRILHA, 2005; NASCIMENTO, 2008). Em síntese, os conceitos de geoconservação, geoturismo, patrimônio geológico e geodiversidade estão relacionados como podemos ver no diagrama abaixo (Figura 1).

Figura 1 – Esquema representativo das relações existentes entre os conceitos de geodiversidade, geossítios, patrimônio geológico, geoconservação e geoturismo



Fonte: Araújo (2005, p. 41).

As estratégias de geoconservação consistem na concretização de uma metodologia de trabalho que visa sistematizar as tarefas no âmbito da conservação do patrimônio geológico de uma dada área. Estas tarefas são agrupadas nas seguintes etapas sequenciais: realização de um inventário, quantificação, enquadramento legal, conservação, valorização, divulgação e, por fim, monitoramento. A geoconservação (HENRIQUES et al., 2011) constitui-se de um conjunto de iniciativas no sentido de identificar, avaliar, proteger, valorizar, divulgar e utilizar de forma sustentável o patrimônio geológico de um território, ou seja, os locais que melhor representam sua geodiversidade e evolução geológica. Essa nova tendência nas geociências percebe os elementos da geodiversidade não mais apenas como “recursos minerais”, priorizando, em vez disso, seus valores culturais, ecológicos, estéticos e funcionais, bem como seu potencial turístico. Nesse sentido, a geoconservação focaliza: (1) a proteção legal do geopatrimônio em unidades de conservação; (2) a educação geopatrimonial e ambiental; (3) o geoturismo, um tipo

de turismo sustentável onde os principais atrativos sejam os geomonumentos mais destacados de uma região (BORBA, 2014).

No que tange à proteção legal do geopatrimônio, o primeiro instrumento a ser considerado é a Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000, a qual instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, que define unidade de conservação como:

[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (Lei nº 9.985/2000 – Art 2º I).

Ao longo da evolução das preocupações ambientais no Brasil, houve a designação de diversas figuras de proteção do meio ambiente, por diferentes instituições federais, estaduais e municipais. No ano 2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC veio para unificar essas figuras legais, definindo 12 categorias de manejo, classificadas em dois grandes grupos: unidades de conservação (UC) de “proteção integral” e de “uso sustentável”. O grupo de UC de proteção integral tem como objetivo principal a preservação da natureza, e nesses espaços admite-se apenas o uso indireto de seus recursos naturais. Já o grupo de UC de uso sustentável tem a finalidade de compatibilizar a conservação da natureza com algumas atividades humanas, por meio de um uso sustentável de parte de seus recursos naturais (NEVES et al., 2002). Para a conservação do geopatrimônio, os trabalhos de Borba et al. (2013) e Silva et al. (2015) já sugeriram que as categorias mais adequadas de UC, no âmbito do SNUC, são o Monumento Natural (proteção integral) e a Área de Proteção Ambiental (uso sustentável), com possibilidade de sobreposição, e ainda as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), de titularidade privada.

3.4 INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

A interpretação ambiental/geopatrimonial não foge das demais linhas de interpretação, ou seja, as interpretações ambientais, culturais, etc. Freeman Tilden (1957), considerado o pai da interpretação, define-a como “a atividade educativa que almeja despertar significado e identificação entre o visitante e o conteúdo focalizado,

através do uso de objetos originais ou outros meios ilustrativos, e não apenas comunicar informações baseadas em fatos".

Tilden (1957, p. 09), elaborou seis princípios de comunicação interpretativa destinados a atrair o turista que, além de diversão, busca conhecimento:

- (a) qualquer interpretação que não se relacione de alguma forma com o que está sendo visto ou descrito, para alguma coisa que o visitante busca, é dispensável;
- (b) interpretação é a revelação com base em informações; informação por si só não é interpretação; são coisas diferentes, porém toda interpretação inclui informações;
- (c) a interpretação é uma arte que combina muitas artes, onde os materiais apresentados são de cunho científico, histórico ou arquitetônico; como qualquer forma de arte, ela pode ser ensinada;
- (d) o principal objetivo da interpretação não é a instrução, mas a provocação;
- (e) a interpretação deve ter como objetivo apresentar um todo ao invés de uma parte, e deve ser dirigida a todos os tipos de pessoa ao invés de apenas um tipo ou faixa etária determinado;
- (f) a interpretação dirigida a crianças (por exemplo, até doze anos de idade) não deve ser uma diluição da apresentação para adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente.

Para Paul Risk (1982), interpretação é exatamente o que a palavra significa: "a tradução da linguagem do ambiente, em geral técnica e complexa, em uma forma não-técnica (sem perder significado nem precisão), com o propósito de criar sensibilidade, consciência, compreensão, entusiasmo e comprometimento no visitante". De acordo com Morales (1983), a interpretação deve "(...) ser suficientemente sugestiva para estimular o indivíduo a uma mudança de atitude ou à adoção de certa posição ou conduta". Resta importante salientar, ainda, que existem dois grandes grupos de "*meios de interpretação*": (1) os personalizados ou guiados, com a intervenção de um membro da equipe (guia); e (2) os autoguiados, sem intervenção de pessoas, mas sim através de recursos preparados com antecedência, como painéis interpretativos, folhetos, vídeos, áudio-guias, entre outros.

3.5 PAISAGEM, PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL

Scifoni (2008) afirma que a noção de patrimônio natural é relativamente recente, tendo surgido na década de 1970, por meio da UNESCO, e que a partir de então foi difundida internacionalmente. Porém, há relatos de que sua origem seria anterior, advinda da necessidade de atribuição de um caráter patrimonial a monumentos, que primeiramente seriam apenas históricos e artísticos, para depois englobar também sítios naturais.

Podem-se perceber dois caminhos no sentido da construção da ideia de patrimônio natural, de acordo com Scifoni (2006). Um desses caminhos diz respeito ao plano mundial, onde o patrimônio natural está amparado como expressão de grandiosidade e beleza que, por sua vez, traz um sentido de monumentalidade como preocupação estética. Dessa forma, sugere também intocabilidade, ou seja, grandes testemunhos da natureza que são poupados da intervenção humana. Além disso, a mesma autora sugere que, no Brasil, a partir de algumas experiências regionais, o patrimônio natural passou a ser considerado como conquista da sociedade, bem como uma noção ligada às práticas sociais e à memória coletiva. Portanto um patrimônio natural não se opõe a vida humana e sim, antes de tudo faz parte da mesma (SCIFONI, 2006).

Em 1972 ocorreu a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural em Paris. Nessa reunião houve a necessidade de discutir sobre a valoração e a proteção dos elementos no campo cultural e áreas naturais. A discussão deste encontro evoluiu para a constatação da intensa degradação ambiental gerada nas transformações da vida social e econômica (RIBEIRO; ZANIRATO, 2008).

Chegou-se à ideia de que uma paisagem cultural que fosse inserida na Lista Mundial de Patrimônio da Humanidade deveria expressar formas específicas de interação entre a cultura e o meio físico. Paisagens que proporcionassem provas manifestas de sua dinâmica natural ao longo do tempo e paisagens associativas, determinadas pela associação de significados simbólicos não imediatamente tangíveis a natureza, também foram valorizadas.

Paisagem é um termo comum utilizado no cotidiano por toda a sociedade, em geral associado a algo considerado belo para si. Na ciência geográfica, porém, paisagem é um conceito muito debatido e elaborado. Segundo Tricart (1982, p. 15):

a noção de paisagem diferencia-se desde então, do senso comum do termo. Este permanece puramente descritivo e vago, pois que não existe necessidade de precisar na paisagem os elementos que a constituem. Paisagem pode descrever um conteúdo emotivo, estético, intrinsecamente subjetivo do próprio fato. Ao contrário, o conceito científico de paisagem abrange uma realidade que reflete as profundas relações, frequentemente não visíveis, entre seus elementos. A pesquisa dessas relações é um tema de investigação regida pelo método científico. [...] a paisagem, na concepção vulgar do termo, nada mais é do que a ponta do iceberg. Ao pesquisador, cabe estudar toda a parte escondida para compreender a parte revelada.

Tricart (1982, p. 18), enfatiza que “uma paisagem é uma porção perceptível a um observador onde se inscreve uma combinação de fatos visíveis e intenções as quais, num dado momento, não percebemos o resultado global”. Para Bertrand (1968) uma paisagem é resultante de três componentes principais: o potencial abiótico, que agrupa todos os elementos abióticos; a exploração biótica, que abrange o conjunto das comunidades vegetais e animais; e por fim a utilização antrópica responsável pela interferência nos dois primeiros. Estes três elementos fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em constante evolução. Ao constatarmos a paisagem como um elemento natural, não se deve esquecer que as implicações da ação antrópica e, portanto, cultural, também integram a paisagem.

Nogué (2012) afirma que a paisagem está repleta de lugares que incorporam experiências e aspirações das pessoas, que estes locais se transformam em centros de significados simbólicos, pois expressam pensamentos, ideias e inúmeras emoções. A paisagem não só apresenta o mundo como ele é, mas também de alguma maneira a construção deste mundo, a forma como ele é visto. A paisagem é uma construção social e cultural, ancorada em um material – o substrato físico. Não é um sonho; é, ao mesmo tempo, uma realidade física e uma representação cultural, a aparência externa, visível de uma determinada parte da superfície da terra e da percepção individual e social gerada; é a interpretação tangível e intangível geográfica.

O ser humano sente-se parte de uma paisagem quando estabelece uma grande cumplicidade com a mesma. As pessoas podem identificar-se com uma ou várias paisagens ao mesmo tempo, e pela mesma razão podem sentir-se enraizadas em um ou vários outros lugares (NOGUÉ, 2012).

Em outro trecho Nogué (2012), traz um relato que diz:

El paisaje ha sido y es un ingrediente fundamental del sentido de lugar de mucha gente, a pesar de que los lugares —y sus paisajes— han acusado el impacto de las telecomunicaciones, de la mayor velocidad de los sistemas de transporte, de la mundialización de los mercados, de la estandarización de las modas, de los productos y de los hábitos de consumo. De hecho, la gente sigue sin resignarse a que le eliminen de un plumazo la idiosincrasia de sus paisajes. La conflictividad territorial hoy existente es una prueba de ello (NOGUÉ, 2012, p. 29).

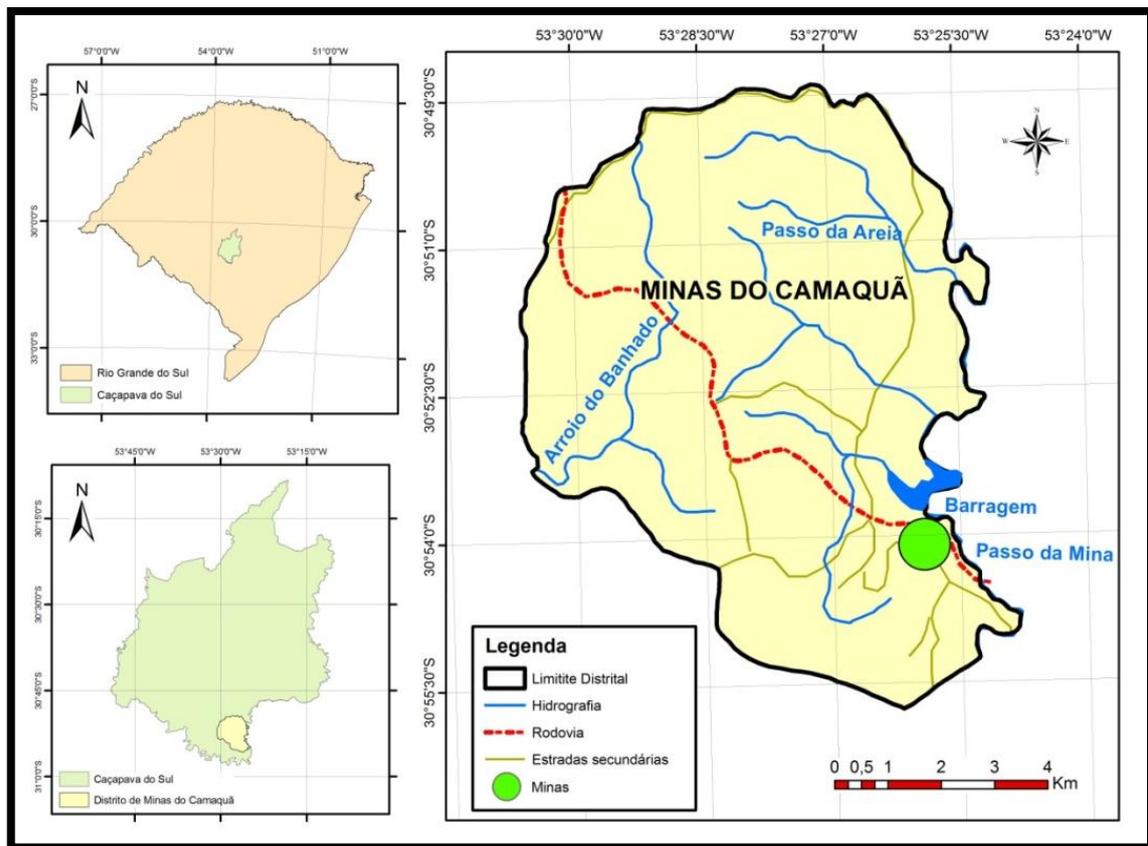
Uma das reflexões a serem feitas por meio deste relato é pensar o quanto a humanidade está em um processo acelerado, sempre em busca de novas tecnologias e “modernidades” entre tantas outras coisas que por vezes não são necessárias. Nesta fase de grandes avanços tecnológicos podem-se observar as paisagens mais belas do mundo a qualquer momento. Uma vez que se dispõe de meios virtuais, é possível chegar a qualquer parte do mundo através de um clique. Pode existir alguma exceção, alguma paisagem ou lugar que ainda não tenha sido “clicado”, ou melhor ainda, um local desconhecido, remoto, do qual o ser humano ainda não conseguiu se aproximar. Com todo este advento tecnológico a paisagem se transforma, mesmo que esta paisagem seja simples, por meio de efeitos fotográficos a mesma pode tornar-se um local de grande exuberância paisagística.

Estas tecnologias, que podem transformar a paisagem, ajudam a transmitir um pensamento, até mesmo um sentimento. “A paisagem possui um grande potencial comunicativo” (NOGUÉ, 2012, p. 27), inclusive sendo explorada pelos profissionais da comunicação por meio de propagandas. Estas propagandas buscam na paisagem um apelo emotivo, apelo este que será transmitido em segundo plano para o consumidor de forma com que a paisagem que está por trás do produto que se deseja vender surpreenda e o consumidor sintá-se levado a adquirir o produto desejado.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A localidade denominada de Vila Minas do Camaquã (Figura 2) está situada na divisa entre os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, nos domínios do Escudo Sul-riograndense e da bacia hidrográfica do rio Camaquã (RONCHI; LOBATO, 2000).

Figura 2 – Mapa de localização de Minas do Camaquã



Fonte: Domingues (2016).

A geodiversidade local inclui rochas sedimentares antigas, pertencentes ao contexto geológico da “Bacia do Camaquã” (entre 600 e 500 milhões de anos de idade), portadoras de mineralizações de sulfetos metálicos disseminados e em veios (PAIM; LOPES, 2000; BORBA, 2006). Em termos geomorfológicos, possui cerros de grande destaque na paisagem, com características ruiniformes, desenvolvidos sobre arenitos conglomeráticos e conglomerados com estratificações cruzadas. É um importante sítio geológico-metalogenético que representa um marco da história da mineração de cobre no Brasil, um clássico distrito mineiro do Rio Grande do Sul que

já se constituiu na principal reserva de cobre conhecida do sul do Brasil (PAIM, 2000). A vila (Figura 3) foi se desenvolvendo de acordo com as oscilações da produção do cobre e hoje possui espaços urbanos e edifícios que são testemunhos dessas várias épocas.

Figura 3 – Imagem de localização da área de estudo



Fonte: Google Maps (2015); Org.: Domingues (2016).

Para Ronchi & Lobato (2000), a vila pode ser dividida em setores para efeito de análise. Minas a céu aberto e subterrânea compõe o setor mineiro, neste mesmo setor encontra-se uma infraestrutura com edifícios e galpões utilizados para armazenagem de maquinários, instrumentos e veículos necessários a extração dos minerais, além de edifícios administrativos. Constituindo testemunhos de sua história está o segundo setor, este organizado em vários níveis e dimensões, que é o setor dos alojamentos e residências. Prédios e espaços públicos como hospital, praça, escola, cinema, igreja, hotel, supermercado, clube, o ginásio e o CTG entre outros representam o terceiro setor. Toda essa grande estrutura se encontra abandonada desde o fechamento da mina em 1996.

A Vila Minas do Camaquã desenvolveu-se devido à exploração do cobre, que iniciou em meados de 1865 por mineiros ingleses que garimpavam ouro em Lavras do Sul. Essa descoberta resultou na localização da jazida e na abertura de uma galeria, conhecida como “Galeria dos Ingleses”, localizada no flanco leste do Cerro João Dias. A empresa inglesa, chamada “*Rio Grande Gold Mining Limited*”, explorou a área até meados de 1887 (PAIM et al., 2000). A partir de 1888 iniciou uma segunda fase na exploração por empresários alemães, que implementaram a lavra de um filão de calcopirita e pirita, localizado na face norte da elevação onde hoje situa-se a Mina São Luiz. Desse filão era extraído, e selecionado manualmente, o minério mais rico (teor médio de 15%-20% Cu) o qual era então exportado para a Inglaterra. Os empresários foram desestimulados a continuar a exploração em 1899 devido ao aumento no preço dos transportes e à queda no preço do cobre.

As atividades retornaram em 1901, comandadas por uma companhia belga, que intensificou as atividades de mineração com a abertura de uma nova galeria, conhecida como “Galeria dos Belgas”, localizada no flanco oeste do cerro João Dias, cuja atividade subterrânea atingiu mais de 100 m de profundidade abaixo da cota mais alta do cerro da mina. Essa companhia instalou uma usina de concentração do minério que produzia, a partir de uma fração residual com 7% Cu, um minério concentrado com 30% Cu (teores similares ao minério selecionado manualmente) e construiu uma barragem, no Arroio João Dias, visando ao fornecimento de energia. O empreendimento belga também finalizou a exploração por causa de uma nova queda no valor do cobre em 1908 (SILVA, 2008; RONCHI; LOBATO, 2000).

Entre os anos de 1928 e 1940 realizaram-se vários estudos exploratórios na região, os quais resultaram na criação da Companhia Brasileira do Cobre (CBC) em 1942, tendo como principais acionistas o Estado do Rio Grande do Sul e o Grupo Pignatari. Em 1957, esse grupo privado passou a controlar a CBC, situação que perdurou até 1974, quando o Governo Federal comprou a empresa. No ano de 1975 a exploração foi suspensa, sendo retomada em 1981 utilizando técnicas mecanizadas, mas o teor de cobre ficou abaixo das projeções. Em 1988, a CBC foi colocada a leilão, mas não foi arrematada e acabou sendo comprada por seus funcionários, que criaram a Bom Jardim S.A., empresa que levou as atividades mineiras até 1996, quando ocorreu o fechamento definitivo do empreendimento devido ao esgotamento total das reservas economicamente viáveis conhecidas (RONCHI; LOBATO, 2000). Houve, ainda, tentativas de investimento em silvicultura

de eucaliptos e pinheiros por parte dos antigos mineiros, com o estabelecimento de talhões dessas espécies exóticas, mas o empreendimento não obteve o resultado esperado.

De acordo com Paim et al., (2000ab) no que concerne à estratigrafia da região, a sucessão aflorante compreende três unidades aloestratigráficas relativamente mais deformadas (alógrupos Bom Jardim, Cerro do Bugio e Santa Bárbara), afetados por dobras abertas e falhas gravitacionais e direcionais. Essas rochas são sobrepostas por uma unidade predominantemente horizontal (Alogrupo Guaritas), afetada apenas por uma deformação rúptil de caráter direcional e gravitacional.

4.1 A vila Minas do Camaquã Figura 4 foi instalada, durante o ciclo do Grupo Pignatari (SILVA, 2008; GARCIA, 2014), para servir como local de moradia aos trabalhadores da mineração, constituindo assim uma “*company town*”. Uma estrutura autossustentável foi criada no local pelo Grupo Pignatari para atender as necessidades dos funcionários que trabalhavam na exploração. Havia água potável e uma usina hidrelétrica própria. As edificações (casas estratificadas segundo a posição do funcionário na empresa, e mais cinema, hospital e igreja) existem ainda hoje e, no entanto, muitas se encontram abandonadas (RONCHI; LOBATO, 2000). A vila foi se desenvolvendo de acordo com as oscilações da produção de cobre e hoje possui espaços urbanos e edifícios que são testemunhos dessas várias fases (RONCHI; LOBATO, 2000; STRÖHER, 2000. p. 56).

Após todas essas transformações territoriais, a paisagem local é composta pelas áreas degradadas pela mineração (como galerias abandonadas e mina a céu aberto), por extensos talhões de silvicultura, pelas casas e instalações abandonadas. Como pano de fundo, há um patrimônio geológico espetacular, com cerros ruiformes produzidos pelo basculamento e pelo desgaste de conglomerados aluviais avermelhados da “Bacia do Camaquã”. Segundo Degrandi (2011), a vila, suas edificações, os equipamentos e as minas atualmente desativadas “contam” parte da história de um importante ciclo da economia caçapavana e até mesmo brasileira na mineração de cobre.

Figura 4 – Vista Parcial da Vila Minas do Camaquã



Vista de cima do Cerro da Estrela.
Fonte: Domingues (2012).

Em 2013 houve o arrendamento de toda área da antiga CBC a um empresário local que, ao longo do referido ano, implantou o empreendimento de esportes de aventura considerado como um parque temático de aventura ao ar livre (www.minas.rs). O empreendimento se utiliza da paisagem local, além dos sítios naturais existentes ali e que servem de base para a prática destes esportes de aventura, como por exemplo: (a) o lago da mina a céu aberto, onde se pratica o “*stand-up paddle*”, tipo de prancha a remo (Figura 5); (b) a Pedra do Engenho, que é utilizada para escalada em rocha (Figura 6); e (c) a Pedra da Cruz (Figura 7), utilizada como ponto de prática de tirolesa. Além de proporcionar lazer e esportes de aventura na natureza aos seus clientes, a empresa ainda oferece opções de hospedagem e alimentação. Os esportes de aventura fazem com que haja uma maior circulação de pessoas pelo local, constituindo uma nova fase na evolução histórica da vila, mais voltada ao turismo.

Evidentemente, é importante realizar estudos sobre as melhores maneiras de conciliar o turismo e os esportes oferecidos pela empresa de esportes de aventura com a temática da conservação da natureza. Algumas das atividades implantadas pelo empreendimento, como *motocross* e quadriciclos *off-road*, trazem impactos relacionados ao ruído, à pressão sobre espécies raras ou endêmicas, entre outros, e

carregam consigo além da poluição sonora, a poluição atmosférica e do solo, bem como a deterioração da trafegabilidade das estradas (já precárias) de acesso à vila.

Figura 5 – O lago da mina a céu aberto, onde se pratica o “*stand-up paddle*”



Fonte: Domingues (2013).

Figura 6 – Pedra do Engenho, utilizada para escalada em rocha

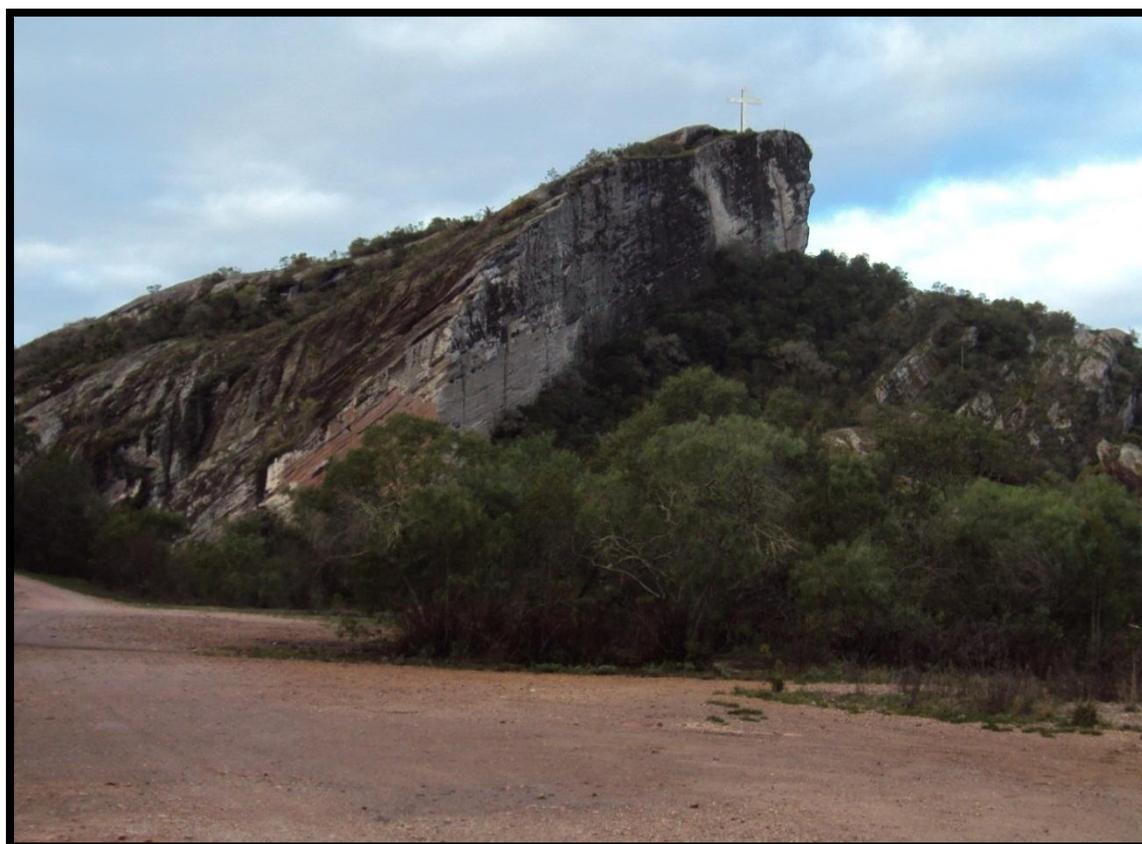


Fonte: Domingues (2013).

Assim, a Vila Minas do Camaquã possui um patrimônio geológico e mineiro com significativo potencial para o desenvolvimento de iniciativas de geoconservação que envolvam a difusão da informação de maneira integrada com a atividade

turística e com a prática dos esportes de aventura. O patrimônio geológico dessa região representa uma riqueza ainda praticamente inexplorada, mas com grande potencial turístico e educativo. Através de um planejamento, com parcerias entre instituições públicas e privadas, com foco no geoturismo, é possível aproveitar toda a infraestrutura que a atividade mineira deixou no local visando ao desenvolvimento endógeno. Uma área que já foi um território de exploração mineral e, mais recentemente, de abandono e isolamento, tem grande potencial para transformar-se em um “território de conhecimento”. A Pedra da Cruz (Figura 7) é um destes pontos com potencial para o desenvolvimento de iniciativas de geoconservação, pois se trata de um patrimônio geológico da área de estudo.

Figura 7 – Pedra da Cruz, patrimônio geológico da área de estudo

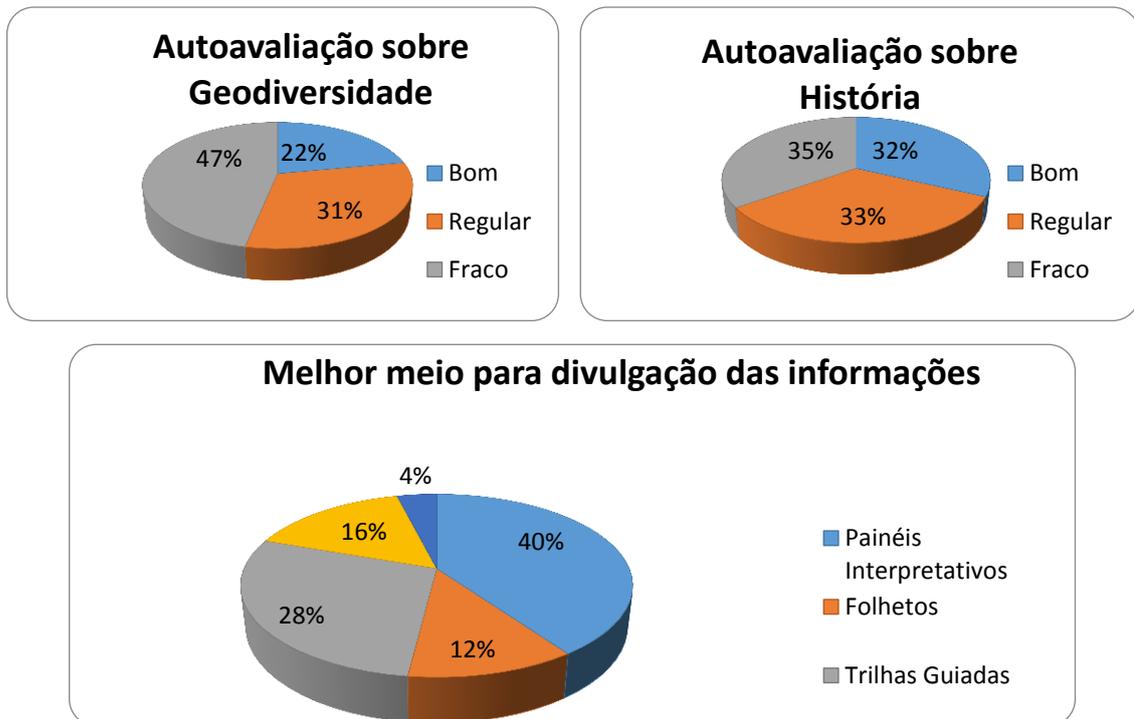


Fonte: Domingues (2013).

Finalmente, torna-se relevante a citação a trabalhos prévios sobre a percepção geral sobre as potencialidades do geoturismo na área de estudo, os quais foram apresentados por Domingues (2013) e Garcia (2014). Durante o I Festival Gaúcho de Esportes de Aventura, promovido pela empresa de esportes de aventura,

foram entrevistadas 108 pessoas, principalmente esportistas participantes do evento, moradores e antigos moradores. Os resultados (Figura 8) podem ser sintetizados da seguinte forma: (a) estimulados a realizarem uma autoavaliação de seu nível de conhecimento sobre a geodiversidade local (com as opções “bom”, “regular” ou “fraco”), a maior parte respondeu que o considerava “fraco” (47%), e que gostaria de receber informações sobre essa temática durante a estada no local (98%); (b) da mesma forma, em uma autoavaliação sobre seu nível de conhecimento sobre a história da localidade, houve um virtual empate entre as opções (“bom”, “regular” ou “fraco”, 33% para cada uma), mas também gostariam de receber tais informações; e (c) sobre a melhor forma de obter tais informações (geodiversidade e história), 40% dos entrevistados citaram os painéis interpretativos, enquanto 28% referiram as trilhas guiadas (DOMINGUES, 2013; GARCIA, 2014).

Figura 8 – Resultados da autoavaliação do nível de conhecimento sobre a geodiversidade local, história local, bem como as opiniões sobre o melhor meio para divulgação das informações segundo os entrevistados



Fonte: Domingues (2013).

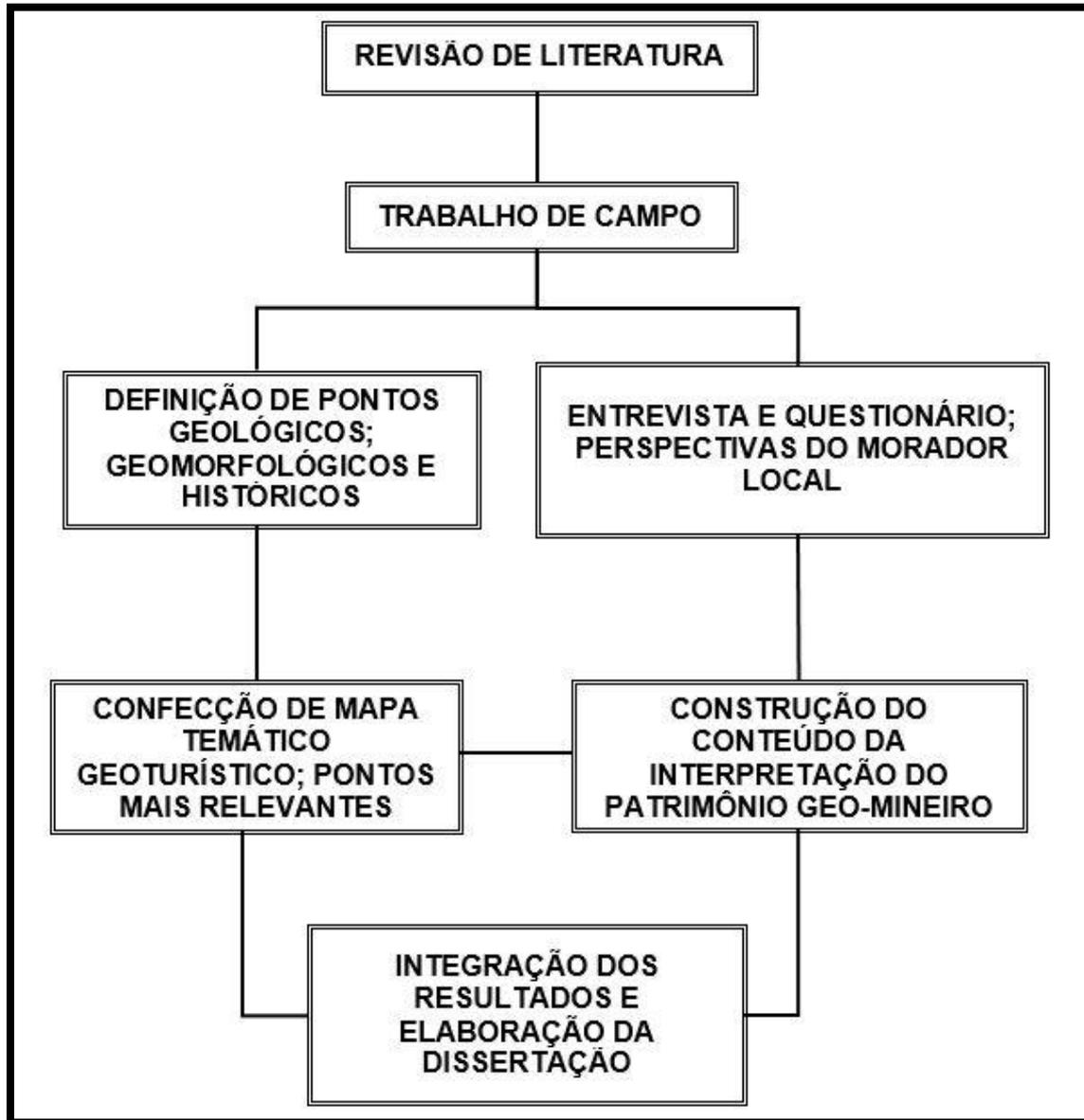
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a execução deste trabalho, foram cumpridas as seguintes etapas metodológicas:

- (1) Revisão bibliográfica dos seguintes conceitos e ferramentas: geodiversidade, geopatrimônio, patrimônio geo-mineiro, geoconservação, paisagem, patrimônio cultural e natural, interpretação ambiental/geopatrimonial, bem como uma revisão sobre a geodiversidade, a história e a evolução da localidade de Minas do Camaquã e de seu entorno;
 - (2) Saídas a campo (realizadas desde 2013 na área, e também ao longo do desenvolvimento deste trabalho) para a definição dos melhores pontos para observação e interpretação dos aspectos geológico-geomorfológicos e dos fatos relacionados à história da mineração no local; registro fotográfico e obtenção de coordenadas desses pontos com aparelho de GPS Garmin®Etrex;
 - (3) Construção do conteúdo e do design de propostas de painéis interpretativos do patrimônio geo-mineiro por meio do software Sketchup®, onde foram confeccionados um painel interpretativo interativo de tamanho aproximado 1,80m x 2,20m e outros oito painéis pequenos com medidas de aproximadamente 1,10m x 0,50m;
 - (4) Entrevistas e aplicação de um questionário aberto para captar as impressões de líderes comunitários e outros atores sociais da localidade de Minas do Camaquã sobre o passado, o presente e as perspectivas de futuro para o local, totalizando 12 pessoas ouvidas; as entrevistas foram realizadas no período de 18 a 20 de março de 2016, gravadas com aparelho gravador digital, degavadas e transcritas;
 - (5) Confeção de um mapa temático geoturístico, com os pontos mais relevantes da localidade em termos de patrimônio geo-mineiro e as estratégias de conservação propostas, através do software ArcGIS®;
 - (6) Integração dos resultados e elaboração da Dissertação de Mestrado.
- Abaixo (Figura 9) o fluxograma do roteiro metodológico.

5.1 FLUXOGRAMA DO ROTEIRO METODOLÓGICO

Figura 9 – Fluxograma do roteiro metodológico



Fonte: Domingues (2016).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por ser considerado a “capital gaúcha da geodiversidade” (Lei Estadual 14.708, de 15 de julho de 2015), o município de Caçapava do Sul não encontraria dificuldades para justificar as estratégias de valorização do seu patrimônio ou pontuar locais de relevante interesse geológico. Dentre esses locais, destaca-se a localidade de Minas do Camaquã pela sua importância geológica, histórica e patrimonial.

A vila Minas do Camaquã possui inúmeros recursos patrimoniais naturais e culturais, que apresentam um imenso valor científico e educacional. Os locais definidos como relevantes por este estudo são: (a) a Casa de Pedra; (b) o Cine Rodeio; (c) a Casa de João Dias; (d) a Pedra do Engenho e o Engenho dos Belgas; (e) o Morro da Estrela; (f) a Mina a Céu Aberto; (g) as galerias subterrâneas; e (h) a Pedra da Cruz e cerros adjacentes.

A Casa de Pedra (Figura 10) foi construída em 1905, a mando dos dirigentes belgas da Sociedade das Minas de Cobre do Camaquã. Para sua construção, foram utilizados blocos de rocha característicos das unidades rochosas locais: as rochas de cor chocolate da unidade Bom Jardim e os arenitos vermelhos da unidade Santa Bárbara. Em 28 de janeiro de 1984, passou então a sede do atual Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula.

Figura 10 – Casa de Pedra, atual sede do CTG Ronda Crioula, patrimônio Cultural das Minas



Fonte: Domingues (2012).

O Cine Rodeio (Figura 11) foi construído já na era Pignatari, em lugar de destaque na praça central, proporcionando aos funcionários da companhia mineradora um equipamento de lazer, na época, incomum para o interior do Rio Grande do Sul.

O prédio desenha na paisagem uma situação totalmente insólita ou surrealista na sua relação com os prédios mais próximos. O espaço criado pelo cinema em sua relação com a praça, na qual, vagonetes, como esculturas, nos lembram a existência das minas próximas, definem um espaço urbano de boa qualidade. Esse cenário nos transporta para longe do estereótipo de uma vila no interior do Rio Grande do Sul (STRÖHER, 2000, p. 65).

Na época em que foi construído, o mesmo foi baseado nos filmes de “velho oeste”, então dado o nome “rodeio” para que fosse reforçada a ideia da linguagem. (STRÖHER, 2000). Atualmente o prédio ainda se encontra em pé, porém em condições precárias, visto que não há uma manutenção regular para que a estrutura se mantenha e também devido aos fatores meteorológicos como tempestades, que acabaram estragando parte deste patrimônio. As vagonetas em frente ao cine rodeio e a própria edificação, que não possui característica regional, são itens relevantes cultural e historicamente, podem fazer parte de um memorial do tipo “museu de território”, que se caracteriza por integrar vários pontos com significativo valor histórico, cultural e patrimonial em um determinado território.

Figura 11 – Cine Rodeio, patrimônio cultural da Vila Minas do Camaquã



Fonte: Domingues (2012).

O Cine Rodeio é uma das poucas estruturas da vila que ainda resiste ao tempo e que durante a fase de funcionamento da mineração era um lugar bem conservado que ainda hoje conta a história da localidade, tendo servido para os moradores locais como uma área de lazer. Suas condições arquitetônicas atuais permitem apreciar a edificação apenas pelo lado de fora, não podendo abrigar visitantes, pois corre o risco de desabamento. O mosaico abaixo (Figura 12) mostra a deterioração no Cine Rodeio desde o ano de 2012 até o mês de maio de 2015, estes que se deram devido a fatores meteorológicos e por meio da ação antrópica.

Figura 12 – Mosaico de imagens da depreciação do Cine Rodeio com o passar dos anos. Figuras A e B – Datam de jul. 2012; Figura C – Data de nov. 2013; Figuras D e E – Datam de maio 2015



Do ponto de vista histórico vale ressaltar a narrativa sobre João Dias, o descobridor do primeiro filão de cobre desta localidade. A casa de João Dias (Figura 13) é uma das construções mais antigas da vila. Nela existe um brasão em sua parte superior que data de 1880. Este prédio era a sede da fazenda do descobridor do primeiro filão de cobre da região, o coronel João Dias, que hoje tem seu nome vinculado ao arroio que divide os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, o qual está localizado muito próximo a vila e foi utilizado pelos moradores locais e também visitantes como fonte de água.

Ströher (2000) salienta que este edifício foi utilizado como clube até a finalização das atividades mineiras, onde se reuniam os empregados da mina em fins de tarde para confraternização. Estas confraternizações eram realizadas em um grande galpão que dá continuidade ao prédio original e onde eram realizadas festas da comunidade, pois o prédio possuía churrasqueira, sauna, piscina e outros ambientes. Atualmente este prédio está sendo utilizado pelo grupo de uma empresa de exploração mineral, que faz desta casa histórica um escritório de trabalho para seus funcionários, os quais fazem investigações sobre uma futura retomada da mineração em uma região próxima as Minas do Camaquã, mais a sudoeste.

Figura 13 – Clube dos trabalhadores das minas fundado em 1840, atual escritório empresa de exploração mineral



A Pedra do Engenho (Figura 14) possui este nome por abrigar ao seu lado um antigo galpão de beneficiamento de cobre, o “Engenho dos Belgas”, construído no início do século XX. Ströher (2000) sugere que o galpão, que hoje se encontra desativado e em condições precárias, poderia ser restaurado e que, por possuir um espaço interno amplo, poderia ser utilizado novamente para exposições ou como museu. Isto faria com que uma parte da história que passou em determinada época fosse preservada, onde fosse possível o resgate histórico do passado próximo representado pelo ápice da produção mineradora. A imagem da Figura 14 foi obtida através do Google®StreetView, e data de 2009. Hoje, o Engenho já não possui mais o telhado de zinco, atingido por um evento meteorológico extremo no ano de 2015. A Pedra do Engenho, por sua vez, serve à escalada em rocha e possui, junto à sua base, um bom exemplo da mineralização de cobre da região, em um afloramento tingido de verde pelo mineral malaquita (carbonato de cobre).

Figura 14 – Pedra do Engenho, patrimônio natural e cultural da Vila



Fonte: Google Earth® (2009).

O Morro da Estrela (Figura 15) possui este nome porque em seu topo existia uma torre com uma estrela na ponta, a qual também foi destruída devido a eventos

meteorológicos. Este morro, além de ser um patrimônio natural, é também um patrimônio cultural, pois os místicos acreditam que, de cima do morro, pode ser feito contato com seres de outros planetas. É importante salientar aqui que, ainda que talvez constitua um público diferente do público-alvo do geoturismo, a vila Minas do Camaquã é muito visitada por adeptos da ufologia, ou seja, da observação e estudo de objetos voadores não identificados e atribuídos a extraterrestres.

Figura 15 – Morro da Estrela, patrimônio cultural e natural da Vila

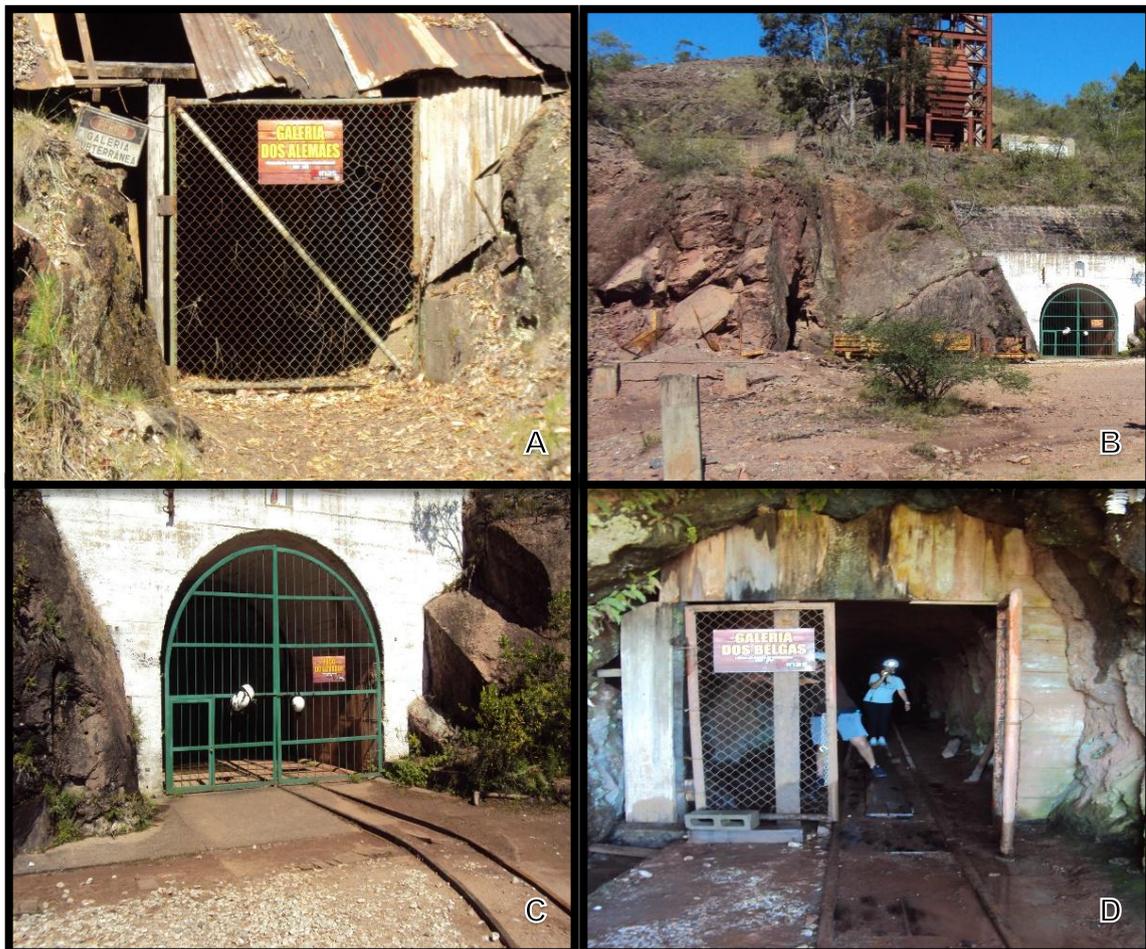


Fonte: Domingues (2012).

Para o morador local, com o fim da extração mineral, além dos rejeitos da mineração ficaram as paisagens que podem ser exploradas. Neste sentido se faz necessária a existência de um plano de gestão que torne possível um maior controle sobre a localidade, como por exemplo, definir áreas para visitação e revalorizar os locais que fizeram parte da história da mineração. Hoje alguns destes lugares servem para a prática de esportes de aventura, como é o caso da Mina Uruguai, que é arrendada e explorada por uma empresa de esportes de aventura. Além da prática destes esportes, a mina a céu aberto serve também como área de observação técnico-científica e aulas práticas, onde seus paredões rochosos podem contribuir com a observação de sua formação geológica. As galerias subterrâneas encontram-se próximas à área da Mina Uruguai, estas contam a história da mineração em suas

primeiras fases. A galeria dos Alemães, dos Belgas e o poço do elevador (Figura 16) são cavas também exploradas turisticamente pela empresa Minas. No ano de 2013 durante a realização do I Festival de Esportes de Aventura a galeria dos Belgas foi aberta à visitação do público. Evidentemente, para que tais galerias possam ser efetivamente utilizadas ao turismo mineiro, são necessários estudos e, posteriormente, obras de engenharia capazes de garantir estabilidade geológica e consequente segurança aos visitantes.

Figura 16 – Galerias subterrâneas. A - galeria dos alemães; B - galeria dos belgas e poço do elevador; C - Poço do elevador; D - galeria dos belgas



Fonte: Domingues (2013).

É necessário salientar uma singularidade geológica da localidade: a Pedra da Cruz (Figura 17). Formada por camadas avermelhadas de conglomerados e arenitos grossos, essa geoforma é um registro de ambientes de sedimentação de leques aluviais, na base de grandes montanhas que ali existiram há 550 milhões de anos.

As camadas estão inclinadas a 45°, testemunhando também processos tectônicos posteriores, e que também influenciam no desenho atual dessas geoformas, em forma de capuz. A Pedra da Cruz é assim conhecida localmente por possuir uma cruz no seu topo, porém devido a fatores meteorológicos a cruz acabou tombando (comparar a Figura 17 com as figuras 7 e 13). A Pedra da Cruz, juntamente com outras três elevações de um conjunto orientado a NE-SW, poderia fazer parte de uma unidade de conservação como um Monumento Natural, de acordo com as especificações da lei do SNUC. Além de sua singularidade geológica a mesma é considerada um patrimônio da localidade, isto faz com que a comunidade crie uma identidade com a mesma.

Figura 17 – Pedra da Cruz sem seu símbolo (Cruz)



Fonte: Domingues (2016).

6.1 DIRETRIZES PARA UM PLANO DE GESTÃO

As regiões que oferecem potencial de exploração mineral apresentam uma menor qualidade ambiental e elevado índice de degradação quando empreendidas. Em decorrência disso se faz necessário um estudo aprofundado que vise contemplar não só a recuperação destas áreas, mas também uma intervenção de menor impacto. Minas do Camaquã é uma comunidade que hoje se recupera dos estragos causados pela mineração, ainda que se desconheça o nível de degradação local, uma vez que não existem estudos relacionados aos impactos decorrentes da

atividade extrativa sobre o meio ambiente daquele lugar. É uma área que foi degradada e atualmente se encontra em estado de recuperação natural, cujo principal agente atuante neste processo de regeneração é a própria natureza.

A área da bacia de rejeitos é um indicador de degradação, consequência do período de funcionamento da mineração, ligada diretamente ao arroio João Dias e se encontra abandonada. São muito comuns dentre as áreas mineiras os rejeitos. Em Minas do Camaquã também uma área foi destinada para estes detritos, na qual estão depositados até hoje, pois não serviam como matéria prima para beneficiamento do cobre. É inviável afirmar qual o tipo de substância contaminante desta bacia de rejeitos pode chegar ao rio. Embora a bacia de rejeitos existente nas Minas do Camaquã não interfira biológica e/ou quimicamente nas águas do João Dias, esta intervém geomorfologicamente, pois os sedimentos advindos dos rejeitos interferem na dinâmica fluvial do arroio. Mesmo que as escalas sejam totalmente distintas, é impossível não referir aqui a tragédia causada em Mariana pelo rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração, em novembro de 2015, que destruiu um distrito inteiro, causou inúmeras mortes e que, até o momento, ainda causa prejuízos a todas as atividades daquelas comunidades.

Uma forma de compensação proposta na tentativa de reduzir os impactos causados pela exploração mineral foi a inserção de espécies arbóreas exóticas plantadas na região. Estas ainda fazem parte das Minas do Camaquã, espécies exóticas representadas pelo eucalipto e o pinus, plantadas na tentativa de ressarcir a consequência causada pela mineração. Evidentemente, esta ação não teve o sucesso desejado, uma vez que a intervenção na paisagem local só piorou. Hoje os moradores não dispõem mais de uma vista ampla do lugar que não seja interferida pela vegetação que não é nativa. É possível notar que a vila está cercada pelas árvores onde pode se observar na imagem (Figura 18). Salienta-se, ainda, que a presença de talhões de pinheiros exóticos constitui uma fonte de degradação ambiental permanente, pois essa é uma espécie invasora, que já está se espalhando pela região.

Figura 18 – Imagem parcial da Vila Minas do Camaquã, observam-se extensos talhões de silvicultura próximos a Vila e em uma área mais afastada é possível verificar a vegetação nativa



Fonte: Domingues (2013).

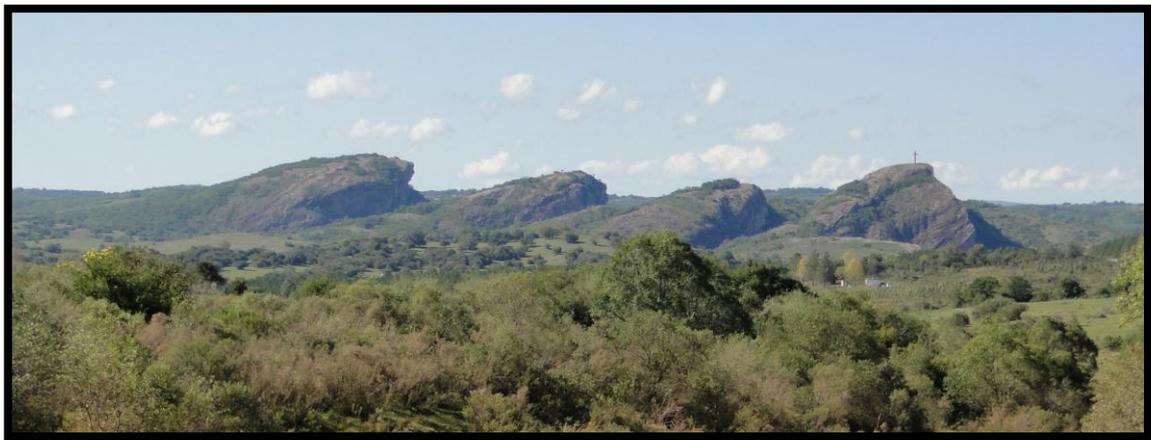
Dessa forma, em termos de um plano de gestão para a localidade, as primeiras providências técnicas a serem recomendadas seriam: (a) estudos sobre a qualidade das águas na bacia de rejeitos, no arroio João Dias e na cava da Mina Uruguai; (b) estudos sobre a presença de metais pesados ou outros elementos tóxicos na bacia de rejeitos, e seu potencial de contaminação; (c) estudos e ações no sentido de garantir a estabilidade geológica das antigas galerias de extração mineral, para garantir a segurança em eventuais programas de visitação; e (d) ações no sentido de controlar a dispersão e, se tecnicamente possível, ao longo do tempo, suprimir talhões de pinheiros exóticos, por seu potencial invasor.

Outro ponto importante é a proteção legal dos quatro cerros do conjunto de geofomas da Pedra da Cruz (Figura 19). Conforme discutido anteriormente, a figura legal mais adequada e interessante, no âmbito do SNUC, para a proteção de sítios específicos do geopatrimônio, especialmente em áreas pequenas, seria o Monumento Natural. A Figura 20 traz uma imagem de satélite onde se identifica um possível recorte espacial das geofomas que devem ser preservadas através da criação do Monumento Natural da Pedra da Cruz, aqui proposto.

Outra possibilidade interessante, dentro de um plano de gestão, seria a sinalização e disponibilização de informações turísticas e a transformação da vila em um “museu de território”. Este tipo de museu consiste na musealização *in-situ*, onde

o objeto não é separado do seu ambiente, mas sim todo o espaço é musealizado. Este tipo de museu já existe em Paraty/RJ e também recentemente em Galópolis, um distrito do município de Caxias do Sul/RS, onde essa figura de gestão preservou e (re)valorizou uma vila operária instalada para o beneficiamento de lã. Para que isso possa ocorrer em Minas do Camaquã são necessários reparos quanto à infraestrutura, ao mobiliário e aos equipamentos urbanos existentes na vila, por se tratar de um espaço que precisa ser valorizado e preservado. Para isso a comunidade local, que já acostumou com a paisagem e não tem consciência da real importância da localidade, e de que aquele cenário de grande valor para os visitantes deve ser reconhecido, precisa ser conscientizada.

Figura 19 – Imagem da Pedra da Cruz e sequencia de morros adjacentes



Fonte: Domingues (2016).

Figura 20 – Conjunto de geformas da Pedra da Cruz e cerros adjacentes que se enquadram como monumento natural



Fonte: Google Earth 2015. Org.: Domingues (2016).

6.2 ENTREVISTAS COM ATORES LOCAIS

No sentido de captar as cognições e as perspectivas de líderes comunitários, agentes públicos, empreendedores e moradores locais, realizaram-se, entre 18 e 20 de março de 2016, entrevistas através de questões abertas. Foram entrevistadas, no total, 12 pessoas. Entre estas pessoas algumas eram docentes e faziam parte da Escola Estadual Gladi Machado, também foram entrevistados pessoas da comunidade e que participam da empresa de esportes de aventura; foram entrevistados os empreendedores do ramo de alimentação e hospedagem proprietários de duas empresas existente na vila, e ainda na vila de Minas do Camaquã, uma senhora, empreendedora local no setor de imóveis; Obteve-se também uma entrevista na Secretaria de Cultura e Turismo do município e um geólogo e professor de ensino superior da UNIPAMPA, que desenvolve projetos de extensão na comunidade de Minas do Camaquã. As questões (APÊNDICE A), elaboradas para balizar as entrevistas, permitiram que as pessoas externassem suas impressões sobre o passado, o presente e as expectativas de futuro para a vila, sobre a empresa de esportes de aventura, sobre a relação com o poder público, e ainda sobre os aspectos positivos e negativos da localidade. A transcrição das respostas dos entrevistados (APÊNDICE B).

6.3 PASSADO E PRESENTE

A percepção de todos os moradores ou líderes comunitários entrevistados, quando questionados sobre a época em que a mineração funcionava, é a de que possuem uma lembrança muito boa desta época, pois era bem diferente da situação atual. Tratava-se de um local movimentado, com muitos moradores e funcionários da antiga mina, onde a CBC (Companhia Brasileira do Cobre) pagava tudo para seus funcionários, ainda que os mesmos não fossem donos de suas casas. Hoje todos têm suas residências, pagam IPTU, água e luz. Na época em que a mineração estava ativa pagava-se, porém eram pequenas taxas de moradia. A infraestrutura da vila era bem melhor, o hospital equipado, a estrada estava sempre em boas condições, existiam vários horários de ônibus da localidade para o centro de Caçapava do Sul. A comunidade era desenvolvida, existiam empregos, inclusive para os alunos que terminavam os estudos da escola, existia perspectiva de trabalho para os jovens na própria empresa (CBC) quando terminavam os estudos. Existia perspectiva de vida com condições melhores para as pessoas que permanecessem na comunidade, além de uma administração sólida, com segurança e policiamento. A comunidade ainda hoje é tranquila, porém a impressão geral é de que ela é boa para as crianças somente até uma certa idade, boa para as pessoas que se aposentaram e acabaram permanecendo, boa para os funcionários públicos que possuem uma vida financeiramente estável.

A estrada foi o principal ponto negativo relatado por todos os entrevistados. Muitos disseram que esse é um fator relevante para que as pessoas visitem a localidade, pois nem sempre a mesma está em boas condições. A falta de emprego e perspectiva de futuro para os jovens também é uma questão preocupante para grande parte dos entrevistados, já que alguns eram professores da escola Gladi Machado. Essa falta de perspectiva, segundo eles, é perceptível dentro da sala de aula, visto que os alunos ficam desmotivados a estudar e muitas vezes acabam indo trabalhar nas propriedades rurais que ficam próximas à localidade para garantir seu sustento e acabam por evadir-se do ambiente escolar.

Para os moradores, a conscientização na vila é complexa: pode ser a falta de perspectiva, o medo de enfrentar a vida fora da comunidade, ou a falta de apoio da família, pois na vila ainda existem poucas pessoas que possuem alguma cultura, segundo os relatos. Algumas famílias ainda têm dificuldade de incentivar os filhos a

estudar, pois alguns pais de alunos da escola da comunidade acreditam que trabalhar com os proprietários rurais mais próximos irá render maior oportunidade para seus filhos. Trata-se de uma situação delicada por que os alunos acabam incrédulos no estudo. A escola se preocupa muito com este pensamento, procura levar os estudantes as feiras e exposições das universidades para que sejam incentivados a estudar. Pode ser que os problemas existentes venham da família, já que os professores participam de seminários de especializações, no momento que o adolescente não tem o apoio da família ele se sente desestimulado.

Entre os entrevistados existe um consenso que as pessoas precisam de consciência: consciência para que os animais não andem soltos pela rua; consciência para que mantenham o ajardinamento de seus pátios; consciência para que cuidem da limpeza urbana; entre outros itens citados. É possível notar que esta exigência da consciência do morador vai desde o residente mais instruído até o menos instruído, porém acredita-se que realmente falta união entre os moradores; parece que esta união entre os habitantes locais ficou abalada com o fim da exploração mineral.

O poder público também tem grande parte nesta falta de consciência do morador. Em todas as entrevistas realizadas, é notória a resposta das pessoas quanto ao descaso do poder público em relação à limpeza e organização local. Nos dias em que as entrevistas foram coletadas a população local foi unanime em fazer a mesma pergunta: “você olhou como está o Cine Rodeio?”. Na figura 21 é possível observar a resposta. O próprio morador local comenta que esta cena é muito comum para ele, e que este tipo de paisagem não atrai o turista; relata que a grama está alta, existem animais soltos, é necessária uma poda das árvores, e também a revitalização do Cine Rodeio. Relataram também que existe um funcionário responsável pela manutenção local, porém um único funcionário para dar conta de um grande espaço não é suficiente. Poderia haver outros para que, no mínimo, a limpeza fosse mantida. Com uma pessoa isso é quase impossível e, além disso, o relato é de que a atuação do funcionário não tem fiscalização e que é necessária uma pessoa que possa cobrar do mesmo para que cumpra com suas funções.

Figura 21 – Registro do abandono do Cine Rodeio



Fonte: Domingues (2016).

Manutenção e limpeza são os aspectos que a comunidade mais cobra, além da coleta do lixo, que é feita apenas quinzenalmente, e da questão da iluminação pública, também considerada precária. Acredita-se que os moradores estejam desamparados pelo poder público, alguns acreditam que uma possível solução para o abandono da localidade seria a implantação de uma sub-prefeitura local, até existe consciência por parte dos moradores, mas em um determinado momento cansa por que faltam decisões por parte do poder público também, onde existissem pessoas responsáveis que se mobilizassem pela vila. Existe também um desabastecimento em termos de variedade de mercadorias, principalmente na parte de hortifrutigranjeiros, pois apenas o básico está disponível, faltando variedade, segundo alguns dos questionados.

Existe uma grande preocupação entre os moradores sobre a questão da saúde, pois hoje eles não contam com médicos na localidade. Apenas uma técnica em enfermagem, que é moradora da vila, faz o possível pela comunidade, porém às

vezes o atendimento precisa de um profissional capacitado para tal. O posto de saúde também não possui a infraestrutura necessária. Existe a necessidade de uma farmácia, pois a existente é um posto de venda, onde existem alguns medicamentos, porém é o mínimo e alguns destes medicamentos são reservados para pessoas da comunidade que fazem o uso contínuo dos mesmos. Hoje a comunidade conta com uma ambulância, que leva os pacientes mais graves para o Hospital Vitor Lang, na sede do município de Caçapava do Sul.

Os entrevistados ponderaram que falta incentivo por parte do setor público para que pequenas empresas se instalem na região. As possibilidades citadas são um abatedouro para ovinos, ou algo relacionado à permacultura ou à produção de geleias e doces. Para os moradores locais, ali poderia haver um incentivo para uma pequena empresa como as que existem em Pelotas, para aproveitar esta pequena produção de frutas, senão as pessoas não se importam de cuidar seu quintal e podar suas árvores frutíferas em época adequada. Não existe um incentivo ou um apoio técnico da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e órgãos ligados a agricultura para que as pessoas cuidem melhor do seu quintal e, a partir disso, formar a consciência das pessoas para produzir para uma das empresas ligadas à fruticultura que trabalham com a fabricação de doces e geleias. Estas pequenas empresas poderiam se estabelecer na localidade. Existem muitas pessoas que vendem frango, ovos, que vendem suas “quitandas”; se, na vila, houvesse um pequeno abatedouro, este poderia comprar ovelhas das pessoas da região e abatê-las nas Minas do Camaquã. O empresário ganharia dinheiro e a comunidade também, acredita-se que haveria mecanismos para que boa parte dos impostos ficasse na vila. Na mesma existe apenas uma pequena agricultura de subsistência de alguns moradores. O incentivo faria com que as pessoas melhorassem sua produção.

Porém, não existem apenas pontos negativos na vila; os pontos positivos também foram destacados pelos moradores. Expuseram que “viver no paraíso”, é tranquilo, não existe problema de violência, todos se conhecem e cuidam uns dos outros. Em se tratando de segurança, quando as pessoas viam carros estranhos na comunidade, ficavam pensando quem poderia ser e o motivo de estar ali; porém, com o início das atividades da empresa de esportes de aventura, relataram que já estão mais acostumados com o fluxo de automóveis estranhos. Informam que existe um movimento de turistas maior de terça a domingo, e que em feriados este fluxo

sempre aumenta, e que aumentou muito durante os últimos três anos. Com a volta da mineração para a região acredita-se que volta o desenvolvimento econômico, a perspectiva de emprego, a questão da vinda de mais pessoas que vão retornar para as Minas, e que a escola receberá mais alunos, e conseqüentemente mais verba.

6.4 A CHEGADA DA EMPRESA DE ESPORTES DE AVENTURA

Os moradores, líderes comunitários e agentes públicos entrevistados acreditam que a chegada da empresa foi um acontecimento positivo e oportuno, pois quando não tinha nenhuma perspectiva chegou esse empreendimento, dando emprego inclusive para ex-alunos da comunidade e incentivando o turismo. O potencial das belezas naturais do local sempre foi conhecido, mas nada era explorado. Segundo os entrevistados, a empresa de turismo chegou e criou uma nova face para a comunidade, pois lançou Minas do Camaquã a nível nacional. Recebem-se muitos turistas no final de semana e na época de férias. Também são promovidos eventos na área de esportes de contato com a natureza como o arvorismo, passeio de barco, canoagem e eventos ligados ao “*paint-ball*”. Por suas respostas, percebe-se que as pessoas que moram na localidade não veem novidade nenhuma, não se interessam pela paisagem que é a do seu cotidiano, porém os turistas vão para as Minas do Camaquã e se encantam com as belezas naturais da localidade.

As pessoas da comunidade ainda estão se adaptando ao empreendimento e a percepção geral é a de que é necessário que o morador local que pretenda vender alguma coisa, como artesanatos e produtos caseiros, precisa estar mais bem preparado para receber os visitantes. Relatam que, por vezes, o movimento de turistas gera barulho, e este movimento com barulho pode incomodar alguns moradores da comunidade, porém as pessoas estão se adaptando ao movimento.

O público para os eventos do festival de esportes de aventura realizado pela empresa de esportes de aventura melhorou, houve maior participação do turista na prática de esportes nos eventos, mesmo com uma redução de visitantes. Para os habitantes, o empreendimento combina com as características humanas do local, pois se trata de um local que já está pronto para este tipo de esporte e que foram adaptadas poucas coisas. Uma funcionária do empreendimento afirmou que, durante os eventos, existe um estímulo, por parte da empresa para que os artesãos

da comunidade exponham seus produtos, há indicação dos restaurantes e locais que oferecem serviços.

Parte dos moradores da comunidade acredita que o empreendimento de esportes de aventura esteja dando o retorno esperado, visto que os visitantes estão retornando e trazendo novos turistas para a localidade. Para eles, o crescimento é relativamente bom, tendo em vista que faltam serviços para o público como restaurantes, bares, lanchonetes, porém ainda existe uma pequena questão quanto aos moradores locais estarem dispostos a receber turistas durante os finais de semana. Faltam pessoas capacitadas para essa recepção, mas a maioria acredita que o morador local está amadurecendo junto com a empresa.

A tendência, segundo os entrevistados, é que a empresa de esportes de aventura conquiste seu espaço, visto que o número de visitantes na localidade aumentou consideravelmente durante os meses de verão. O festival de esportes de aventura, promovido anualmente no feriado de 15 de novembro, traz grande visibilidade para a região. Mesmo assim, há a percepção de que talvez os eventos não atraiam tantos turistas quanto o esperado. Mas, segundo a maioria dos entrevistados, os esportes de aventura são a melhor alternativa de desenvolvimento para região, juntamente com o retorno da mineração.

A comunidade, pelo que se depreende das manifestações, está aceitando bem o empreendimento. Quando a empresa chegou, criou certo impacto para a localidade. Tinha-se a ideia de que o espaço arrendado para a empresa era público, porém não era; a empresa arrendou o espaço da extinta Companhia Brasileira do Cobre

Houve alguma dificuldade nas relações empresa x comunidade, segundo alguns respondentes, quando o proprietário da empresa de esportes de aventura entendeu que deveria “fazer da localidade um parque” e assim teria tentado monopolizar o lugar. A empresa também teve dificuldades quando da preparação para as trilhas e escaladas. Hoje, contudo, a situação está mais tranquila e está sentindo que deve haver um relacionamento diferente com a comunidade local.

6.5 A ESPERANÇA NO RETORNO DA MINERAÇÃO

Alguns entrevistados apontaram que a exploração mineral degrada o solo, a mesma transforma uma paisagem fazendo com que a degradação seja perceptível

visualmente. No entanto, a impressão geral é de que a agricultura para fins comerciais degrada tanto quanto a mineração, porém esta perspectiva passa despercebida em um solo desgastado após uma plantação de soja ou arroz, o mesmo demora muito tempo para que possa se reestabelecer. Alguns membros da comunidade escolar (corpo docente) local acredita que o desenvolvimento da região seria impulsionado em virtude de um viável regresso da mineração, até mesmo porque precede um projeto a nível escolar com apoio de órgãos competentes da educação para que seja constituído um curso “pós-ensino-médio” no setor da mineração. De acordo com o relatado pelos docentes da comunidade escolar, esta proposta deverá ser concretizada brevemente, uma vez que estão em andamento os tramites para esta efetivação.

Dos entrevistados, nem todos têm o mesmo ponto de vista quanto a essa retomada da mineração, acreditam que seja algo que está um pouco distante, apesar disso, concordam que em alguns aspectos aconteceria uma melhora na comunidade com relação a estrutura, esperando que isto faça com que se estabeleçam na vila uma enfermeira e um médico e os mesmos se mantenham constantemente presentes na localidade. Estas pessoas também supõem que haverá um acréscimo nas necessidades da comunidade, tendo em vista um aumento na demanda de serviços tanto público como privado. Para eles, o comércio aumentará suas vendas, o posto de saúde atenderá um maior número de pessoas, deste modo incidirá um impacto, mas o mesmo não será superior as melhorias que possam se suceder.

Alguns proprietários de empresas da vila concordam que, com a abertura de um empreendimento de exploração mineral, advirão melhorias na localidade, e por isso estes possuem certa ansiedade para que a mesma se instale na região prontamente. Acreditam que a empresa providenciaria mais incentivos para a comunidade, fazendo com que os empreendimentos locais não fossem compelidos a fechar as portas. Dentre os empresários entrevistados prevalece o senso de que a retomada da mineração é a salvação de algumas empresas da localidade. Deste modo os jovens, que hoje se ausentam da vila pela falta de perspectiva e na tentativa de aspirar melhores oportunidades, acabariam ficando.

Almejando a possibilidade de que uma empresa de mineração possa vir a se instalar na comunidade ao final do corrente ano, esperam que a instauração desta empresa traga êxito para o local. De maneira oposta a esta situação os mesmos

terão de buscar outras formas de rendimentos e até mesmo cogitar uma mudança para outra área. Esta afirmação se dá, pois, os mesmos precisam de receita para pagar as contas como energia e água, além do IPTU.

Existe turismo na localidade, porém a procura pelo lugar ainda é pouca, e neste sentido alguns dos entrevistados desacreditam do potencial turístico da região, afirmando que até então o turismo não traz de tal maneira faturamento. Isto faz com que os empresários considerem outras possibilidades, diferentes caminhos adiante caso um empreendimento de exploração mineral não comece a investir na região.

Os moradores locais inquiridos responderam que o retorno da mineração é primoroso, visto que é um modo de valorizar ainda mais o espaço das Minas do Camaquã, junto com este retorno surgirão oportunidades de emprego e renda, haverá uma maior circulação de pessoas pela comunidade, e a mesma não encontrará conflitos com outros empreendimentos para que possa se instalar neste ambiente. Existe uma grande expectativa por parte dos moradores locais e também para os moradores da área urbana do município de Caçapava. Dentre os entrevistados na sede do município, alguns acreditam que a empresa de mineração trará oportunidades para toda a região de Caçapava, uma vez que os moradores citadinos também encontrarão oportunidades de renda e emprego. Assim sendo, a instalação desta empresa de mineração também estimula acadêmicos do curso de geologia da Universidade Federal do Pampa, os quais vislumbram oportunidades de trabalho que podem surgir por meio da introdução da mesma neste território.

Em alguns relatos, determinados entrevistados afirmaram que já é uma ação concreta o retorno da mineração para a região próxima as Minas do Camaquã, que a mesma estará deslocada aproximadamente a 6 km de distância da vila, em uma localidade conhecida como Passo do Caçõ. Destes predomina a confiança de que o retorno da mineração será fundamental para impulsionar o lugarejo. Os moradores ainda relataram que existe uma preocupação com a parte ambiental, porém as legislações em vigor hoje são rígidas e estão sendo cumpridas devido aos fatos ocorridos em Mariana/MG. Os mesmos também sabem que este empreendimento não será como anteriormente, a empresa deverá se instalar na localidade e oferecer transporte para os seus operários, e relataram que não existe interesse por parte de uma grande empresa de exploração mineral em se instalar na localidade de Minas do Camaquã, pois ali existe um passivo ambiental muito grande do qual a empresa não quer estar envolvida.

6.6 DESEJOS PARA UM FUTURO PRÓXIMO

Quando questionados sobre um futuro próximo, para cerca de dez ou vinte anos para as Minas do Camaquã, os entrevistados creditaram suas esperanças de que desejam que a mesma possa progredir, entendem que este desenvolvimento não será como precedentemente. Existe a consciência que a exploração mineral é responsável pela degradação do meio ambiente, têm ciência de que o progresso pode trazer coisas boas e ruins. Houve manifestações no sentido de que a mesma poderia até se emancipar politicamente desde que regressasse à mineração na localidade.

Além disso, alguns empreendedores locais já apostam até no tipo de trabalhador que poderá vir com advento da exploração, visto que se a empresa estabelecer um corpo técnico como engenheiros na localidade as demandas serão mais elevadas. Por exemplo, a gastronomia e as pousadas vão ser obrigadas a melhorar. Do contrário, se a empresa contratar apenas operários, as demandas serão diferentes, de certa forma um pouco menos exigentes, dadas as diferentes condições salariais. Estas expectativas dependem do impacto que causará a grande empresa que poderá se instalar próximo a localidade.

Já na relação mineração x turismo narraram que os dois conseguem conviver em harmonia, a comunidade ainda continua apostando na mineração, por que a expectativa para que o turismo desenvolva está desgastada, mesmo assim não deixam de acreditar que o mesmo possa valorizar ainda mais o lugar. Esta valorização ainda dependerá da comunidade, do poder público e dos empreendedores locais.

Em se tratando de mineração e conservação ambiental os moradores acreditam que as duas andam juntas, onde hoje existem diversas legislações que se preocupam com a conservação ambiental. Explanaram que se percebe um crescimento futuro para a região, seja no turismo ou na mineração. A população jovem da localidade poderá explorar o campo turístico relataram.

A ideia de que houvesse uma produção com base nos princípios da permacultura na localidade é considerada uma proposição que poderá trazer um futuro próspero para as Minas. Nesse sentido, comentaram que a simplicidade local faz com que possa ser implementado este tipo de cultura na vila visando a um desenvolvimento local sustentável. Para isso, ainda se faz necessária uma

mobilização local que possa instigar o morador a pensar o que o mesmo necessita, a possibilidade de criação de um plano diretor, expuseram os entrevistados. Existe muita ciência nos arredores da comunidade, mas os residentes são alheios a esta. A comunidade precisa estar unida para trabalhar junto, e espera-se que haja um retorno de impostos compensatórios pelas atividades a serem implantadas.

Comentaram que a empresa de exploração mineral está se preparando para incentivar a educação, à medida que houver geração de imposto não suscitará mais a situação da administração municipal que retrata a localidade apenas como causadora de passivos para o município. Neste sentido haverá novamente na região uma geração de imposto maior que a do próprio município. Também descreveram que o setor imobiliário da vila está sendo muito valorizado onde as edificações e terrenos estão com valores superiores ao setor central do município. Relataram que a própria prefeitura supervalorizou os imóveis da região na expectativa de uma mineração da região em breve. Ponderada por diversas vezes os moradores sentem a necessidade de uma subprefeitura local para que tenham autonomia e que haja desenvolvimento da região, acreditam no retorno de um hospital nos próximos dez anos. À medida que o desenvolvimento avançar, acreditam que o acesso a localidade melhorará.

Existe a visão, por parte dos entrevistados, de que a vila terá um futuro promissor sob o aspecto da mineração, pois é uma potencialidade da região. Contaram que estão planejados 35 anos de atividade no ramo da mineração, provavelmente por meio de uma nova mentalidade novos empreendedores serão atraídos. Neste sentido, à medida que permanece a mineração, os empresários locais trabalharão mais, o que provavelmente alavancará o turismo. Os entrevistados acreditam que o futuro do lugar é promissor, mas que tudo depende da população.

6.7 PALAVRAS E/OU FRASES QUE CARACTERIZEM AS MINAS DO CAMAQUÃ

Convidados a pensar em uma palavra e/ou frase que definisse ou caracterizasse a localidade, os entrevistados comentaram que a comunidade unida é mais forte (UNIÃO), porém ainda falta muita coisa para que se atinja o êxito do turismo, por enquanto apenas uma empresa usufrui desta atividade, ao passo que a comunidade também poderia oferecer atrativos turísticos. Houve relatos de que as Minas do Camaquã também são uma família (FAMÍLIA), onde a comunidade é como

os filhos que perderam o pai, dado o paternalismo que existia na era Pignatari. Os entrevistados acreditam que as pessoas da comunidade devem estar unidas e não divididas, que tenham compreensão de que quanto mais turistas visitarem a localidade melhor em função dos recursos financeiros oriundos da atividade turística. Minas do Camaquã está começando a ter uma identidade própria, as pessoas estão se ajudando mais, estão em comunicação. Os entrevistados acreditam, portanto, que a vila é uma grande família, e isto faz com que tenha uma característica ímpar. A palavra união foi a mais citada dentre os interrogados, estes acreditam que a comunidade precisa de um vínculo, para que estejam preparados e possam acolher agradavelmente aos turistas que visitarem o lugar, a fim de que os mesmos possam contribuir com um aumento da receita local, permanecendo mais tempo na vila.

6.8 PRODUTOS VISUAIS – MAPA GEOTURÍSTICO E PAINÉIS INFORMATIVOS

6.8.1 Mapa geoturístico

Por meio do software ArcGIS® foi possível a confecção de um mapa de localização com os principais pontos geoturísticos da localidade de Minas do Camaquã. Foram selecionados oito pontos da localidade, os quais acredita-se serem de grande importância tanto da parte natural quanto cultural da localidade, e para estes criou-se o conceito dos “Caminhos das Minas”, que são as trilhas com as direções e também com as distâncias entre cada ponto da localidade.

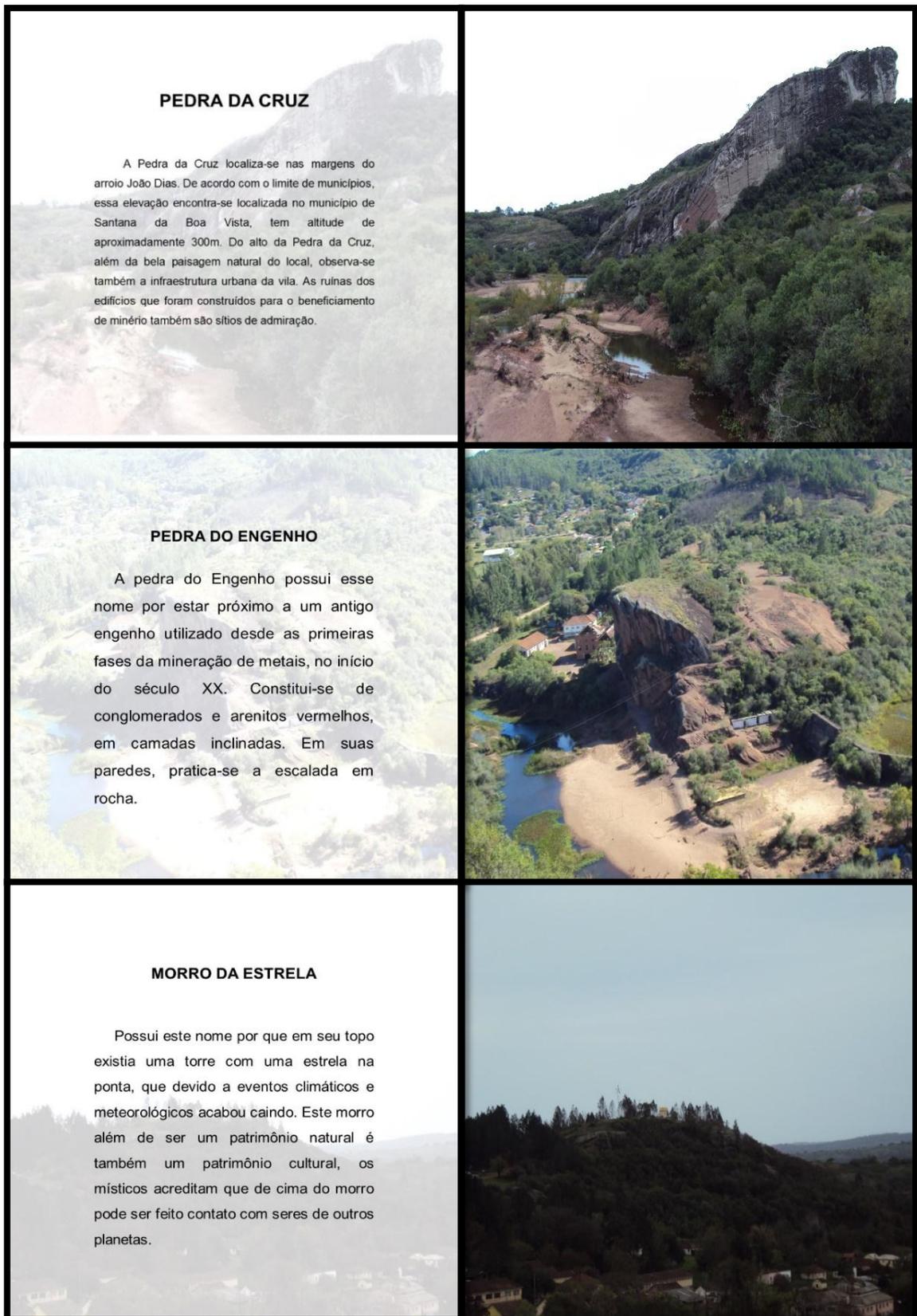
6.8.2 Configuração dos Painéis

Em se tratando de uma região mineira, e que atualmente se encontra em determinado estado de abandono, pensou-se em uma estrutura da qual combinasse com a localidade, existe a possibilidade de que estes painéis sejam criados com aço corten, para que não sofram com as consequências dos desgastes naturais e também a ação antrópica. Esse material combina também com o caráter da mineração, que processou-se (e poderá voltar a se processar) a partir de minerais metálicos. Acredita-se que deveriam existir nove painéis na localidade: um painel informativo interativo grande que ficasse na praça central e outros oito painéis pequenos que ficassem junto aos pontos a serem visitados.

Pensou-se também em alguma característica marcante para a localidade para que todos os painéis tivessem uma identidade visual uniforme. A Pedra da Cruz foi o monumento escolhido por marcar e registrar, ao mesmo tempo, as características de geologia, geomorfologia e história da vila, sendo assim o grande exemplar de geodiversidade local.

Para a confecção dos painéis pequenos considerou-se os pontos anteriores já destacados, prezou-se pela elaboração de conteúdo onde houvesse texto de fácil interpretação, que relatasse um pouco sobre a geodiversidade e a cultura da localidade. Os painéis pequenos foram planejados em tamanho 0,50m x 1,10m com display de texto de 30cm x 30cm para que fossem melhor visualizados, ao passo que os painel grande mede 2,25m x 1,80m com displays de textos que conformam aletas móveis também de 30cm x 30cm e mapa com a localização dos pontos medindo 0,95m x 1,00m. As aletas móveis podem ser giradas pelo turista/visitante, e contêm em um lado o texto informativo e, no outro, uma fotografia representativa do sítio selecionado.

Figura 22 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis



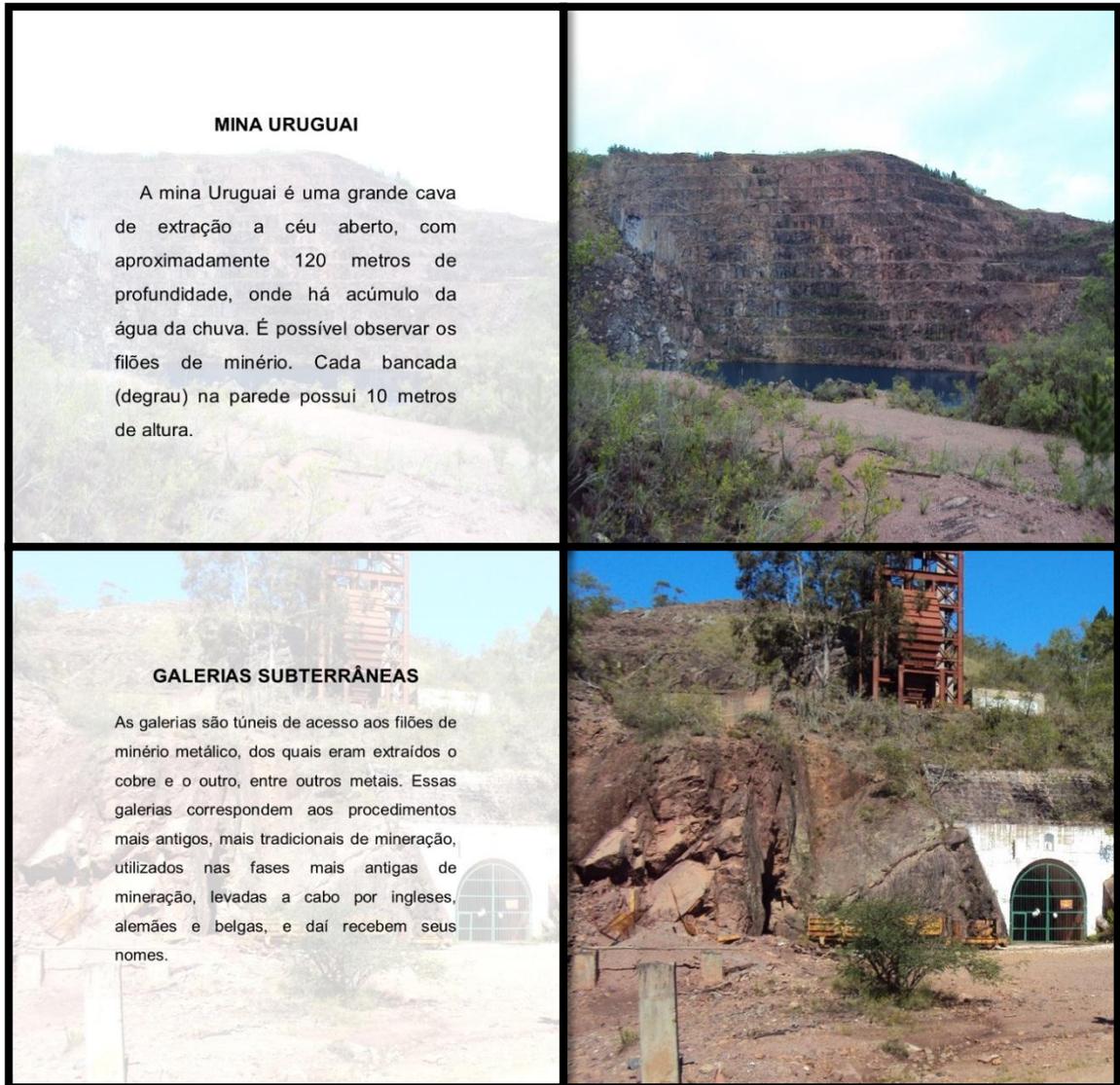
Fonte: Domingues (2016).

Figura 23 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis



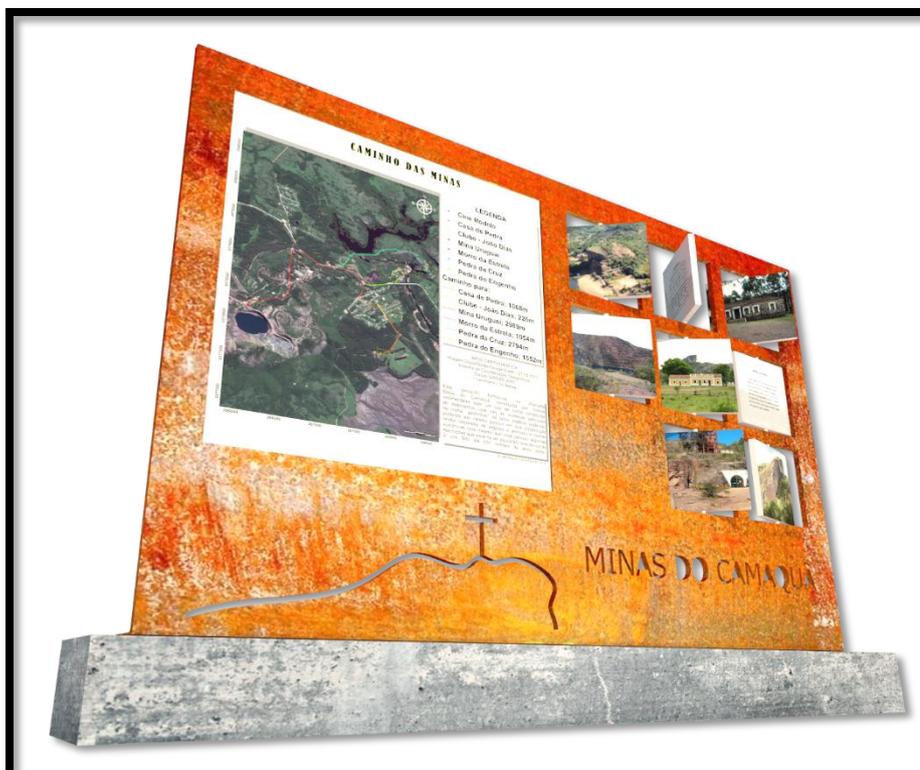
Fonte: Domingues (2016).

Figura 24 – Mosaico com textos e imagens que vão sobre os painéis



Fonte: Domingues (2016).

Figura 25 – Painel informativo interativo grande



Fonte: Domingues (2016).

Figura 26 – Mosaico com imagens de modelos dos painéis interpretativos pequenos



Fonte: Domingues (2016).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento emotivo ainda persiste na paisagem das Minas do Camaquã, localidade que viveu seu auge durante a exploração de minérios de cobre, ao longo do século XX. Muitas das pessoas que lá permaneceram, após o esgotamento destas jazidas, ainda carregam consigo a lembrança de tempos áureos onde tudo funcionava, em se tratando de uma localidade onde o investimento financeiro era grande. Tratava-se de uma localidade muito desenvolvida, para os padrões do interior gaúcho na época, haja vista os investimentos que eram feitos.

Relacionando o sentimento emotivo a esta exuberante paisagem fica também o anseio pela preservação dos bens e recursos patrimoniais naturais e culturais existentes, que são parte da história e sentimento da localidade. Estes contam a história cultural daquele lugar, onde cada patrimônio possui seu registro. Trata-se de um patrimônio natural perdido, pois algumas das histórias e sentimentos ficaram no passado. Estes ainda são cultivados pelos moradores da vila com saudosismo, e também pelas boas lembranças, memórias de bons tempos de outrora. Yi Fu Tuan (1930) traduz este sentimento como topofilia que significa “*o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal*” (TUAN, 1930, p. 5).

Sabe-se que a mineração é uma das mais destrutivas obras inventadas pelo ser humano, mas para o morador local, a mineração era um exemplo, e um dos melhores, para o desenvolvimento econômico daquele lugar. Jiménez (2005) em seu livro “*Lectura del paisaje de la Comarca Alto Guadarrama Alto Manzanares*” traz um parágrafo reflexivo que se aproxima das Minas do Camaquã, onde diz: “*Leer el paisaje (...) es, pues, interpretar su estructura física y comprender al mismo tiempo su historia territorial*” (JIMÉNEZ, 2005, p. 8). Contribui dizendo que a paisagem não é apenas a forma e a imagem da montanha, mas também todo um conjunto de uso do solo, parcelas rurais construídas, caminhos, cercas e casebres, rebanhos e pastagens, prados, pomares, casas e vilas historicamente adaptada à diversidade natural do espaço geográfico.

Entende-se que, neste contexto, a vila Minas do Camaquã também se utilizou do espaço geográfico e de sua estrutura natural e, neste caso, também se apropriou deste espaço culturalmente. Dentre tantas outras explorações e extrações minerais que ocorreram durante a mesma época, existe pelo menos uma semelhança entre

as Minas do Camaquã com a Mina do Lousal em Portugal que foi explorada entre 1900 e 1988, principalmente na década de 1930 pois houve um interesse econômico pela exploração de piratas como matéria prima para a fabricação do ácido sulfúrico. Na década de 1960, houve nesta localidade um processo de mecanização que trouxe para a população local um investimento significativo na melhoria das condições de vida, como a construção de habitações para os técnicos e operários, também vieram o hospital, farmácia, posto médico, instalações comerciais e também salão de festa (MATOS; OLIVEIRA, 2003).

Existe na localidade de Minas do Camaquã um valor de memória, ou seja, um vínculo entre a natureza e as benfeitorias produzidas para os moradores, esta paisagem também se desenvolveu durante o processo da mineração. Algumas das habitações construídas quando a mineração em seu maior potencial extrativo ainda vigorava foram edificadas para os trabalhadores mineiros. Destas casas existentes localmente ainda hoje, restam poucos exemplares que podem ser tombados como patrimônio histórico por apresentar originalidade daquela época, enquanto que outras já não conservam mais os traços típicos existentes de outrora. É possível também admitir que se refere a um patrimônio misto, tratando-se de um patrimônio natural e também cultural. E, para além dos valores naturais e culturais, existe também um valor espiritual e que expõe o simbolismo atribuído às lendas e processos religiosos existentes localmente. Nesta localidade acredita-se que haja um certo misticismo, o que para os céticos trata-se apenas de mitos.

Dentre os conteúdos pesquisados foi possível perceber que na Europa, em países como Portugal, adotou-se o parque mineiro como uma unidade territorial diferenciada. Para as Minas do Camaquã acredita-se também que seja possível a criação de uma unidade deste tipo. Ainda são necessárias outras pesquisas na localidade e uma integração maior entre os moradores, para que possam projetar propostas para esta área além da mineração e que as mesmas contribuam com indicações de modos para a recuperação ambiental integrando a esta o turismo e uma nova possibilidade de exploração mineral na região. Na futura área minerada é necessário que seja proposta a elaboração de um projeto com ideias para que a mesma não fique ambientalmente degradada, que possa ser recuperada e que continue gerando renda para a população que dela for dependente após o esgotamento de suas jazidas.

Embora seja uma área caracterizada por possuir um passivo ambiental da mineração, uma das soluções para a região é que a área onde se localizam as quatro geoformas que são a Pedra da Cruz e outros cerros adjacentes possam ser preservadas legalmente como uma área de proteção integral, como um Monumento Natural. Demasiadas justificativas seriam possíveis para que as mesmas fossem enquadradas no SNUC tendo em vista devido a sua grande geodiversidade e destaque geomorfológico, e que já é conhecida pelo morador local conforme se pode perceber nas entrevistas realizadas. Neste sentido, o plano de gestão contribuiria de forma relevante podendo fazer parte de uma estratégia do tipo geoparque. Podem compor a mesma estratégia um “museu de território”, além de providências de controle ambiental na qualidade de águas e rejeitos, bem como no controle de espécies vegetais exóticas e invasoras.

Os painéis sugeridos ainda carecem de linguagem adaptada para interpretação. Ainda se faz necessária uma pesquisa para que o conteúdo estabelecido para os mesmos seja de fácil interpretação para todo o tipo de público que visite a localidade. Para os totens pequenos, sugere-se que os mesmos sejam feitos de aço corten enferrujado para que as pessoas apenas observem o conteúdo ali exposto, que não sintam necessidade de tocar, porém é necessária uma pesquisa para o material do totem grande, visto que o mesmo pode ser interativo na tentativa de atrair um pouco mais a atenção do turista.

Nas entrevistas realizadas foi perceptível o anseio da comunidade para que advenha a divulgação das diversas informações geológicas, históricas e culturais locais. Estes conhecimentos podem vir por meio de painéis interpretativos como sugerido pela própria comunidade em pesquisa anterior realizada no ano de 2013 e ressaltado no corrente ano. Os painéis são necessários devido ao aumento fluxo de pessoas que visitam a localidade durante os finais de semana.

Durante a realização dos questionários na localidade foi possível perceber uma boa convivência do morador local com o público visitante. A vila está se adaptando ao empreendimento de esportes de aventura existente na localidade, mas os moradores ainda criticam o esquecimento por parte do poder público para com a região e os moradores locais. Este mesmo morador percebe que o turismo é uma boa alternativa para a região, porém a maioria acredita que o retorno da mineração é a verdadeira “mina”, uma vez que a mineração é algo que envolve e que gera renda para a localidade, e sabe-se que o morador residente na localidade

não teve contato com nenhum outro tipo de fonte geradora de renda como quando a CBC explorava a localidade, onde existia muita prosperidade local e tudo funcionava em sua perfeita ordem.

A recuperação de áreas degradadas ainda não possui fórmulas específicas, há de se criar compensações para que uma área antes exposta às degradações humanas volte a se recuperar. Sabe-se que este é um processo gradativo e nem sempre parte de uma iniciativa correta de recuperação. É necessário primeiramente atentar para a limpeza da vila para as áreas de acesso da localidade, principalmente a conservação das áreas que servem para apreciação turística. As comunidades se habitam ao impacto negativo da mineração; as pessoas acostumam com este impacto porque existe um item relevante a ser considerado: os benefícios econômicos que a exploração mineral pode render para uma localidade como as Minas do Camaquã.

Acredita-se que a elaboração de um plano de gestão é possível e necessária para a localidade, tendo em vista os rumos que a mesma está tomando devido à notícia de que novamente uma empresa de exploração mineral está se instalando na região. Este plano se faz essencial para a comunidade, uma vez que a mesma viveu suntuosa riqueza durante o período em que foi explorada e atualmente possui uma mínima infraestrutura para seus habitantes, um local que estagnou após um ciclo de abundância, que não soube como prosseguir e busca até hoje alternativas para um recomeço. Para além da exploração que acontecerá na região, são necessárias alternativas para que a localidade desenvolva possibilitando a preservação de sua paisagem aliada a disponibilidade de recursos para o morador local.

Dentre estas possibilidades são viáveis para a localidade a criação de uma unidade territorial diferenciada, como um parque mineiro ou um museu de território, neste sentido fazendo com que em pouco tempo possa estar atrelada a um geoparque.

REFERÊNCIAS

ALVES, R.; LEAL GOMES, C.; VALENTE, T. Um modelo de programa para a caracterização e valorização de espaços mineiros devolutos – O caso do Couto Mineiro de Lagares do Estanho, Vila Nova de Paiva. VIII Congresso Nacional de Geologia. Portugal. In: **Revista Electrónica de Ciências da Terra**, v. 18, n. 19, 2010.

ARAÚJO, E. L. S. **Geoturismo: Conceptualização, Implementação e Exemplo de Aplicação ao Vale do Rio Douro no Sector Porto-Pinhão**. 2005. 219f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade do Minho, Braga, 2005.

BARBOSA, M. M. P. **Espaços industriais esquecidos no tempo: Minas da Borralha**. 191 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade Lusíada do Porto, Porto, Portugal. 2012.

BERTRANDT, G. Le paysage entre la Nature et la Société. **Revue Geographique du Pirénées et du Sud-Oest**, tome 49, fasc. 2, Toulouse, France, 1978. p. 239-58.

BORBA, A. W. et al. Inventário e avaliação quantitativa de geossítios: exemplo de aplicação ao patrimônio geológico do município de Caçapava do Sul (RS, Brasil). **Pesquisas em Geociências**, v. 40, n. 3, p. 275-294, 2013.

BORBA, A. W. **Evolução Geológica da Bacia do Camaquã (Neoproterozóico e Paleozóico inferior do escudo Sul-Riograndense, RS, Brasil): Uma visão com base na integração de ferramentas de estratigrafia, petrografia e geologia isotópica**. Tese de Doutorado em Geociências. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BORBA, A. W. Geodiversidade e geopatrimônio como bases para estratégias de geoconservação: conceitos, abordagens, métodos de avaliação e aplicabilidade no contexto do Estado do Rio Grande do Sul. **Pesquisas em Geociências**, v. 38, n. 1, p. 3-13, jan./abr. 2011.

BRILHA, J. **Património geológico e geoconservação**. A conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage Editores, 2005.

CARVALHO, C. N.; RODRIGUES, J.; CANILHO, S. **Património geológico e geomineiro de Monforte da Beira (Castelo Branco): Caracterização do percurso pedestre “Caminhos do Ferro de Monforte”**. AÇAFA on line. n. 4 p. 1-32, 2011. Disponível em: <<http://www.altotejo.org/acafa/>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

CETEM. Centro de Tecnologia Mineral. **Tendências Tecnológicas Brasil 2007: Geociências e Tecnologia Mineral**/Eds. Francisco R. C. Fernandes, Adão B. da Luz, Gerson M. M. Matos, Zuleica Carmen Castilhos. - Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2007. 380 p.

CORREIA, V. F.; SÁ, A.; FAVAS, P. J. C. Valorização patrimonial das Minas de Regoufe e Rio de Frades (Geoparque Arouca, Portugal). In: **Para aprender com a Terra: memórias e notícias de Geociências no espaço lusófono**. 2012. Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31389>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

- DEGRANDI, S. M. **Ecoturismo e interpretação da paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local?** 2011. 197f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- GARCIA, T da S. **Da geodiversidade ao geoturismo: valorização e divulgação do geopatrimônio de Caçapava do Sul, RS, Brasil.** 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- GAROFANO, M.; GOVONI, D. Underground Geotourism: a Historic and Economic Overview of Show Caves and Show Mines in Italy. **Geoheritage**, v. 4, p. 79-92, 2012.
- GRAY, M. **Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature.** Londres: John Wiley e Sons Ltd., 2004.
- HENRIQUES, M. et al. Geoconservation as na Emerging Geoscience. **Geoheritage**, v. 3, p. 117-128, 2011.
- HOSE, T. A. The significance of aesthetic landscape appreciation to modern geotourism mprovision. In: NEWSOME, D.; DOWLING, R. K. (Eds.) **The Tourism of Geology and Landscape.** Oxford: Goodfellow Publishers Ltda. p. 13-26, 2010.
- Hose, T. A. 'European Geotourism – Geological Interpretation and Geoconservation Promotion for Tourists'. In: BARRETINO, D.; WIMBLEDON, W. A. P.; GALLEGRO, E. (Eds.) **Geological Heritage: Its Conservation and Management.** Madrid: Sociedad Geologica de Espana/Instituto Technologico GeoMinero de Espana/ ProGEO. p. 127-146, 2000.
- JIMÉNEZ, D. F.; MATEOS, F. S. C.; OLMO, R. M. **Lectura del paisaje de la Comarca Alto Guadarrama Alto Manzanares: Un legado histórico.** Guia para su interpretacion. 147 f. Fundación Biodiversidad Obra Social Caja Madrid. Madrid. 2005.
- MANTESSO-NETO. V. **Geodiversidade, Geoconservação, Geoturismo, Patrimônio Geológico, Geoparque: Novos conceitos nas Geociências do século XXI.** Conselho Estadual de Monumentos Geológicos. Actas VI Congreso Uruguayo de Geologia. 2010. Disponível em: < [http://www.sugeologia.org/documentos/ACTAS%20VI%20CONGRESO%20URUGU AYO/trabajos/123_Mantesso-Neto_Virginio.pdf](http://www.sugeologia.org/documentos/ACTAS%20VI%20CONGRESO%20URUGU%20AYO/trabajos/123_Mantesso-Neto_Virginio.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2015.
- MATOS, J. X.; OLIVEIRA, J. M. S. **Patrimônio mineiro português: estado actual da herança cultural de um país mineiro.** Actas do Congresso Internacional sobre Patrimônio Geológico e Mineiro, IGM/SEDPGYM, Beja, Portugal. 2003.
- MEDINA 2015. Tendências Tecnológicas Brasil 2015: **Geociências e Tecnologia Mineral/Eds.** Francisco R. C. Fernandes, Adão B. da Luz, Gerson M. M. Matos, Zuleica Carmen Castilhos. - Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2007. 380 p.. Capítulo 3
- MINAS BREJUI. **Museu Mineral Mario Moacyr Porto.** Disponível em: < <http://minabrejui.com.br/site/museu/>>. Acesso em 05 maio 2016.

MINAS OUTDOOR SPORTS. **Um parque temático de aventura ao ar livre.** Disponível em: <www.mina.rs>. Acesso em 15 abr. 2015

MINEROPAR. Minerais do Paraná. **Geoturismo em Curitiba.** 2008 122 f. Disponível em: <http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/publicacoes/GeoturismoemCuritiba_portugues.pdf>. Acesso em 03 abr. 2015.

MORALES, J. F. Um recorrido por la interpretacion. In: Oficina Regional de la FAO para América Latina y el Caribe. **Informe del Taller Internacional sobre Interpretación en Áreas Silvestres Protegidas, Parque Nacional Puyehue,** Osorno, Chile, 1989. p. 21-29.

MOREIRA, J. C. **Patrimônio Geológico em Unidades de Conservação:** Atividades Interpretativas, Educativas e Geoturísticas. 2008. 428f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

NASCIMENTO, M.; SCHOBENHAUS, C.; MEDINA, A. Patrimônio geológico: turismo sustentável. In: SILVA, C. **Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro.** Rio de Janeiro: CPRM, 2008b.

NASCIMENTO, M. A. L. RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. **Geodiversidade, geoconservação e geoturismo:** trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. Rio Grande do Norte, RN. UFRN, 2008a. 84p.

NOGUÉ, J. Paisaje y comunicación: el resurgir de las geografías emocionales. p. 25-42. In: LUNA, A.; VALVERDE, I. **Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinarias.** Universidad Pompeu Fabra, Barcelona. p. 133, 2012.

OYARZUN, R.; LILLO, F. J.; LOPEZ-GARCIA, J. A.; ESBRI, J. M.; CUBAS, P.; LLANOS, W.; HIGUERAS, P. The Mazarrón Pb-(Ag)-Zn mining district (SE Spain) as a source of heavy metal contamination in a semiarid realm: Geochemical data from mine wastes, soils, and stream sediments. **Journal of Geochemical Exploration,** v. 109, p. 113-124, 2011.

PEREIRA, D.; BRILHA, J.; PEREIRA, P. **Geodiversidade:** valores e usos. Universidade do Minho, Braga. 16 f. Braga, 2008.

PORTAL DA PREFEITURA DE CURITIBA. Fundação Cultural de Curitiba. **Pedreira Paulo Leminski.** Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/equipamento/pedreira-paulo-leminski/266>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

PREFEITURA DE CAMPINAS. **Beleza da Pedreira do Chapadão encanta visitantes na reinauguração.** Notícia veiculada em 16/12/2013. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=21587>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

PROJETO DOCES MATAS. **Manual de Introdução à Interpretação Ambiental.** Projeto Doces Matas/ Grupo Temático de Interpretação Ambiental. 108p. Belo Horizonte, 2002.

RIBEIRO, W. C.; ZANIRATO, S. H. Ordenamento jurídico para a proteção do patrimônio natural no Brasil. **Revista de História (USP),** v. 158, p. 277-291, 2008.

RISK, P. H. The interpretative talk. In: SHARPE, G. W. (Eds.) **Interpreting the Environment**. London, Wiley & Sons. Inc., 1982.

ROCHA-CAMPOS, A. C. Varvito de Itu, SP: Registro clássico da glaciação neopaleozóica. In: SCHOBENHAUS, C. et al. (Eds.) **Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil**. SIGEP, DNPM CPRM, Brasília 2002. p. 147-154.

RONCHI, L. H.; LOBATO, A. O. C. (Orgs.) **Minas do Camaquã, um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo: UNISSINOS, 2000.

RUCHKYS, Ú. A.; MACHADO, M. M. M. **Patrimônio geológico e mineiro do Quadrilátero Ferrífero Minas Gerais** – Caracterização e iniciativas de uso para educação e geoturismo. Boletim Paranaense de Geociências, Paraná, v. 70, p. 120-136, abr./jun. 2013.

RUIZ, M. C. Patrimonio, parques mineros y turismo em España. **Cuadernos de Turismo**, Múrcia, n. 27, p. 133-153, jan./jun. 2011.

SCIFONI, S. **A construção do patrimônio natural**. 2006. 72 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SILVA, C. R. da. **Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro**. Rio de Janeiro: CPRM, 2008.

SILVA, R. M. **Espaço e Tempo nas Minas do Camaquã em Caçapava do Sul/RS**. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

STANLEY, M. **Geodiversity**. Earth Heritage, v. 14, p. 15-18, 2000.

TILDEN, F. **Interpreting Our Heritage: Principles and practices for visitor services in Parks, Museums and historic places**. Chapel Hill 117p. University of North Carolina Press, 1957.

TRICART, J. **Paisagem e ecologia**. Inter-Facies: escritos e documentos. São José do Rio Preto: Ed. Da UNESP, 1982.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALENTE, S.; FIGUEIREDO, E. Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira. In: **Cultura, Inovação e Território: o Agroalimentar e o Rural**, ed. L. Moreno, M. Sánchez, O. Simões, SPER - Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais. Coimbra, p. 133-142, 2008.

WILSON, E. O.; PETER, F. A. **Biodiversity**. Washington, DC: National Academy Press. p. 521, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO: PESQUISA SOBRE AS EXPECTATIVAS DOS MORADORES LOCAIS

Há quanto tempo vive/mora na Vila Minas do Camaquã?

Você participou ou residiu na vila durante o período da mineração de metais? Qual sua visão ou recordação sobre aquela época?

Hoje, quais os pontos positivos e negativos de morar/viver nas Minas do Camaquã?

O que você gostaria que melhorasse na vila?

Você gostaria que a vila crescesse e se desenvolvesse? Por quê?

Como você imagina a Vila Minas do Camaquã em um futuro próximo (10-20 anos)?

Para você, qual o melhor modelo para o desenvolvimento desta localidade?

Você participaria de iniciativas que viessem a contribuir com este desenvolvimento?

Para você, o que mudou na localidade após a chegada da empresa de esportes de aventura?

Você, como morador, percebe um aumento no número de visitantes? Em que períodos? Esse aumento, para você, é positivo ou negativo? Por quê?

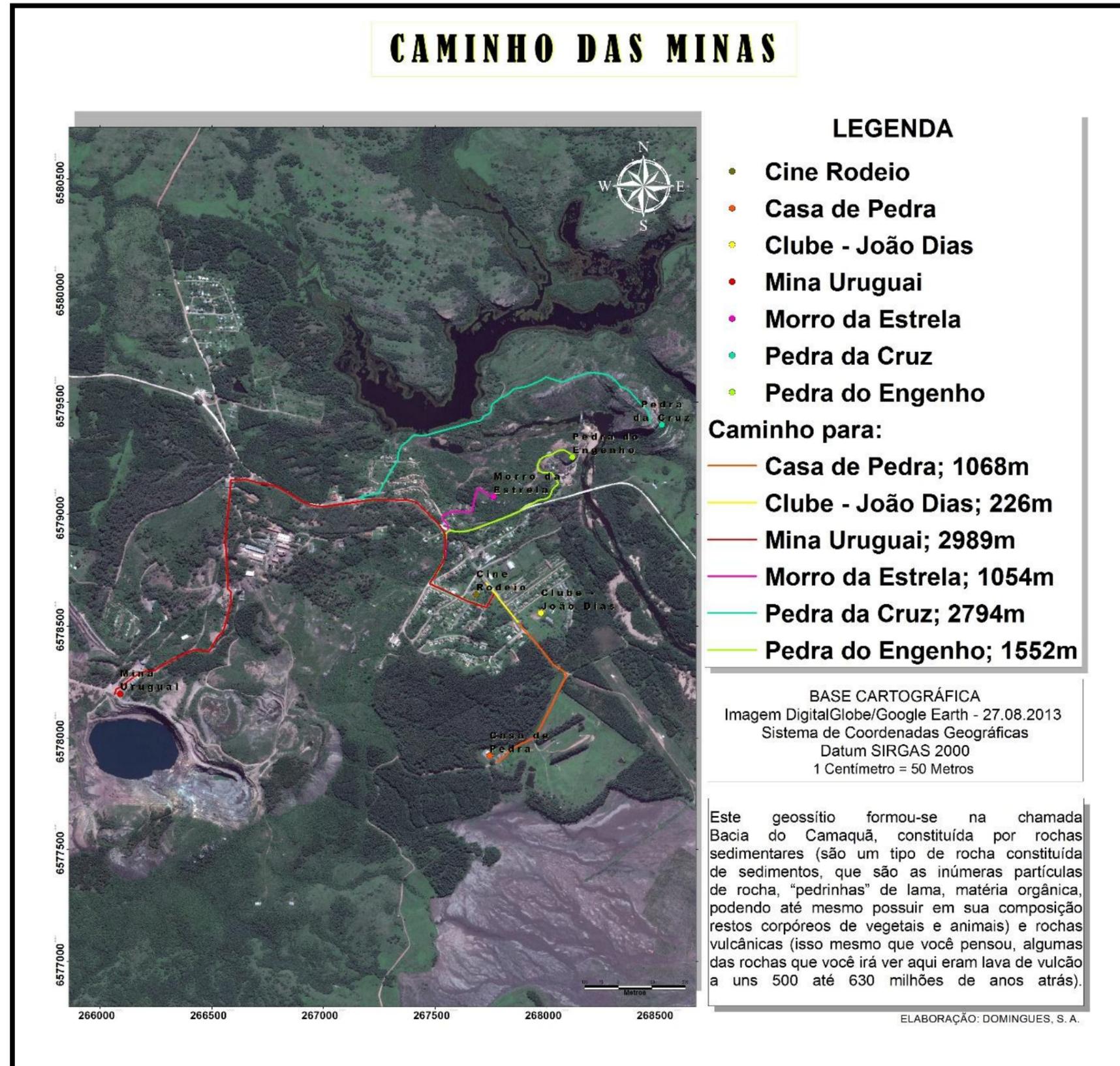
Que elementos você valoriza mais na paisagem das Minas do Camaquã?

Que elementos você consideram que “estragam” a paisagem das Minas do Camaquã?

Quais os locais que você acredita que tenham grande valor aqui na localidade em termos de natureza? E em termos de história da mineração? Indique pontos (locais) interessantes para contemplação da localidade.

Uma frase ou palavra para Minas do Camaquã.

APÊNDICE B – MAPA GEOTURÍSTICO DA LOCALIDADE DE MINAS DO CAMAQUÃ



DAS ENTREVISTAS

Equipe diretiva da escola existente na localidade

Na entrevista na escola as foram entrevistadas professoras da equipe diretiva do educandário, no início da nossa conversa as mesmas retratam o sossego, a segurança e a tranquilidade de morar na vila. A entrevista começou quando as mesmas foram questionadas sobre o funcionamento da Escola Estadual de Ensino Médio Gladi Machado Garcia, onde falaram que a escola trabalha nos turnos vespertino e noturno e atende alunos de pré-escolar ao ensino médio. O ensino médio também é noturno e a escola possui uma particularidade que é uma turma de sétimo ano que também tem aulas no período noturno, esta turma não é uma turma de educação de jovens e adultos, trata-se de uma turma de alunos com mais de dezoito anos que foram egressos e que estão agora retomando seus estudos.

Uma das professoras está lecionando no magistério há 17 anos e trabalha na escola há 5 anos, já fazia parte da equipe diretiva anterior, há 4 anos a mesma é moradora da vila. As outras professoras que estavam presentes na sala, responderam que são moradoras da vila há 28 anos que saíram da localidade e acabaram voltando, as mesmas quando criança tinha uma outra percepção da vila, pois se tratava de um lugar enorme com muitos moradores e funcionários da antiga mina, na época viviam em um outro mundo, onde a CBC (Companhia Brasileira do Cobre) pagava tudo para seus funcionários, onde tudo funcionava, a infraestrutura era toda por conta da CBC, inclusive alimentação, e relatam que na época os funcionários não eram donos das casas, mas hoje as professoras tem suas residências particulares.

Entre os pontos positivos de morar na vila destacaram que vivem no paraíso, é tranquilo, não existe problema de violência, todos se conhecem, uns cuidam os outros. Em se tratando de segurança, quando as pessoas viam carros estranhos na comunidade, ficavam pensando quem poderia ser e o motivo de estar ali, porém com o início das atividades da empresa de esportes de aventura, relataram que já estão mais acostumados com o fluxo de automóveis estranhos e também que existe um movimento de turistas maior de terça a domingo, em feriados existe um fluxo maior ainda, pois ocorrem eventos, e relata que o fluxo do turismo aumentou muito durante

estes três anos. A diretora em 5 anos morando na vila disse que nota que o crescimento é visível.

Entre os pontos negativos o principal é a estrada e que a maioria das pessoas dependem do seu veículo particular para se locomover até a sede do município. Relataram que existe apenas um horário de ônibus, e na época em que a companhia funcionava haviam diversos horários de ônibus. Outra coisa negativa que se sente na comunidade é a falta de emprego, os alunos perdem a motivação até na escola, existem séries que eles vão remando até completarem 18 anos e evadirem o ambiente escolar, a expectativa com a empresa de esportes de aventura aumentou, pois oferece emprego, o comércio aumentou um pouco, e a grande expectativa agora é a empresa de exploração mineral que se fará presente na localidade, neste sentido fez com que o número de alunos principalmente à noite tivesse um aumento, para se qualificarem e buscar emprego.

Em se tratando de pontos que gostariam que fossem melhorados na vila relataram que a falta de emprego é um dos pontos que deveriam ser melhorados, já em relação a escola os pontos citados para que fossem melhorados foram a estrutura física, que é muito antiga e necessita muitos reparos, porém pedagogicamente existe uma boa infraestrutura. Estão ocorrendo melhorias na escola que são questões como uma sala de informática que está sendo montada, aumentando o sinal da internet, para que haja capacidade de distribuição em toda escola. A comunidade escolar, os pais estão bem ativos e que ajudam a escola.

Quando questionadas quanto ao crescimento da vila, responderam que gostariam que a vila se desenvolvesse e crescesse para que os alunos tivessem uma maior expectativa, que continuassem trabalhando na vila e não fossem embora, por que tendo emprego eles ficam na comunidade o que acaba trazendo mais benefícios para a comunidade como médico que não tem, e que tem apenas o posto de saúde com uma técnica em enfermagem. O posto de saúde possui uma ambulância que carrega as pessoas da comunidade e é uma ambulância nova que a prefeitura enviou para a localidade.

Sobre outro modo de se desenvolver que não fosse a mineração? Quando a CBC fechou as pessoas da comunidade ficaram perdidas e começaram a investir no turismo mais rural, então surge a empresa de esportes de aventura, elas acreditam que se não for a mineração o mais viável é o turismo, o turismo de aventura, e relata também sobre um turismo mais científico onde diz: “tem bastante “pedra” os rios”,

existem os arroios João Dias e também o Camaquã, e que o município também não oferece tantas opções de emprego, tirando as Caieiras que possui uma indústria grande.

Quando perguntadas sobre as verbas, responderam que por se tratar de uma escola da rede estadual de ensino recebe verbas do estado, mas no tempo da CBC, a companhia ajudava bastante a escola, até porque estudavam na escola os filhos dos funcionários da CBC, ajudava no mobiliário, reparos e merenda. Hoje o recurso é todo do estado e a comunidade ajuda bastante, estão sendo planejados eventos que serão promovidos para arrecadar verba para a escola, possui um COM (Círculo de Pais e Mestres) bem atuante, a maior parte dos alunos vem no transporte escolar do interior, tanto de Caçapava como de Santana da Boa Vista, e as verbas vem pelo número de alunos, a alimentação é o maior problema, pois recebe-se 30 centavos por alunos, e foi relatado que a escola está recebendo verba para 148 alunos que foi o número de alunos matriculados no ano passado, mas que este ano estão matriculados 160 alunos, a escola possui um estoque de alimentos que vai durar um mês e meio quase dois meses que foi doado pelos pais, na época em que a CBC funcionava a alta cúpula da CBC era quem comandava o CPM da escola, que eram engenheiros, geólogos. Existiam duas escolas, uma estadual e uma particular e também existia uma diferença de classes, os alunos com maior poder aquisitivo estudavam na escola particular.

Buscando melhorar a qualidade de ensino a escola entrou com processo para implantação no ano que vem do curso pós-médio de técnico em mineração, o primeiro técnico em mineração do estado. Quando questionadas sobre o desempenho da escola as professoras respondeu que estes estão junto com os dados estatísticos do município de Caçapava do Sul, a nível estadual a se tratar da 13 CRE, e acreditam que a mesma não possui um índice de desempenho muito alto.

Hoje as dificuldades enfrentadas pela escola são a infraestrutura que necessita de reparos e também a alimentação que em nível estadual (todo o estado do Rio Grande do Sul) está apenas repassando 30 centavos por aluno de verba para merenda escolar, mas destacaram que o pior mesmo é a infraestrutura, pois ano passado teve um temporal em que caíram arvores por cima da cerca e os postes da rede elétrica caíram por cima da escola, ficaram três dias sem conseguir entrar na escola.

Quanto aos pontos positivos e negativos vistos ponderaram que a escola está fazendo trabalho de mutirão de limpeza. Existem muitos animais soltos na rua, quando tentam revitalizar plantando arvores e flores os animais acabam destruindo as plantações, é necessário conscientizar as pessoas para manter o ambiente limpo, os professores estão tentando montar uma horta e tentando conscientizar a comunidade aos pouquinhos, pois a comunidade acha normal que os animais andem soltos pelas ruas, mas na época da CBC não era assim. Existe um funcionário da prefeitura para que faça a limpeza dos vários locais da comunidade, quando os turistas chegam em algum lugar este lugar tem de estar limpo. Foi mencionado o cine rodeio por exemplo que estava com a grama alta no dia da entrevista. Além do mais os animais soltos estragam a paisagem, destacando entre os pontos positivos que o céu mais bonito é nas Minas do Camaquã. Quanto aos locais com grande valor destacaram que pontos com valor histórico como a área industrial a mina a céu aberto, o engenho velho e também a barragem que é uma barragem histórica feita pelos belgas. Entre os moradores existe a convicção de que a barragem foi a 2ª maior hidrelétrica do país para a época, pois para os moradores tudo que lá existia era melhor. Em se tratando de pontos interessante na localidade para a apreciação da paisagem ressalta a barragem e a pedra da cruz.

Em um futuro próximo para as minas do Camaquã acreditam que a mesma vai crescer mas não como era anteriormente, aquele monte de gente não virá, imaginando a mina bem conservada, concebe-se uma visão prospera com a abertura da empresa de exploração mineral, que é um empreendimento que mexe com o meio ambiente que vai trazer muita gente de vários níveis sociais, sabe-se que o progresso tem dessas coisa que traz muitas coisas boas e muitas coisas ruins, a expectativa é ver a escola cheia de alunos. Relataram que ficam felizes com novas matrículas.

Quando perguntadas sobre qual cenário seria o favorável para a localidade se era a mineração ou a conservação desta área para turismo responderam que os dois cenários eram favoráveis, mas são caminhos diferentes, deve haver uma conscientização da comunidade para que o turismo se desenvolva, a escola já participa de um projeto de uma grande empresa de exploração mineral, é a única escola do estado que participa do programa pois é voltado sempre para o município, e a escola como está inserida onde a empresa quer explorar, abriu uma exceção para a escola estadual, que vai participar deste programa social.

Como frase para a localidade: - Unidos somos mais fortes.

Acredita-se que ainda falta muita coisa para que se atinja o êxito do turismo, por enquanto é apenas uma empresa que usufrui deste turismo, não é a comunidade que oferece um turismo. Em relação a isto, elas trabalham com os alunos para que saibam da história e cultura da vila para que auxiliem e também saibam passar isso aos turistas, fazendo um trabalho de conscientização onde os alunos possam conscientizar o turista para que não levem as “pedrinhas” e os cactos que lá existem. Neste sentido também está tentando montar material adequado ao turismo para que quando chegar alguém eles possam trabalhar e mostrar esse material que é feito na escola.

Professor da Rede Estadual de Ensino

O professor de relata que as Minas do Camaquã esteve sempre relegada a boa vontade das administrações do município. Ultimamente as minas estão bem desassistidas, existe muito lixo nas ruas, animais soltos nas ruas. Ele relata também que as legislações não são cumpridas, quanto a conservação e limpeza das ruas, poda de arvores, redes de tratamento de esgoto. O professor é morador da região, nasceu em Caçapava, e veio morar no interior do município desde os 2 meses de idade, em uma localidade próxima as minas, mas se considera mineiro, saiu para estudar, retornou e saiu novamente devido a uma transferência. Esta morando na vila desde 2001 e não pretende sair da vila. Fala também que na época da mineração a recordação que possui é muito boa, pois a comunidade era desenvolvida, existiam empregos, inclusive para os alunos que terminavam o médio referindo-se ao ensino médio da escola, existia perspectiva de trabalho na própria empresa quando terminava o médio. A comunidade tinha uma perspectiva de vida, para as pessoas que lá moravam, existia uma administração sólida, com segurança, policiamento, a vida ainda hoje é tranquila, porém é boa para as crianças até uma certa idade, boa para as pessoas que se aposentaram e lá ficaram, boa para os funcionários públicos tem uma vida estável financeiramente. Para os jovens a perspectiva é pequena, ainda acredita que existe uma luz no fim do túnel com as instalações de uma empresa de exploração mineral de capital mundial, acredita muito que a empresa trará expectativas de empregos, e impostos que irão para

Caçapava, acredita no impulso que vai dar ao município visto o retorno dos impostos.

Dentre os pontos positivos com a volta da mineração para a região ele acredita que volta o desenvolvimento econômico, a perspectiva de emprego, a questão da vinda de mais pessoas que vão voltar para as minas e que a escola receberá mais alunos e isto é muito bom para a escola. Entre os pontos negativos relata que existe um desabastecimento em termos de variedade de mercadorias, principalmente na parte de hortifrutigranjeiros, pois tem-se o básico mas falta variedade. A questão das estradas, que nem sempre são de fácil acesso, a estrada chegou a estar intransitável em função do mau tempo e o descaso do DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem/RS). Outro ponto negativo é a falta de médicos na localidade, para ele o ideal seria que tivessem médicos no mínimo duas vezes por semana. E o terceiro ponto negativo, é a falta de uma administração local que seja um intermediário com a prefeitura, acredita que faz falta uma subprefeitura no local.

Pontos positivos, é uma comunidade boa em termos de tranquilidade de qualidade de vida são os pontos que ele destaca, o relacionamento afetivo das pessoas, embora a diferença de pensamentos umas das outras, as pessoas são bem próximas, umas das outras. Destaca ainda a proximidade física e afetiva que existe na localidade.

Para além do médico o que poderia melhorar na vila é mais na parte da área comunitária. A escola está indo muito bem, são os primeiros meses da nova diretora, tem conseguido coisas positivas até parcerias com a UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa) com trabalhos e palestras, a dificuldade existente é a atual conjuntura do estado que a escola como todas as outras estaduais ficam à mercê do governo do estado.

Acredita que ainda falta conscientização das pessoas da localidade devido ao protecionismo existente anteriormente por parte da CBC. Pois quando as pessoas precisam de alguma coisa, acredita que as mesmas sempre esperam pelo poder público, porém sabe que deve exigir de alguém, por isso gostaria que a subprefeitura retornasse para a localidade. Contou que até existe consciência por parte dos moradores, mas em um determinado momento cansa por que faltam decisões por parte do poder público também.

Tem tanta pequena empresa que poderia se estabelecer na localidade, pois existe energia, abundancia de água, espaço físico. Então ele questiona, por que a prefeitura não dá incentivo para que pequenas empresas se instalem na região? Como por exemplo frutas, na região é comum chegar em qualquer casa e ter um pequeno arvoredo. Por que não incentivar uma pequena empresa tipo estas que existem em pelotas para que elas se estabeleçam nas minas e aproveitar esta pequena produção de frutas, às vezes as pessoas não se importam de cuidar seu quintal e podar suas árvores frutíferas em época adequada pois não existe o incentivo, o morador colhe do seu quintal apenas para consumo próprio e para os animais. Ele questiona também o fato de não existir um incentivo da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e órgãos ligados a agricultura para que as pessoas cuidem melhor do seu quintal e a partir de então formar a consciência das pessoas para produzir para uma das empresas dessas áreas de agronegócio de fruticultura que trabalham com a fabricação de doces e geleias. Estas pequenas empresas poderiam se estabelecer na localidade, mas ficam à mercê dos prefeitos e vereadores, das forças vivas da comunidade.

Ainda pontuou a questão, mas por que para as minas do Camaquã e não próximo ao município de Caçapava? Se tivesse uma subprefeitura na localidade, o subprefeito trabalharia para a comunidade e teria força política para trazer essas microempresas para a localidade. Existem muitas pessoas que vendem frango, ovos, que vendem quitandas, se houvesse um pequeno abatedouro, pois na região existe uma grande quantidade de venda de carne de ovelha, este poderia comprar ovelha das pessoas da região e abater nas minas. O empresário ganharia dinheiro e a comunidade também, isso se tivesse uma subprefeitura, acredita que haveria mecanismos para que boa parte dos impostos ficasse na vila. Na mesma existe apenas uma pequena agricultura de subsistência de alguns moradores.

Acredita que o incentivo faria com que as pessoas melhorarem sua produção. Com técnicas adequadas as pessoas seriam incentivadas a produzir, a venda esporádica está de bom tamanho, mas se tivesse uma pequena empresa que absorvesse essa produção, pois não existe mercado consumidor para todos. Na vila não funciona a venda à vista, a comunidade não possui poder aquisitivo para comprar todos os dias, o poder aqui é todo na caderneta, pois a maioria são aposentados, que recebem no final do mês, os funcionários públicos, que não são muitos, são professores da escola e pessoas que vivem de serviços esporádicos,

como corte de grama, algum trabalhador que trabalha limpando residências. A venda fica para ser paga no final do mês.

Gosta de atuar no magistério, pois a área que escolheu para trabalhar sempre chamou atenção que é a área de ciências humanas. Promove debates de conscientização, conversa bastante com os alunos a cada turma que entra. No 1º ano do ensino médio escolhe um projeto de pesquisa para trabalhar, em um de seus projetos que foi desenvolvido e acabou a 2 anos atrás problematizou a questão da produção local. A escola do estado trabalha em cima de projetos de pesquisa para problematizar e tentar encontrar uma solução. Existe de certa forma um trabalho de conscientização, mas a falta de perspectiva influencia os alunos de não quererem saber mais sobre o que é passado em sala de aula. Isto faz com que o mesmo tenha impressão de que estão desmotivados, citou um exemplo sobre alunos da sede do município e os alunos moradores da vila, onde relatou que parece que eles não estão pensando no resto do mundo, que estão apenas pensando na vila que é o mundinho deles, mas existem exceções de alunos que estão conscientes sobre o que acontece no mundo.

A conscientização na vila é complicada, se é a falta de perspectiva, se é o medo de enfrentar a vida fora da comunidade, se é a falta de apoio da família, pois na vila ainda existem poucas pessoas que possuem alguma cultura. Onde você tem uma família que incentiva a ler uma revista um jornal, já na vila existem pais que acreditam que trabalhar com o fazendeiro próximo ganha mais do que estudar procurar conhecimento. Esta é uma situação complicada pois acaba desanimando até o aluno para estudar. A escola se preocupa muito com este pensamento, procura levar os estudantes as feiras e exposições das universidades para que sejam incentivados a estudar. O professor acredita que os professores são eficientes, que os problemas existentes podem advir da família porque os professores participam de seminários de especializações, o problema está na família, no momento que o adolescente não tem o apoio da família ele se sente desestimulado.

Também acredita que a exploração mineral até pode degradar o solo, mas que a agricultura para fins comerciais degrada tanto quanto a mineração, um solo desgastado após uma plantação de soja e arroz demora muito tempo para que possa criar novamente gado naquele solo. A família do professor trabalhou muito tempo com gado e hoje ele não cederia nenhum hectare para plantação de soja ou

de arroz. Tudo é muito relativo, pois no momento que tem uma empresa que explora a localidade, mas que oferece uma contrapartida, como emprego, trabalhos sociais, colaboração com a própria escola, como por exemplo, uma empresa de exploração mineral que já está desenvolvendo parceria com a escola. Nem se fala das cidades que cobram a diminuição da poluição, equipamentos que as empresas devem ter para que não poluam o ar. Ele não percebe a exploração mineral como um problema.

A empresa de esportes de aventura chegou em boa hora, pois quando não tinha nenhuma perspectiva chegou a empresa dando emprego inclusive para ex alunos da comunidade e incentivando o turismo, pois as pessoas acabavam vindo aqui e se encantando, se encantavam com as belezas naturais mas nada era explorado. A empresa de turismo chegou e implantou eventos, como a tirolesa a visitação na antiga área de exploração, chegou aqui e criou uma nova cara para a comunidade, pois lançou Minas do Camaquã a nível nacional e por que não a nível mundial pois o proprietário viaja muito e divulga muito as Minas do Camaquã na internet também. Recebe-se muitos turistas no final de semana, época de férias, mais ainda, são promovidos eventos na área de esportes de contato com a natureza o arvorismo, passeio de barco, canoagem, eventos ligados ao *Paint-Ball*, a própria localidade das Guaritas que possui a associação e que recebe visitantes. As pessoas que moram na localidade não veem novidade nenhuma, porém as pessoas que moram no RJ, SP, moram naquela selva de pedra, vem para as Minas do Camaquã e se encantam com as belezas naturais da localidade. Então eu vejo a empresa de esportes de aventura com bons olhos e estimo que continue assim por um bom tempo.

Quando questionado se o mais favorável para a região seria o turismo ou a mineração ele foi enfático dizendo que os dois favorecem a região, tanto o turismo quanto mineração. Ainda acredita que falta o apoio das autoridades municipais no que tange ao turismo de esportes de aventura, a começar pela estrada que é estadual e as autoridades não se importam. O professor cita que por vezes foi o próprio empresário do Minas quem colocou seu maquinário para que a estrada que faz a ligação da vila com a BR 153 fosse arrumada. As ruas de dentro da vila é de obrigação do município, mas que quando existem os eventos o empresário traz as máquinas dele para arrumar as ruas da vila. O turismo é uma coisa localizada, mas que deveria ter mais apoio da administração municipal, como exemplo faz uma

comparação com Gramado, onde diz que não tinha nada a anos atrás, que era apenas mato sanga e morro, mas os prefeitos tiveram a competência de transformá-la em pólo turístico. Faz anos que se fala em desenvolver o turismo, mas a administração municipal muito pouco faz para apoiar e fazer com que o turismo se desenvolva, se a empresa não tentar alavancar o turismo na região ele não vai existir. Hoje ele acha que a mineração alavancaria melhor a questão de desenvolvimento da localidade, até porque existe um projeto a nível de escola com apoio dos órgãos competentes da educação de se implantar um pós-médio ligado a área da mineração e isto já está com o pontapé inicial e vai se concretizar neste lado.

Em relação aos elementos que valorizam a paisagem ele relatou que é questão complicada, houve degradação devido a exploração, houve tentativa de recuperar. O reflorestamento do rejeito não vingou, não tem muitos conhecimentos sobre o assunto, mas sabe que foram feitos reflorestamentos na tentativa de minimizar estes impactos causados anteriormente. Acredita o que estraga é a falta de cuidado das pessoas em conservar o local em que estão habitando. Por exemplo se a prefeitura não vem recolher o lixo, é ruim se eu jogar o lixo na rua. Mas também é ruim eu ter pocilgas, galinheiro, na beira da barragem, mas estes existem na localidade, pois polui a água que é para consumo embora seja tratada, isso é o lado obscuro que as pessoas não enxergam. Caminhando no entorno da barragem você acaba por enxergar, pet, sujeira, saco plástico, cartucho de munição, tudo isto polui. No momento que cai a chuarada que lava o galinheiro e o chiqueiro, vai tudo para a barragem vai para água que é consumida pela comunidade. O que embeleza, são as belezas naturais, as rochas, os mananciais de água que temos aqui, os campos do entorno, a mata nativa, as espécies vegetais que ainda existem aqui. Os famosos cactos que são espécies endêmicas da vila Minas do Camaquã, destacou isto como ponto de partida para conservar cada vez mais a biodiversidade. Locais com grande valor são em termos de natureza, a própria barragem do arroio João Dias, a área da praia do paredão, que apesar de particular é utilizada pela comunidade, a região das guaritas e o rio Camaquã, o projeto Alto Camaquã que existe para desenvolver a agropecuária da região e de histórico os pontos destacados são a antiga área da mineração, a mina céu aberto, visita das galerias, na praia do paredão as ruínas do antigo engenho e os prédios históricos como a fazenda do João Dias, a igreja de Santa Bárbara o monumento em homenagem ao João Dias. Pontos interessantes

para contemplar a localidade seria a praia do paredão e a pedra do engenho que seriam quase um mirante para observação da paisagem das Minas do Camaquã.

Quando perguntado sobre um futuro próximo o professor relatou que acredita que daqui a 10 ou 20 anos Minas do Camaquã será uma grande empresa de mineração. Tendo esta convicção da Mina do Camaquã voltar a produzir na sua própria riqueza e quem sabe uma futura emancipação política, desde que as empresas que ele elencou anteriormente viessem pra cá, como empresa de mineração com determinado período de estimativa de produção e pequenas empresas que aproveitem a produção rural, ele acredita que existe sim condições de se emancipar, pois é uma área imensa, onde tem pecuária e pode ser desenvolvido agricultura, fruticultura, tudo associado a mineração, além de estabelecimento de pequenas empresas aqui. É o que ele gostaria que acontecesse nas minas do Camaquã.

Como palavra ou frase para as Minas do Camaquã ele pensou e falou a palavra Exótica. E explicou que existem locais nas Minas do Camaquã que somente você visitando vai encontrar caricaturas nas pedras, mapas nas pedras, pequenos caminhos que apenas os animais pisaram, paisagens exóticas que a gente não enxerga, e ele que mora a anos lá diz que ainda existem cantinhos que ele caminha por lá e que ainda hoje se admira.

Equipe da empresa que trabalha com esportes de aventura

A representante da empresa que nos recebeu falou que o empreendimento existe desde Março de 2013, gera 9 empregos diretos, com moradores da comunidade.

Quando questionada sobre a receptividade da comunidade para com a empresa ela falou que as pessoas ainda estão se adaptando ao empreendimento, acredita que as pessoas que vendem alguma coisa como artesanatos e produtos caseiros poderiam estar bem mais preparadas para receber os visitantes. As vezes tem movimento e gera barulho, e ela acredita que este movimento com barulho é o que incomoda alguns moradores da comunidade, mas que as pessoas estão se adaptando ao movimento.

Ela relatou também que a qualidade dos clientes melhorou durante os eventos do festival de esportes de aventura onde as pessoas praticaram mais

esportes nos eventos, mesmo com a diminuição do público. Acredita que o empreendimento combina com as características humanas do local pois é um local que já está pronto para este tipo de esporte e que apenas algumas coisas foram adaptadas. Para estes eventos existe um incentivo para que os artesãos da comunidade exponham seus produtos, indicação de todos os restaurantes, todos os locais que produzam serviços e que quando ocorrem os eventos procuram deixar que as pessoas tenham curiosidade de procurar estes locais, e que elas possam visitar todos.

Quando foi questionada sobre o retorno esperado, a mesma acredita que está dando o retorno pois as pessoas já estão retornando e trazendo outras pessoas para a localidade, no sentido pessoal também acredita que está crescendo e relata também que não esperava outro resultado, acredita que o crescimento está bom, pois faltam serviços (restaurante, bar, lanchonete), mas também faltam pessoas capacitadas e que queiram trabalhar sábado e domingo e acredita que já estão amadurecendo junto com as pessoas da comunidade.

Nas questões seguintes a professora de história da escola Gladi, também teceu alguns comentários sobre a situação da vila minas do Camaquã de acordo com o questionário estabelecido.

Professora da rede estadual de ensino

Ela relatou que as pessoas não querem comprometer-se muito. Existe um vício histórico da era Pignatari, onde as pessoas não possuem um comprometimento de perceber que a empresa de esportes de aventura vai melhorar para todos. Os locais que anteriormente estavam totalmente parados voltaram a ter movimento, mas é necessária a conscientização das pessoas. Quanto melhor o público for atendido, mais vezes o público irá voltar. Acredita também que falta comprometimento por parte da comunidade, as pessoas não querem perder nada, nunca, e por vezes para que os negócios não saiam perdendo, então as mesmas preferem não fazer citando um exemplo no caso de refeições. Houve um aumento no número de pessoas durante os eventos do festival de esportes de aventura. A visibilidade que o festival traz para a empresa é melhor, melhorou a qualidade do público, vieram pessoas afim de praticar os esportes mesmo. No terceiro festival,

não foi tão necessário fazer propagandas midiáticas para que os turistas fossem praticar os esportes de aventura na localidade.

Quando questionadas sobre o futuro do empreendimento relataram que o empreendimento tende a crescer, pois pode estar a crise que tiver, mas para o turismo acredita que não está faltando dinheiro pois no verão tiveram muitos turistas, durante os meses de janeiro e fevereiro tiveram muitos turistas que visitaram a localidade. O festival traz uma maior visibilidade, embora nos dias de sua realização não atraia tantos turistas quanto o esperado, mas as pessoas ficam sabendo por meio do festival que é possível visitar a localidade em outros períodos do ano.

A prefeitura é responsável pela manutenção da localidade, na frente do cine rodeio que está com a grama alta, porém é omissa com relação a localidade, eles não oferecem nada de infraestrutura, apenas recolhem o lixo quinzenalmente e não se preocupam com o restante, até mesmo a iluminação pública que está faltando na localidade.

Quanto a retomada da mineração, acredita que é algo que está um pouco longe, mas acredita que para a empresa não mudará muita coisa, até em alguns aspectos seria melhor pois haveria uma melhor estrutura, uma enfermeira padrão, uma farmácia, um médico. Não existem enfermeiros nem médicos na comunidade, apenas uma técnica em enfermagem. A menina que mora lá (enfermeira) não pode fazer muitas coisas pois existe limitações devido ao seu nível de ensino técnico. A técnica em enfermagem é moradora da mina, o posto de saúde da vila tem o mínimo, de forma quase precária.

Para ela dentre os elementos que mais são valorizados na paisagem, estão a pedra da cruz, a barragem, a mina a céu aberto e dos elementos que degradam são os prédios sem manutenção. Acredita que um meio ambiente preservado é o que mais combina com a prática de esportes de aventura.

Quando questionada sobre a relação do poder público para com o empreendimento elas relataram que a secretaria de turismo de Caçapava apenas informa, sobre o empreendimento existente na vila.

Acreditam que para que melhore a localidade, necessita de uma farmácia, pois a que existe lá é um posto de venda, existem alguns medicamentos, mas é o mínimo e medicamentos de pessoas que fazem o uso contínuo.

Acreditam que os esportes de aventura são a melhor alternativa de desenvolvimento para região, foram anos de pessoas que vinham e falavam que a

localidade estava abandonada, desde o final da mineração, as pessoas visitavam a localidade e diziam que pena que não tem guia turístico nem alguém para contar a história, então o Minas foi uma alternativa excelente, pois o que se dizia anteriormente que nada era viável, que não era possível, hoje a exploração turística é uma boa perspectiva para a vila. A professora não acredita que seja possível que os moradores tenham consciência para plantar cultivos para subsistência e também fazer hortas e pomares para venderem seus produtos. Acreditam que em um futuro próximo as minas estejam muito melhor, acreditam também que a empresa de exploração mineral esteja funcionando, que as pessoas estejam empregadas, e que esteja desenvolvido, pois quem conheceu como era antes e depois viu a fase que não tinha nada está vislumbrando um futuro bem melhor.

Como uma frase relatou que Deus foi muito generoso.

Empreendedor no setor de esportes de aventura

Quando perguntado sobre como a comunidade aceitou o empreendimento o entrevistado respondeu que acredita que a comunidade aceitou bem o empreendimento, pois quando trouxe a empresa para as minas criou impacto e as pessoas diziam que ele gostaria de tomar conta de tudo, relata que trabalha dentro do terreno dele, dentro da área da empresa, um espaço que ele arrendou, um espaço que é particular da empresa. O impacto se deu devido a comunidade possuir uma cultura de que tudo era público e na verdade não era, era uma empresa particular. Então essa empresa cedeu este espaço e o minas segue usando esse espaço. Acredita que no começo choca assim um pouco até não pelo próprio pessoal da comunidade, que mora, que realmente mora na localidade por que tem muita gente que vem veraneiar aqui, mas pelo pessoal de fora, o pessoal que vinha veraneiar aqui era notório que eles quando vinham para as minas sentiram aquele impacto. - Pô, mas o cara botou um portão lá agora ninguém mais pode entrar. Disse que não é que ninguém pode entrar, se pedir licença para entrar as pessoas são autorizadas, por exemplo a prainha que é uma coisa cultural da comunidade e que todo mundo toma banho. Mas para você ter um balneário você deve ter segurança, deve ter bombeiro, salva vida, licença, alvará, tem que ter tudo.

Então a empresa não trabalha com banho, porém a comunidade criou aquele:
- Bah! Mas o cara botou um portão. Afirma que colocou o portão e que existe uma

placa lá que diz que a entrada deve ser feita somente com autorização, que as águas são profundas, indicando que ali é um local perigoso, pois é necessário para que a empresa não assuma essa responsabilidade.

Quando perguntado se o empreendimento combinava com as características da região e do local ele respondeu que são duas coisas bem separadas, se pegar características das pessoas que ficaram morando no local, muitos eram aposentados não que os que tem casa aqui, existem 400 casas, mas digamos que 100 moradores ou 200 casas, grande parte ou é da comunidade escolar (acadêmica) ou são pessoas aposentadas, ou pessoas que são do meio rural, então quando você entra com turismo, é como você possuir cinco oficinas mecânica e colocar uma farmácia no meio. Pensou em uma proposta de reutilizar um espaço pós mineração, onde pudesse aproveitar este espaço e contasse a história da mina, contando a história local e tentando ao máximo preservar aquilo que é da comunidade, de maneira que a comunidade possa usufruir da maneira deles e o empresário usufruirá da forma dele, dizendo que é bem diferente uma coisa da outra, tentando conviver que nem a direita e a esquerda, o colorado e o gremista, tem-se de encontrar um meio de conviver todos juntos. Com o tempo a relação entre o empreendimento e os moradores evoluíra, um exemplo de que com o tempo que isso vai começar a evoluir é que os filhos dos trabalhadores vão começar a trabalhar na comunidade, não precisa trabalhar na empresa minas, mas como exemplo o supermercado existente, onde eles têm a atividade deles e o movimento da empresa fez com que para eles melhorasse um pouco. Então tanto ele atende o mercado do agricultor do homem do campo, como atende o professor, atende a comunidade local e agora estão atendendo o público do minas, da mesma forma as pousadas, que já atendiam o pessoal da ufologia, atendiam o pessoal do “*airsoft*” atendiam o pessoal de uma empresa de exploração mineral, o pessoal que faz pesquisa mineral aqui na região e mais a carteira de clientes que estão vindo hoje através do turismo, nós viemos pra somar, não pra dividir e acredita que está indo bem.

Quanto ao retorno esperado, relatou que seu ramo particular é a mineração, possui pecuária, transportadora, e há vinte anos atrás participou em Caçapava em uma associação chamada ASCATUR (Associação Caçapavana de Turismo), como voluntário. Então dedicou-se dois anos ao máximo e com isso percebeu que não conseguia. Porém na comunidade das Minas do Camaquã o setor público não estava presente, a comunidade que faz o turismo e a iniciativa privada também não

estavam presentes na localidade, então percebeu a oportunidade de investir no local e sentiu-se senti livre e solto para fazer. E ainda relatou que se der errado, o lugar pode não ser atrativo ou por que ele pode falhar como empresário ou ainda por que o mercado não é bom. Se der certo é porque todos envolvidos não falharam. A perspectiva que ele tem não é a de faturar tanto, a perspectiva é de um projeto social voltado para a inserção de jovens, tanto que quando o Minas foi criado capacitou-se jovens de 18, 19 anos. Hoje são apenas pessoas da comunidade que estão empregadas na empresa, que tem a filosofia de integrar. Claro que as vezes são necessários técnicos de fora para prestar assessoria, pois há necessidade de cumprir uma legislação e não se tem esse conhecimento, deve-se buscar nas pessoas que atendem esse segmento. Então como resposta acredita que atendeu a demanda, pois hoje além do Minas, Minas do Camaquã já é conhecida, já é vista, anteriormente falava-se em Minas do Camaquã pensava-se na cidade de Camaquã ou então que Minas do Camaquã fosse algo totalmente separado de Caçapava, hoje as pessoas enxergam Minas do Camaquã como Caçapava, então a expectativa para ele é 100%.

Quanto ao festival, a proposta é que o mesmo tenha visibilidade no RS, não visa o lucro, citou um grupo de Santa Maria possui uma escola e tem a carteira de clientes dele, são convidados no final de semana de festival este grupo para vir com a turma dele para as minas, então fazemos com que estas pessoas venham, a medida que elas vão até as minas, conhecem um local bacana interagem com outros grupos, como a canoagem, mergulho, “*slackline*”, escalada, “*downhill*”, voo livre, reúne vários segmentos com a mesma proposta do pessoal vir todos numa data praticar esportes neste local. Neste sentido faz uma comparação onde diz que se vierem 300 pessoas e que cada uma destas possua 100 amigos em uma rede social a propaganda vai para aproximadamente trinta mil, isto é uma mídia espontânea. Contrata-se os guias locais, guias para atender a comunidade, a questão de segurança, porém a questão toda é a visibilidade contendo uma proposta diferente. Não é necessário que tenha restaurante pra todo mundo, neste sentido as pessoas podem vir para cá e trazer o seu lanche, fazer o seu piquenique, podem comprar o pão caseiro que é vendido na comunidade, podem comer nos bares/restaurantes locais, vivenciando a comunidade, por que seria muito fácil a empresa contratar “*foodtrucks*” com lanche e deixar lanche na cidade, não faltaria lanche nunca para as pessoas que vem participar do festival, mas a proposta não é

essa, a proposta é de que as pessoas venham aqui e se disponham a ir na casa do homem do campo para comprar uma carne de ovelha, ou então acampar em locais onde as pessoas estejam dispostas a receber os turistas, comer um churrasco, para que saiam da rotina, então acredita que a proposta do festival atende o objetivo e a ideia não é aumentar o número de participantes e sim cada vez trazer pessoas diferentes tentando manter a média de público sempre. O empresário comentou: - A proposta é as pessoas irem se ajeitando.

Quanto ao aumento no número de participantes do festival acredita que o mesmo perderá a identidade se houver um grande número, esta identidade é justamente a troca de experiências, a conversa, estar debaixo de uma árvore e estarem diferentes grupos como o praticante do “*downhill*” junto com o praticante do skate, para que haja a troca de experiências, as pessoas conversarem, não é um festival para dez ou vinte mil pessoas. A proposta do festival é ter integração com a comunidade, as pessoas do campo, as pessoas se conhecerem interatividade entre os participantes e a comunidade, relata que existem clientes praticantes dos esportes de aventura que já se tornaram conhecidos na comunidade.

Quando questionado sobre a volta da mineração na região ele acredita que existem dois caminhos, pois o esporte de aventura se vender apenas tirolesa, toda vez que chove não tem cliente, já um festival de música, em qualquer época vai ter público. Todo empreendimento que se inicia tem de ter um período de maturação, disse que de nada adianta investir uma quantia alta, construindo várias pousadas e lotar apenas uma vez por ano. Primeiro é necessário que se crie uma demanda na própria comunidade onde os hotéis tenham uma lotação média anual maior, os serviços na comunidade comecem a ter mídia espontânea e as pessoas então começam a vir e estes empreendimentos começam a crescer. É o que está acontecendo com um crescimento de 20%, 30% ao ano. Sentiu-se o crescimento se analisar o primeiro ano para o ano passado existiu uma diferença grande, então a tendência é que se consiga manter uma média de crescimento. Se continuar assim em 10 anos estamos falando em 20 mil pessoas, é um crescimento absurdo a comunidade não vai acompanhar esse crescimento, terão de haver novos empreendimentos. Falou que é neste sentido que quer o crescimento, pois como é engajado na parte social, acredita que os empreendedores devem ser as pessoas da comunidade, podem vir pessoas de fora, mas as pessoas da comunidade têm de se encorajar e abrir a porta da sua casa, aproveitar e receber o turista, o visitante,

vender o seu pão, vender o seu artesanato. Então o empresário acredita que o caminho do seu empreendimento é muito bom. É difícil as pessoas se abrirem a essa nova realidade, mas acontece, em várias localidades que se conhece. Ainda relata que para as pessoas o público em geral, em regiões que vive-se do turismo, é mais fácil abrir a porta de suas casas para uma família do que para um grupo de jovens. No momento em que são famílias, convivendo com outras famílias é mais fácil, e isto já está acontecendo em Nova Petrópolis, em Gramado, as pessoas estão alugando suas casas, as mesmas estão virando pousadas familiares. Com relação a sazonalidade verão inverno, no verão as pessoas vêm para fazer turismo mais nos feriados grandes, porém o verão é para turismo de praia, o turismo mundial fala isso. Em novembro, dezembro, janeiro, fevereiro é praia, na páscoa, maio, junho, julho as pessoas se deslocam para o interior, os festivais de Gramado ocorrem no inverno, festa da colônia em Santa Maria no inverno, rodeios no interior ocorrem no inverno, então no inverno os eventos ocorrem no interior, porém no inverno o tempo é um fator relevante para nós, no inverno não é período de férias, as pessoas trabalham mais.

Quanto a mineração respondeu que cada coisa é uma coisa, turismo, homem do campo, pessoal da comunidade então vem uma quarta coisa, a mineração cada um vai conquistar seu espaço, as demandas da comunidade irão mudar, o posto de combustível vai vender mais, haverá uma maior demanda de serviço público, o posto de saúde atenderá um número maior de pessoas, o comércio venderá mais, impactará um pouco, mas não para o lado negativo, e sim para o lado positivo, depende de como a cidade se organizar, depende mais do serviço público, pois se não tiver um planejamento na questão urbana, um plano diretor para o terceiro distrito, em algum momento vão se instalar prédios de 6 andares aqui no distrito, impactando em relação a história da mina e a história da comunidade. Minas do Camaquã deveria ter um plano diretor voltado para Minas do Camaquã para não impactar tanto, para que se mantivessem as casas históricas com ar colonial que existem, por que hoje Minas pode crescer, então se deve ter um plano diretor que nestas áreas possa ser construído desde que seja preservada esta região central, pois esta área é eterna na questão de turismo.

Quanto aos elementos que ele mais valoriza nas minas respondeu que o verde, e em se tratando de verde a paisagem, a arquitetura. E acredita que não

existem elementos que degradam a paisagem. O cenário que mais combina com a filosofia da empresa de esportes de aventura é um meio ambiente preservado.

Na questão da relação do empreendimento com o poder público, o empresário respondeu não tem problemas com e os representantes do mesmo, disse que conversa e pergunta como está o movimento. O município não tem um plano voltado para o turismo e que atenda os pontos turísticos de Caçapava, falta um pouco de integração do setor público com a comunidade que acredita no turismo. Falta plano diretor, voltado para o turismo, planejamento. Falta limpeza urbana, cuidar das coisas ter carinho pelas coisas. Falta manutenção da estrada, pode ser chão batido. Falta farmácia, posto de saúde que tem dificuldade e também preocupa muito a questão do saneamento com o passar dos anos, hoje estamos aqui toda comunidade, tem o rio, o arroio João Dias, que quando aumentar o fluxo de pessoas, aumentará a demanda de esgoto que acaba indo para o rio então é um fator preocupante então ele lembra do festival onde não adianta colocar 20 mil pessoas e não ter estrutura. Nessa questão o setor público tem de estar presente, fazer um projeto buscar o recurso público federal, hoje tem recurso do governo federal para as cidades potencialmente turísticas a fundo perdido, com uma contrapartida pequena.

Caçapava possui 13 ou 14 universidades que visitam o interior do município várias vezes no ano, o turismo pedagógico, os cursos já estão indo para o interior, e o pessoal está indo e voltando e não deixando recursos para o município, pois não conseguimos receber todos eles na cidade, deveria existir mais recursos para que eles se hospedassem, embora gaste pouco, mas devem aumentar o tempo de permanência, o município carece de serviço, necessita de atrativos que possam ser disponibilizados para que as pessoas aumentem o seu tempo de permanência. O turismo ecológico é fortíssimo pois aqui tem-se o pico do morcego, guaritas, minas, o apelo geológico é muito grande, tanto o aspecto ambiental, como estudo, parte de aventura esse eu acho que é o caminho de Caçapava, o turismo de natureza. Ressaltou que conhece parques que fazem ele acreditar que sem sombra de dúvida é a melhor proposta que ele conhece.

Acredita que em 20 anos, e isto dependerá da mineração, quem vem para trabalhar. A mineração se trouxer apenas corpo técnico, a gastronomia do local vai estar mais elevada, se tiver pessoal chão de fábrica já é diferente. Se tiver engenheiros e pessoal capacitado vai melhorar as pousadas, mas se vierem

operários chão de fábrica é apenas alojamento. Tudo depende do impacto da grande empresa que virá. Na questão do turismo se seguirmos fazendo o que fazemos vai ter outra característica, vai ter as pousadinhas, temos de criar uma identidade na localidade voltada para o turismo, isso depende da própria comunidade, dos empreendedores e do setor público. Se a comunidade enxergar este potencial um dia a comunidade estará como Nova Petrópolis.

Para fechar a entrevista ele deixou uma palavra para as Minas do Camaquã. A palavra foi família e explicou dizendo que a comunidade é como os filhos que perderam o pai, a comunidade está se adequando, trocaram os proprietários do entorno, está se adaptando, acredita que as pessoas devem estar unidas, quanto mais turistas tiverem melhor. Acredita que está começando a se acertar com a comunidade, Minas do Camaquã está começando a ter uma identidade própria, as pessoas estão começando a se ajudar mais, a se comunicar mais. Sente se hoje como parte integrante das Minas do Camaquã, sente a interação do homem com a natureza. Diz que a vila tem identidade própria e é uma grande família.

Moradores locais – Empreendedores no ramo de alimentação e hospedagem A

Moradores da vila, ele e a esposa são responsáveis pelo empreendimento. Nasceu lá vai fazer 40 anos que permanece no local trabalhou na CBC, e tem 12 anos de empreendimento, trabalha com duas meninas moradoras da vila, para serviço em meio turno. Sente a receptividade da comunidade, e comenta que o pessoal da mina não frequenta o restaurante, os moradores não frequentam para almoçar nem jantar apenas em ocasiões especiais como aniversários, e que o público maior é o pessoal das firmas, a prefeitura quando vem fazer evento na localidade, a farrapo, a corsan, universidade, excursão. Também relatou que trabalha diariamente por que atende funcionários de uma empresa de exploração mineral, se não seria apenas eventos. Quando começaram era apenas trabalho dedicado aos eventos, depois que uma empresa de exploração mineral começou e contratou eles começaram assiduamente, mas por exemplo sábado e domingo não trabalham pois não tem movimento. E comentou que não adianta abrir o restaurante se não haverá movimento. Que o domingo que seria um dia normal de ter clientes nos restaurantes nas minas não tem movimento no domingo, então não adianta abrir pois não haverá público, mas que se houver encomenda ele abre. Teve bastante

movimento com empreendimento de esportes de aventura, mas um pouco é a crise que gerou nesse final de ano, vieram menos pessoas ficaram mais em barracas. Comentou que o público que espera, que venha para hospedagem e restaurante e que consuma isso, na verdade as pessoas vêm para ficar em acampamentos, ficar na barragem, ficar na casa de alguém por que aqui tem muitas pessoas que ficam em casas de amigos que emprestam. Às vezes é refeições ou não, quando as pessoas vêm passar o dia, por exemplo domingo passado que veio uma excursão com pessoas de Porto Alegre então almoçaram no restaurante, por que oferece refeição, as pessoas marcam conosco que vão almoçar aqui. Só que no verão de um modo geral o movimento foi pouco. No outro ano o fluxo foi bem menor e neste ano também, em prol de outros que não tinha tanta estrutura, porém tinha mais movimento, agora há mais estrutura e menos movimento de pessoas e aqui as pessoas falam muito também da precariedade da estrada o que dificulta também.

O empreendimento de esportes de aventura combina com as características da comunidade sabemos que é bom para a comunidade pois conhece-se as pessoas que trabalham na empresa, com isso é possível uma maior integração.

No começo a empresa (restaurante) supriu bastante as necessidades, existia menos estrutura e havia mais movimento, ocorriam mais eventos e as vezes aconteciam eventos quando menos se esperava, hoje não, hoje tem-se estrutura como duas pousadas, restaurante e lavanderia, mas está faltando público, estão faltando turistas, normalmente você cria as coisas para o público, mas hoje as coisas existem, mas não há público suficiente para a demanda. Trabalha-se mais para excursões. A comunidade, na verdade não quer muito movimento, muito turismo, então quando ocorre um evento e que faça barulho eles não gostam muito, pois a maioria são idosos, a comunidade fica meio estática a isso não se importa, mas também não ajuda, ficando um impasse. A comunidade ainda não está preparada para receber, então quando ocorrem mais eventos na localidade relatou que trabalha com mais duas meninas e que compram pão caseiro, doce caseiro tudo da comunidade que poderia fazer mais e no fim acaba não fazendo, visto que isto poderia gerar mais trabalhos, quanto mais gente mais serviço, acaba que a mão de obra fica toda por conta do restaurante que faz o pão caseiro e doces regionais por que as pessoas da comunidade não têm interesse em participar.

Na visão deles para o empreendimento seria bom a abertura de uma empresa de exploração mineral, e que esta empresa viesse logo, preferencia até o final do

ano para que houvessem mais benefícios, se não pode ser que o restaurante feche as portas. Acreditam ainda que a retomada da mineração é a salvação de todos, pois na vila existem muitos jovens que estão indo embora, não existe emprego, não tem um curso, não tem nada, é necessário sair em busca em outro lugar. Então a comunidade está ficando sem os jovens, estão ficando apenas pessoas mais idosas, o jovem tem cabeça aberta para as coisas, os jovens que tem uma ideia boa que querem fazer. Em outro sentido se não houver a mina o turismo aqui não sustentará todos nós, a palavra é essa, não sustenta, por que tem várias coisas, quer dizer que tem cinco pousadas e não tem público para uma, quem dirá para cinco. Relatou ainda que alguém está sofrendo com isso. Não tem como dizer a minha pousada está bem está ótima, alguém está sofrendo por que está gerando conta que não está tendo lucro.

O ponto forte é a pedra da cruz, mas não é só a pedra da cruz, é a água, a barragem, a tirolesa chama bastante gente que já é um baita atrativo no meio natural, tem ali o céu aberto que tem aquele lago, tem o Camaquã que o pessoal vem muito em passagem para as Minas do Camaquã por causa do rio Camaquã que tem várias pessoas que vão, então aqui tem muitas belezas, e o que está desagradando na paisagem é a caída do cine rodeio, que está horrível, pois você vê toda essa beleza e chega ali e o cine caindo num lugar bonito então fica meio chato. A prefeitura faz só o básico do básico, tem dias que o lixo está espalhado por tudo.

- “A prefeitura tem um descaso por nós muito grande, nós pagamos imposto, eu pago IPTU, eu pago luz, eu pago água, pago tudo, mas o retorno que ela nos dá é bem pouquinho é o mínimo ela colocar uma luz aqui na rua, se tu andar de noite aqui não tem iluminação tu vais ter que andar com a lanterna, por que não tem iluminação é escuro”. O cine rodeio está caindo, o ginásio está caindo e pode se notar que toda a estrutura aqui que era para estar tudo arrumadinho tudo limpinho também está ruindo. Sonhando um pouco a vila poderia ser o mesmo que Gramado que é pequeno cada um cuidando do seu pátio seria ótimo, as pessoas não querem esse vínculo com o turismo, é desagradável, mas a comunidade não se importa com o turismo.

Ressaltou que quando começou faziam os eventos do nada. Porém desde que começaram para os dias de hoje muito pouco mudou, mudou a estrutura, parece que agora possuem mais coisas, mas o cliente parece que se sumiu, diminuiu mais, bem mais, há anos atrás tínhamos eventos até seis vezes por ano com bastante

gente chegando a 300 pessoas. O público são pessoas do projeto portal que traz muita gente aqui e a universidade de Porto Alegre, Universidade de São Paulo, Universidade de Pelotas, existiam eventos, mas de alguns anos para cá os eventos foram diminuindo, hoje se acontecerem um ou dois no ano é muito. Existem pessoas que vem final de semana passam o dia e vão embora. Existem clientes assíduos anualmente, que são o pessoal do “*paintball*” do “*airsoft*” que vem todos os anos, a universidade de Porto Alegre que vem todos os anos e de Pelotas também a ufologia, quando vem Pelotas não vem Porto Alegre, então são quatro excursões que pode-se contar todos os anos, mas entre este tempo de eles virem ou não, não existem clientes, apenas o pessoal da empresa de exploração mineral, ou vem um grupo de pessoas, que vem passear, mas não vem dormir, a clientela é para o restaurante, fora os eventos não tem cliente, o cliente está bem restrito.

Desejando a possibilidade de que se instale uma empresa de mineração no final do ano eles acreditam que irão ter êxito, pois do contrário pretendem ir embora da vila, devido a fatores familiares como os filhos e falou que o salário que estão ganhando embora tenham casa própria, que devem ter receita para continuar morando para se manter existem as contas fixas e se de repente não consegue pagar estas contas, então enfatiza que o turismo não está dando lucro, para isso necessitaria um público melhor, a aposta é a mina, pois o turismo é muito fraco. Além disso a estrada é ruim, as pessoas não querem colocar seus carros bons na estrada que faz parte do DAER, quem tem que cuidar é o DAER, a prefeitura poderia contribuir pois a estrada é para as minas, porém faz o mínimo do mínimo.

Durante os dias em que foi realizada a entrevista comentaram que a estrada estava boa, mas que havia passado quase um ano intransitável, as pessoas não vem, quando você convida e fala na mina a primeira coisa que o pessoal fala é da estrada. Segundo seus relatos um empresário tentou emprestar seu maquinário para arrumar, porém foi vetado, o pessoal não quer o DAER não deixa, então o que poderia contribuir não pode pela questão burocrática, ainda tem que melhorar a infraestrutura dentro da vila como limpeza, organização, itens que fazem parte da prefeitura, um dever da prefeitura fazer, porém não fazem é necessário que se faça uma pressão aos agentes públicos. Algumas coisas que necessitam cuidado como o lazer, pois as pessoas que lá residem não têm um lazer, para jogar futebol não tem um campo de futebol, o cine rodeio onde se fazia festa e fazia boate está interdito e vai cair futuramente se a prefeitura não cuidar vai terminar, o patrimônio que existe

aqui que era a CBC que cuidava e sempre cuidou passou para prefeitura, o órgão não se importa. Existe uma ambulância, mas falta da parte da saúde, não tem médico, não tem atendente. Quando ocorrem acidentes existe apenas uma enfermeira, relatou que já houveram eventos e que pessoas se acidentaram e teve de levantar de madrugada para levar os acidentados para a sede do município.

Politicamente tem duas visões ou vem a mina e os jovens retornam pra trabalhar e se fixar, ou de repente vão todos embora e de repente vai ficar o pessoal idoso, neste sentido terminando tudo na vila, a alguns anos atrás aqui nas minas ficou bem pouquinho gente tinha menos de 100 pessoas, existia umas 50 pessoas morando, se não houver uma indústria, algo que fique aqui, e que seja captado aqui reverta em renda para cá, por que tudo que é captado aqui vai pra Caçapava do Sul. Se houvesse evento ali no cine rodeio, antigamente faziam, mas o lucro ia todo pra Caçapava então nunca se arrumou o cine rodeio, nunca houve uma melhoria para a comunidade, nesse sentido não serve, deve ficar aqui. Uma indústria seria ótimo porque vai gerar serviço vai ter trabalhadores, vai ter pessoas consumindo, jovens trabalhando, aqui não tem jovens trabalhando, a aposta daqui a cinco, dez ou quinze anos é a mina se não tiver uma mina aqui, que tenha uma fonte de emprego uma fonte de renda para o pessoal aqui, vai acabar assim tu vais vir aqui vai ter um morador aqui outro ali apenas aposentados.

Os jovens vão para a cidade pois hoje em dia o jovem não quer estar parado num lugar que não tem acesso a internet que não tem acesso a outros jovens, vou ter um restaurante aqui, uma estrutura toda montada para? Se não tem ninguém. Quantos lugares por aí que não tem ninguém, não tem movimento nem nada, então tu tens que procurar outro rumo. Por isso a porta principal é na mina, há uns dois ou três anos atrás a gente apostava no turismo, queria o turismo, os turistas aqui dentro fez-se de tudo, tratando as pessoas bem, querendo aqueles clientes, mas houve um desanimo nesse sentido assim que as pessoas não vem muito, tínhamos muito mais eventos, mas é que sabe é uma pessoa ou outra descontenta, uma pessoa ou outra fala o que não devia ai os eventos vão acabando, então tínhamos muito mais eventos assíduos no passado do que tem hoje, existiam muito mais eventos de verão, agora não tem nada, agora vai para o 3º ano que não tem nada no verão as pessoas vem e só tem a natureza e antes tinha um baile, uma boate, um jogo, tinha Atlântida vôlei tinha um pessoal fazendo boate dia e noite, tinha os motoqueiros aqui dentro, agora não tem mais motoqueiro não tem mais nada, então o turista veio mas

foi embora esses a gente não conta mais, acho que é um dos pontos que a comunidade contribuiu para que os turistas se afastassem. O público quer ser agradado ele quer que conte história, quer que seja bem receptivo, pode contar uma coisa corriqueira da casa, mas é necessário receber bem, informar bem, não mentir, não desagradar. Eles colocam na internet e toda mídia vai ficar sabendo, vou lá em tal lugar e lá fui mal recebido, então existe um lado bom e um lado ruim da mídia.

A aposta é na mina agora, a visão é na mina, que ela venha logo, por que se não há de se buscar outros caminhos. No inverno são poucos turistas, as pessoas não saem no frio, aqueles dias de geada, um dia nublado para turista é péssimo as pessoas gostam de sol, pode estar muito frio mas tem que ter sol, nas minas é muito nublado, tem muita cerração é frio. Passa-se grande parte do inverno sem turista, são poucos turistas que vem.

Como palavra para as minas do Camaquã eles falaram a palavra união, as pessoas devem se unir para que as coisas aconteçam senão não acontece nada, senão cada um puxa para um lado e não acontece nada.

Moradora local empreendedora no ramo de hospedagem

A empreendedora é moradora da vila desde os nove anos, mais de quarenta anos nas minas relatou que quando a mineração funcionava era bom pois tinha bastante movimento. A relação como era e como é atualmente falou que depois que começou o turismo e a empresa de esportes de aventura se instalou na localidade melhorou bastante, antes era bem parado, ela possui casas para alugar e seu pai foi trabalhador da mina. Trabalhou na escola Glady Machado, atualmente trabalha em casa e sente saudade da época em que a mineração funcionava. Existia uma grande infraestrutura, onde o morador não pagava, como energia por exemplo, era um preço simbólico e descontado dos empregados. Relatou ainda que não lembra dos pontos negativos da mineração e que hoje é muito feliz morando na vila. Acredita o principal ponto negativo foi o fechamento da CBC, acabou ficando tudo parado, as pessoas comentavam que era a mina fantasma, os moradores começaram a ir embora para as crianças estudar. A escola aqui tem grande movimento para o interior do município, acolhe muitas crianças do interior.

Com relação a infraestrutura atual da vila, a mesma comentou que são atendidos por Caçapava, e ainda é pouco atendimento para a localidade, faltam

médicos, o atendimento é uma vez por mês e a estrada é ruim, estes são pontos negativos atuais. Acredita que a volta da mineração vai dar mais emprego, gosta da empresa de esportes de aventura, pois traz muitas coisas para a comunidade, falou que faz bastante coisas caseiras como pão, pizza, cuca e artesanato. Procura atender bem as pessoas e que no final do ano teve bastante movimento, possui uma casa para aluguel, uma casa simples, mas que tem tudo.

Também relatou que gostaria que a localidade fosse protegida. Acredita que o movimento atualmente para a vila é mais a questão do turismo. E como palavra para a localidade falou em esperança, esperança para que cada vez melhore mais.

Representante de órgão público Municipal – Secretaria de Turismo

Em conversa com participante da secretaria de turismo de Caçapava do Sul ouviu-se o relato de que existe um plano de governo que foi estabelecido pelo prefeito, onde as prioridades desenvolvidas seriam três, que são saúde, educação e ação social, e que cada secretaria tem as suas prioridades sendo que para a secretaria de turismo é com relação a parte de organização em si da secretaria, trabalhou-se a parte administrativa e as Minas do Camaquã que é um local turístico. Claro que é uma prioridade dentro da organização para as próprias minas, por questão de recursos teve gente que reclamou da falta de cuidado do cine rodeio, da limpeza da mina, até mesmo da contribuição em relação aos empreendimentos que estão acontecendo lá, por questões financeiras tem coisas que não foi possível fazer. O cine é uma prioridade de restauro, sim é uma prioridade. Para a secretaria as minas do Camaquã é um dos pontos mais importantes do município até mesmo por que para o turista chegar até as Minas do Camaquã, existem as guaritas passa-se por todo aquele espaço, para além disso existe o problema financeiro, existe um funcionário e entende-se que seria necessário mais para que fosse mantida a limpeza, por que uma única pessoa é quase que impossível fazer isso, a manutenção em si está em mau estado, este é um dos pontos. O próprio cine está caindo e busca-se tentativas para que que alguém que financie uma possível restauração, dentro da própria secretaria, a prioridade é conseguir um projeto que financie a restauração do cine rodeio. Manutenção e limpeza é o que a comunidade mais cobra, a retirada de animais da rua, as pessoas cuidam a frente das casas e vem os animais e estragam, a retirada do lixo que é feita quinzenalmente.

Quanto aos pontos positivos empreendimento de esportes de aventura é extremamente positivo, pois mudou totalmente o espaço que era abandonado, modificou o espaço, é um local que possui pousada que possui hotéis, casas de aluguel as quais as pessoas podem ir lá descansar e como ponto negativo o acesso é o principal, a estrada, tem-se bastante problema, embora ela não seja do município, mas o acesso é problema, e a manutenção do espaço público em si que é função da prefeitura que é essa função da limpeza. Os prédios da prefeitura, como o antigo hospital, o cine rodeio, o clube campestre, o ginásio (talvez reformado até o final do ano, vai depender do recurso) a rua em si, a iluminação tem que ter a manutenção da prefeitura, a limpeza de rua, a retirada dos dejetos de limpeza dos pátios. Quanto ao plano diretor a não havia uma informação se era área urbana e/ou rural. Pela função do próprio turismo deve-se desenvolver o plano diretor, toda a questão das casas, tem que conservar, acredita-se que o pessoal que compra terreno deve conservar a arquitetura das casas, isto seria um diferencial para a localidade se as novas construções tivessem a mesma arquitetura. Uma coisa interessante é que tivesse um plano diretor apenas das Minas do Camaquã e que se desenvolvesse turisticamente com qualidade que tenha estrutura para receber as pessoas. As pessoas se apropriarem do que é seu, gostarem do que é seu e entenderem a importância do local para a própria vida deles, parece que a comunidade quer ficar sozinha, muitos não querem movimento na vila, muitos deles conservadores, irão dizer: - “agora eu vim pra cá e não tem descanso”.

Com relação a promoção de campanhas e ou debates para a conscientização da população local na vila, foi relatado que não se faz debates de conscientização da localidade com os moradores. Na realidade, passa-se pelos lugares e conversa-se com os moradores, mas não algo assim institucionalizado, porém é feito. O plano de turismo está sendo feito por um rapaz contratado da prefeitura. A secretaria não possui um grande potencial, por que não tem tanto recurso, mas como todo recurso é livre, a equipe é pequena, pouco qualificada e não possui o recurso, pouco pode ser feito, porém na cultura a coisa fluiu e no turismo não foi tão bom.

Quanto a volta da mineração pensa-se que seja ótima, por que é uma maneira de valorizar ainda mais aquele espaço, emprego e renda, muita gente circulando acredita ser excelente e não percebe que haverá problema entre o empreendimento de esportes de aventura com a outra mina que vai ocorrer.

Anteriormente como já diz a palavra lá era uma mina, viver lá era tudo que tinha de bom, hoje não vai ser da mesma maneira, na época as pessoas tinham tudo, não pagavam água nem luz o mercado era mais barato, eles também não tinham muito que gastar, podiam fazer alguma coisa, construir alguma coisa para a vida deles e que hoje não existe mais aquele paternalismo. Quanto a questão da volta da mineração e da conservação ambiental, as duas andam junto, por que voltando a mineração eles terão de fazer a conservação ambiental que é totalmente diferente também do que era antes chegar em uma propriedade chegar lá escavar e deixar hoje não, hoje existem regras de conservação.

Entre os elementos que estragam a paisagem, a sujeira é um elemento que estraga, elementos que valorizam podem ser bem simples, mas desde que bem conservados, bem limpinhos, grama bem cortada, que não tenha prédios caindo. Ao chegar nas minas você se depara com o cine caindo aos pedaços, o ginásio caindo aos pedaços, dá uma sensação de má impressão. É muito difícil para captar recurso hoje, existem projetos que estão prontos e aprovados, mas que não se conseguiu os recursos ainda. Necessita de alguém que faça o projeto de restauro do cine rodeio, a própria universidade poderia fazer o projeto, alguém que assine e que depois se faça a captação desse recurso. Por que primeiro tem que fazer o projeto arquitetônico para depois fazer o projeto de captação. O Cine rodeio seria melhor aproveitado para visitação em si, colocado como espaço para visitação, um museu, um centro de visitação um café, uma lojinha de souvenirs.

Em termos de natureza a Pedra da Cruz é um atrativo natural, é o cartão postal, aquilo é valorizado, o próprio cine e a história da mineração do que resta ainda, as galerias, aquelas que são mais exploradas, os equipamentos utilizados que estão atirados, aqueles equipamentos aquilo ali faz parte da história poderia ser mais cuidado. Então a pedra da cruz, o cine, o hospital no espaço que existe. Acredita-se que aquilo ali é muito importante. O próprio CTG que também é histórico, aquela casa de pedra linda, onde lá embaixo tinha uma senzala. Pode-se descer e andar lá dentro, está inteira, desce mais embaixo ainda onde é possível visualizar a senzala.

Quando questionada sobre uma parceria entre os municípios de Santana da Boa Vista e Caçapava do Sul, ouviu-se o relato de que não existe parceria entre os mesmos, a pedra da cruz é em Santana da boa vista. Existe o contato com os

municípios de Bagé e Lavras do Sul, mais entre os municípios da região do pampa que possuem uma associação em Bagé onde ocorre uma troca de experiências.

Acredita-se que a região vai crescer, enxerga crescimento, em função do turismo e em função da própria mineração, percebe-se um futuro crescimento. Porém existe uma outra coisa, as pessoas mais velhas são conservadoras, mas tem outro lado, a população jovem também está enxergando isso, os mais velhos vão se acostumar e os jovens vão explorar o turismo.

Como palavra para as Minas do Camaquã falou em Aventura, e justificou que pela estrutura em si, pela estrutura da própria mina percebe desde a própria exploração, como uma aventura você entrar naquelas galerias e descer vários metros ali abaixo. – “Eu sinceramente não teria coragem de trabalhar lá, então para mim isso ai é aventura”.

Professor de ensino superior federal

É geólogo, possui três anos de docência atuando na UNIPAMPA, no município de Caçapava do Sul possui projetos de extensão, dentre eles um que foi feito nas Minas do Camaquã, que se chama capacitação geológica dos moradores da região das Minas do Camaquã e possui projetos de pesquisa desde o segundo ano de graduação que sempre estiveram relacionados com a localidade como o trabalho de conclusão de mestrado e doutorado na região de Caçapava do Sul e Vila Nova, faz pesquisa sobre rochas vulcânicas, procurando entender a origem e evolução das rochas vulcânicas de Caçapava do Sul.

O projeto de capacitação faz um ano que começou em maio do ano passado, onde a ideia inicial era ensinar geologia para os profissionais de turismo que são basicamente as pessoas que trabalham como condutores de turismo de aventura na empresa de esportes de aventura, inicialmente acreditava que haviam muitas pessoas trabalhando nessa empresa e também pensava que ia ensinar geologia para eles, para que eles falassem sobre a geologia das minas para os turistas, as pessoas que visitam a localidade. Pessoas que vão praticar a tirolesa, a canoagem, o arborismo, mais para ensinar geologia para os profissionais, então percebeu-se que eram poucas pessoas que estavam trabalhando na empresa e decidiram ampliar o curso, ampliar o projeto para mais pessoas, então ampliou o curso para a comunidade e o público que mais apareceu foram os alunos e professores da

localidade além de alguns moradores locais. Houve uma receptividade boa por parte da comunidade por que também procurou-se relacionar vários conhecimentos teóricos de geologia com a geologia da região.

Quanto a época em que a mineração funcionava não pesquisou muito pois não era morador da região, não pesquisou, mas sabe que na época o desenvolvimento era grande, e com certeza existe uma transformação grande com a volta da mineração, porém desde que exista um controle ambiental por parte da empresa e se for tudo dentro das normas acredita que a volta da mineração é uma boa oportunidade para a região.

Anteriormente quando a mina funcionava eles eram mais organizados, a localidade era bem à frente de toda região. Com relação a volta da mineração o professor tem uma grande expectativa também para os moradores e para os alunos de geologia para um possível trabalho na mineração. Acredita que a volta da mineração será uma boa oportunidade para a região, acredita que o curso de geologia pode ajudar bastante com relação as ideias com relação aos impactos ambientais causados pela mineração.

Acredita-se que o empreendimento de esportes de aventura salvou a localidade nos últimos anos, e acredita que por se tratar de um empresário local é bom pois oferece oportunidade para os jovens que moram lá e estão saindo da localidade, veem oportunidade para o jovem local através do turismo, pois é um estímulo a mais que eles possuem para ficar na região. Acredita que mudaram algumas questões como locais que eram de acesso livre e agora não mais, mas que o empresário é bem tranquilo com relação a isto.

O empreendimento pode trazer uma ideia de sustentabilidade, hoje parece que as pessoas tem a oportunidade de pensar o que querem para a localidade, no início acredita que a comunidade esperava muito mais da empresa de aventura, alguns projetos como o que foi ofertado pelo professor são algumas das oportunidades que o empreendimento levou para a localidade, porém algumas pessoas são alheias ao mesmo, ainda que faça parte da comunidade, e para as pessoas que estão fora da comunidade a empresa é algo mais comum do que para as pessoas da própria comunidade.

Acredita-se que as pessoas poderiam fazer parte do investimento da empresa de esportes de aventura, por exemplo com o cine rodeio, que é uma estrutura que está precária que passou pela chuvarada e estragou, está com uma parte aberta,

seria necessária uma mobilização da comunidade para que reconstruíssem o cine rodeio. Para as pessoas que vão visitar a localidade acredita-se que a rede hoteleira é boa, citou alguns dos principais hotéis e pousadas, talvez seja necessário que existam mais opções de restaurante, hoje existe um mercado que acredita que por enquanto está dando conta dos eventos

Ainda foi relatado que a saúde é uma questão precária na localidade, pois se acontece algo mais grave que não é uma questão de enfermagem tem de se deslocar até Caçapava. Houve um tempo em que a ambulância não ficava na vila, os moradores ligavam e se deslocava um carro, era necessário que moradores contribuíssem com dinheiro para o deslocamento deste carro. Para a comunidade é uma infraestrutura ruim, eles buscam os médicos em Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista.

Dentre os pontos negativos o descaso com a saúde, o acesso e ainda consta como uma estrada do DAER como pavimentada, o que não ocorre.

Entre os pontos positivos o lugar por si só é bom, traz sensações boas é uma cidade contemplativa, onde não existe a necessidade de grandes estruturas e que se não for isso que a comunidade quer, poderia ser ampliado o que já é existente lá, é uma cidade que tem uma versão histórica e foi importante economicamente para o país. Que é muito bom ir lá escalar a pedra da cruz.

É um refúgio de montanhistas, possui uma tranquilidade. Uma outra atividade que poderia dar certo seria a permacultura. Gostaria que o pessoal pensasse em algo permacultural, que pensasse na simplicidade tem muita chance de ter isso lá pela forma como o local está, a questão do ambiente e da paisagem. Eles possuem uma ideia de desenvolvimento sustentável da cidade. Muita coisa poderia poluir também aí perde a sensação da energia, e tem outra coisa que é bem negativa que as escolas lá poderiam ter uma melhoria, o espaço deles é bom, mas não tem incentivo, não tem nada além da sala de aula. Existe o projeto que está acontecendo agora e que gostaríamos que continuasse. As escolas lá têm a questão bem ligada a paisagem ou a geologia através do lugar, por que eles têm como fazer isso, é uma ferramenta deles. Acredita-se que os principais atrativos para a localidade são o turismo e a mineração.

Com a UNIPAMPA, hoje já existem perspectivas de continuar em Caçapava e acredita que se a escola técnica se estabelecer e a mineração as pessoas possam continuar com esta perspectiva de continuar na região das Minas do Camaquã. Vê

as minas do Camaquã como turismo de aventura, sempre teve essa visão desde 2007 quando foi pela primeira vez, sempre olhou para a estrada para as trilhas e imaginou uma pedalada, uma escalada, uma canoagem. Já imaginou roteiros de pedalada com pernoite, caminhada, esportes e geologia.

E pontuou ainda que com a reconstrução de todas as coisas que foram tratadas, sente que as pessoas esperavam estas oportunidades, estes momentos, os projetos da UNIPAMPA, o ensino politécnico que é uma oportunidade para os jovens da comunidade, um viés local, uma oportunidade para eles, tem uma energia que movimenta essas coisas que estão acontecendo. É necessária uma mobilização local perguntando o que eles querem, tentar a criação de um plano diretor, existe muita ciência na volta da comunidade e quem é de fora pode contribuir com isso sem mudar a intenção.

Moradores locais – Empreendedores no ramo de alimentação e hospedagem B

O empreendedor do ramo de alimentação e hospedagem relatou que trabalhou na exploração da mina até 1996, quando houve a paralisação das atividades após isso teve um período que ainda ficou na vila, aguardando uma situação uma definição, notoriamente que não tinha mais interesse no ramo da mineração mas estava buscando uma alternativa para continuar, decidir seu destino econômico, pensou em possibilidades, inicialmente começou no ramo da apicultura, ai mais adiante visualizou a possibilidade de colocar mais alguma coisa nessa parte histórica, que até o ano de 1972 foram os antigos escritórios que existiam da parte de minério, vislumbrou a possibilidade de fazer eventos no final de semana por que na época já estava mais deslocado com a família para Santa Maria. Nos finais de semana várias pessoas sentiam a necessidade de que servisse almoço e janta, decidiu então junto com sua companheira montar um restaurante e decidiram fazer um tipo de proposta de comida diferente, uma coisa mais elaborada por exemplo cuidando dessa parte de gordura, mais salada, mais light em função disso obtivemos sucesso, trabalhavam durante os finais de semana nas minas, a esposa ficou mais um tempo na vila por que na época ela era presidente da associação dos moradores então ela liderava o conjunto de moradores e tinha um acordo junto a prefeitura já que não havia uma subprefeitura aqui e a associação através de funcionários contratados da prefeitura era quem pagava os funcionários e mais os insumos que

era o recolhimento de lixo, os automóveis, o tratamento de água então ela estava bastante fixa aqui e também a atividade do centro espírita que estava com poucas pessoas aqui na casa, mas não deixou que o centro fechasse. A alavancagem do empreendimento aconteceu, com o lançamento do filme valsa para Bruno Stein, onde o produtor veio ver as acomodações do restaurante e existia a necessidade de um espaço, já tinha uma pousada então eles fizeram uma reforma e pensaram em fazer flat. Reformaram a casa e deixaram em condições para que fosse utilizada pelos artistas. Apareceu a oportunidade de ser feito um trabalho junto ao SEBRAE, que tratava sobre a rota do pampa, então juntou-se um grupo de pessoas para que houvesse a possibilidade de trazer turistas para as Minas do Camaquã. Fizeram alguns cursos e chegaram a fundar a associação de pró-turismo que tinha o nome de ASCATUR, e que não chegou a ser oficializada via registros mas existia um estatuto, eles acabaram por se envolver com isso, mas a associação não fortaleceu por que as pessoas não entenderam o sentido da associação e por vários motivos a mesma não foi em frente. Em função disto começaram a elaborar planos, por que já tinham a experiência básica dos flats, tentando adquirir os terrenos para que fossem feitos uma pousada e futuramente fazer um spa.

Começaram com a reforma da pousada, feito isso, a esposa encontrou um técnico de uma empresa de exploração mineral então eles conversaram e ele chegou junto com o pessoal do projeto portal. O restaurante começou em função da doação de um prédio e junto com esse o prédio onde está o restaurante que veio junto no terreno o prédio da pousada. Quando fizeram isto, houve uma invasão das pessoas da comunidade que faziam eventos para tirar recursos para si, quando a esposa foi comunicada dos eventos que ocorriam estava em Santa Maria e não estava sabendo, sugeriu um projeto para recuperar o prédio, fazer banheiros amplos, área com churrasqueira, a ideia era locar para eventos. Em conjunto eles resolveram abrir um restaurante apenas para eventos.

Relataram que sempre gostaram de desafios, e que em quarenta dias e no dia da festa de Santa Bárbara, 05 de dezembro de 2005, apareceram pessoas para fazer a festa e junto um pessoal que comprou uma casa, estava também um repórter de emissora regionalmente conhecida para fazer a matéria sobre campeonato brasileiro de orientação que a esposa promovia, nisto o reporter aproveitou e fez a matéria sobre o restaurante. Em função da entrevista as pessoas começaram a procurar para fazer eventos. A esposa convidou algumas pessoas para trabalhar

junto com ela. Começaram a pedir para acampar dentro dos prédios, então tiveram de fazer algumas reformas, as pessoas do filme Valsa para Bruno Stein se hospedaram lá, e depois que o pessoal foi embora o movimento deu uma diminuída. Eles foram para a praia em janeiro de 2009, quando a esposa resolveu fazer um teste, pensando em limpar e organizar além de fazer um cardápio diferente onde não haveria perdas, e estavam apreciando o final da tarde com um chimarrão e então passou o técnico da empresa de exploração mineral que estava na localidade, e perguntou a elas se serviam janta. Eles vieram na intenção de experimentar a comida, então chegou junto o pessoal do projeto portal, pois trabalhava já com os eventos do pessoal do projeto portal, estava quente e então serviram o jantar no lado de fora do prédio e o pessoal da empresa de exploração mineral pediu para continuar comendo no restaurante, e resolveram fazer um teste para experimentar, logo em seguida pediram para se hospedar na pousada e vinha o pessoal do projeto portal neste sentido a primeira intenção foi trazer o SEBRAE para trazer essa rede que visitasse todo o potencial turístico da região.

As pessoas começaram a procurar e foram indicando de um para outro. Hoje eles estão investindo dinheiro próprio, não estão tendo tanto retorno financeiro, relata que nas minas a construção civil é mais cara, a mão de obra é mais cara, até por que o frete para a localidade é mais caro, basicamente o empreendimento é uma casa com serviço de camareira dando um atendimento mais família, estão tendo sucesso, essa perenização diária de funcionamento se deve ao pessoal da empresa de exploração mineral. Ainda não estão fazendo uma divulgação do negócio por que não tem uma infraestrutura suficiente para fazer divulgação e dar o retorno desejado, mas à medida que a empresa de exploração mineral se afastar buscarão por novos clientes. A falta da associação trouxe um atraso para o negócio, por que não adianta ter uma pousada se a infraestrutura para o turismo esta deficiente. Você não consegue fazer desenvolver nada pois as pessoas não respeitam, devido aos animais soltos na vila. É evidente que o empreendimento de esportes de aventura trouxe um pouco mais de movimento, até mesmo para outros empreendimentos existentes na vila, acreditam que esteja faltando muita coisa para fazer uma propaganda institucional adequada, mas certamente num futuro próximo acreditam que vai melhorar, que já está se tornando melhor na medida de estar recebendo hóspedes, hoje o restaurante é o carro chefe, ocupa muito tempo, é bem desgastante e não tem um retorno como o da pousada por que da forma como

trabalham que é o buffet, sem saber quantas pessoas podem almoçar por dia no restaurante, é necessário que se faça uma estimativa, se vier bastante gente é um corre-corre, os funcionários são excelentes, mas as vezes também sobra muita comida então é complicado. Determinadas coisas pode-se até aproveitar, mas é difícil é complicado neste sentido. Fazer um cardápio ala carte sai mais caro. Propoem-se a fazer do local uma coisa com cenário diferente.

Quando o SEBRAE esteve presente eles criaram a missão da empresa que é a seguinte:

“Proporcionar a plena satisfação dos clientes por meio da excelência dos serviços prestados e qualificada alimentação. Tratar os clientes de forma respeitosa e acolhedora de maneira que eles se sintam em um local agradável e envolvidos pelas belezas que a natureza local oferece”.

Neste sentido relataram que tudo que fazem tem uma visão da missão profissional, existe a amizade, mas temos o profissionalismo que tem que estar baseado em cima deste tipo de sentimento, e esta parece ser uma fonte do sucesso do empreendimento, nem sempre podem estar presente, tem-se de ter convivência com família e amigos, em função disso e em preparação das Joias da Coroa (meninas que trabalham com eles), por isso treinando as funcionárias, seis na cozinha que tratam das refeições, mais quatro camareiras e dois externos pra fazer limpeza, poda, organização, construção. Relata que o horário em que começam a trabalhar é muito cedo, a partir das 5:15hs da manhã se preparando para pegar as funcionárias, de fato não teria necessidade de pegar os funcionários, porém é melhor pois a produção das funcionárias melhora. Não era fornecido almoço durante a semana para sobrar mais tempo. Desde o dia 4 de janeiro as pessoas estavam pedindo para comer com eles, café, almoço e janta, é uma tarefa estressante, mesmo com os 12 funcionários.

Quanto ao aspecto paisagístico urbanístico, é tudo coisa da esposa que possui uma veia artística, que são três qualidades fundamentais para o empreendimento, que são a veia artística, o olfato e o paladar. Quando está cozinhando uma carne, uma comida, disse que tem uma certa aversão a determinadas coisas, se você tem a aversão você sente o gosto. Foi em função disso que sentiu a necessidade de ir acrescentando coisas. É uma coisa diferente, você deve sentir o cheiro do alimento e aquilo deve te fazer bem e você procura amenizar aquilo para ti.

São duas vertentes que estamos tentando tratar, que é a parte turística que é um tipo de cliente diferenciado que vem aqui, é aquele que gosta da natureza, tem a parte espiritual, espiritualista que hoje tem uma certa procura até em função da casa espiritual, também o projeto portal. Os esportes radicais que estão sendo introduzidos sempre atraem, e o que atrai também é a mineração, relata que estão planejando absorver esta parte da empresa de engenheiros e funcionários que não necessitem hospedar sua família. A parte ambiciosa seria transformar o prédio em um SPA e um restaurante de nível superior. De qualquer maneira estão investindo para que os sonhos se realizem. Se for o caso são passíveis de negociação, mas são telúricos, se saírem da localidade sentem que irão morrer.

Estimam atender aproximadamente mais de mil pessoas futuramente. A empreendedora lembrou que a região também é indígena. Relata que hoje existe um problema dentro da propriedade deles que é o acesso a prainha, que legalmente não pode ser fechada pois os moradores necessitam ter livre acesso ao local com balneabilidade.

Para investir em seu empreendimento primeiramente a empreendedora acredita que o local tem de ser limpo. Hoje a prioridade maior é a recuperação dos prédios e procurar investir no que dá retorno imediato. Ainda falou que estão reformando alguns prédios para que obtenham algum retorno imediato.

Acreditam que a comunidade recebeu bem o empreendimento de esportes de aventura, quanto aos aspectos das atividades o negócio foi bem recebido. Acredita que o projeto é interessante.

Existe dificuldade em ter funcionários, pois existe uma certa sociedade patriarcal onde a esposa ainda tem algumas obrigações para com o marido. A mão de obra mais intensa é necessária mais no final de semana, pois em dia de semana existem poucas pessoas na localidade. A mão de obra é complicada pois existe dificuldade, há de ir jogando aceita-se por que tem que buscar o interesse do outro lado. O projeto do empreendimento de esportes de aventura é interessante é uma divulgação, permitiu que algumas empresas venham fazer turismo de mergulho na mina a céu aberto.

Quando perguntados se a empresa de esportes de aventura combina com as características da região, a resposta foi sim, você pode desfrutar da região apreciando a natureza, o arborismo. Comentou que existe um site, onde as pessoas podem fazer suas observações com comentários e que lá elas podem escrever onde

está faltando identificação dos locais. Teceu pequenas críticas avaliando como por exemplo dizendo que é bom ter o rio para canoagem, porém é necessário que o rio esteja limpo, a comunidade deve ajudar a conservar neste ponto, e a comunidade é totalmente nula. Falta a contribuição da comunidade para isso. A associação administrava fez um contrato para administrar o local e o poder público não cumpriu com o contrato, esta associação entrou em descredito com a população, em todos os sentidos, dificultou. O povo já é insurgente e sem estímulo e incentivo fica pior ainda. O associativismo é complicado, as pessoas não abraçam as causas, devem arregaçar as mangas. Nas minas a população é mais tranquila, o pouco serve. A lida existente é campeira, tem vários outros tipos de trabalhos, porém não tem a visão industrial, da cultura da serra por exemplo a cidade de Caxias do Sul. O estilo de vida é o proprietário e o outro trabalhando. Na vila as pessoas possuem uma grande vantagem, se adoecerem vão de ambulância para a sede do município, chega na ambulância e tem prioridade. Quando o marido pensa na questão da comida no meio dia de domingo, é uma cultura e não adianta você rebelar-se contra isso. As pessoas que ficaram na vila, já não são mais mineiros, são pessoas que ficaram na vila. Acreditam que a comunidade precisa de “cacique”, alguém que chegue e comande as ações que devem ser feitas, e ainda assim a pessoa vai se sentir vitimada, por que se você não agradar alguém você já não presta mais.

As pessoas pediram a esposa do empreendedor (que também é empreendedora) para que ela retomasse a associação de moradores inclusive ela já está com o estatuto pronto, para que a comunidade possa recuperar o patrimônio que era dela e que foi doado para a prefeitura (exemplo o cine rodeio) o fato do atraso é o modo cultural da população ver a situação, o minerador em si não fazia isso, as pessoas que vivem aqui dizem que o mato pode tomar conta. Ainda existem na comunidade alguns pensamentos que fazem o lugar ser degradado, em função disso não se torna um local magnífico.

Segundo eles está definido que a mineração retornará em 2019, 2020 e vai ser fundamental para alavancar a localidade, tem toda parte ambiental, hoje a legislação é rígida, não vai envolver as antigas áreas, não vai passar nas minas em si, no máximo vai passar pela RS aqui, estará deslocada a 6km daqui próximo a localidade do Passo do Caçõ, todos os insumos praticamente não passarão por dentro da área, pois existe um passivo ambiental de anteriormente que a empresa não irá se envolver. A empresa (exploratória) vai dar o transporte, não se faz mais

investimentos como daquela vila como existia anteriormente. A empresa que irá explorar a região próxima alugou a casa do João Dias e está usando como escritório, não tem interesse em se envolver pois tem um passivo ambiental muito forte ainda. Não houve parceria com os moradores no início do empreendimento de esportes de aventura. Os eventos devem contar com pedido de policiamento, que não tem na localidade quando ocorrem os eventos. É difícil fazer um evento contando com os moradores e outras áreas sem contar com o apoio da comunidade e dentro da área dos moradores.

Quanto aos elementos que valorizam a paisagem acreditam que são todos, o conjunto, tudo agrega, o desrespeito faz com que degrade, quando existe o desrespeito está desmanchando as belezas, neste sentido as belezas são o conjunto todo, cada espaço tem um significado, cada cantinho tem uma história, a natureza, ela pode ser estudada, ela pode ser explorada é o todo.

Quanto ao que deve melhorar relataram que o acesso é algo que deve melhorar e o básico que é a limpeza urbana, a partir do momento que existe a manutenção das vias públicas por exemplo, a iluminação pública, ruas que tem acesso a grandes áreas que poderiam ser pontos de lazer e se encontram dentro do mato e está dentro de uma área pública, uma área que poderia ser totalmente organizada, a limpeza urbana já daria uma outra visão do que é Minas do Camaquã. Pode-se fazer comparação de como era antes e como é hoje. Isso é irresponsabilidade pública, e o povo tem parcela de culpa, eles esperam que a empreendedora assuma a associação de moradores pois ela não tem medo de enfrentar as pessoas e tem coragem de chegar no ministério público e cobrar.

O cine rodeio está dentro de uma nascente de água e tem um dreno que sai no ginásio que foi fechado pela sujeira, é um conjunto de coisas, que isso não é apenas limpar uma fachada. A escola está interditada, por que existe uma área com nascente de água que escorre pela lateral da escola e sai na frente da escola e sai num bueiro que desemboca no rio. A água tem que sair, então começou a infiltrar por baixo da escola, é incrível, mas é descaso. O prédio da escola está desativado pois vai ruir por causa da limpeza, são três salas de aula desativadas por que fecharam a nascente de água. É um conjunto de coisas que se torna complicado.

A associação de moradores esta inativa por estar inadimplente. Essa que está se formando agora é uma outra associação. A comunidade é pacata com pouca iniciativa no âmbito de turismo, mas com grande expectativa da mineração, daqui

uns dez anos talvez a mineração esteja em pleno funcionamento, mas está faltando união, principalmente no termo associativo e no aspecto cultural como comentado anteriormente, do povo tentar progredir buscando seus direitos e verificando seus deveres.

A tendência é alavancar, voltar ativa total de novo, mas precisa a comunidade estar unida para trabalhar junto, junto com os desenvolvimentos também vem os problemas, espera-se que haja retorno devido dos impostos. A empresa de exploração mineral está se preparando para auxiliar com a educação, à medida que gera imposto não gera mais a situação da administração municipal que fala que gera apenas prejuízo, haverá novamente uma geração de imposto maior que a do próprio município. Estão valorizando muito na vila o setor imobiliário onde as casas estão com valor superior ao centro do município, a própria prefeitura supervalorizou a região na expectativa de exploração da região. Deverá existir uma subprefeitura, terá que voltar um hospital em uns dez anos próximos, o que vai fazer com que cresça a região. A medida que avança o desenvolvimento acredita-se que o acesso vai melhorar.

A partir do momento em que vem uma evolução vem também as consequências da evolução, esse tipo de coisa também vem junto e ela já está chegando junto por que o número de dependentes químicos está se tornando uma coisa séria, irreversível.

Os empreendedores acreditam que a vila terá um futuro promissor sob o aspecto da mineração, é uma vocação da região, entressafra da mineração planejados 35 anos de atividade no ramo da mineração, provavelmente uma nova mentalidade, isso vai chamar outros empreendedores, à medida que existe a mineração, nós os empreendedores vamos identificar isso aqui e trabalhar e provavelmente alavanque o turismo também, muitos tem aquela perspectiva que o turismo possa ser afetado, não pois a mineração está a alguns quilômetros daqui a empresa tem uma visão social, não vai usar a área exclusivamente para mineradora. Acreditam que o futuro é promissor.